CAPITULO VIII

O NUDISMO E' IMORAL?

Muitas pessoas crêm que o nudismo é imoral ou mesmo pornográfico. Isto é um erro. O nudismo praticado por pessoas de qualidades morais e com fins honestos, é perfeitamente moral. Ao que se diz, referente á excitação sexual provocada pela contínua contemplação do nú, não é mais que uma pura imaginação. Nos campos nudistas isto não se observa. O nudismo é formado, na sua imensa maioria, por pessoas decentes que almejam melhorar suas condições de saúde e aumentar suas forças organicas, como as qualidades psiquicas.

Não cremos que provoque nas pessoas outros sentimentos que os proprios da sua natureza. Quando pessoas bem educadas se reunem, vestidas ou núas, portam-se correta-

mente, se não querem correr o risco de serem excluidas da reunião que formam parte. O mesmo cavalheiro poderá comportar-se de diferente fórma numa reunião da sociedade que numa entrevista amorosa. Mas o assunto é outro: o nudismo não contém curiosidades insanas e permite contemplar sem hipocrisia o corpo humano; é casto para as pessoas que vivem em seus centros.

E' preciso observar que o "nudismo" não significa viver nú, apesar de que digam o contrário os que querem ridicularisá-lo, pois facilmente se compreende que isto não é factivel na sociedade. O nudismo não pode servir senão para curar ou reforçar o organismo e sua prática deve ser limitada nos campos, jardins que estejam longe dos olhares importunos.

E' de lamentar que pessoas que por sua profissão deveriam ser as melhores informadas, como alguns medicos, condenem o nudismo, declarando-o pornográfico e de escassa utilidade, quando suas proprias teorias medicas o contradizem. Embora pareça extraordinário, podemos afirmar que a cura nudista influe grandemente sobre o moral; depois de banhos de sol, sentimo-nos aliviados de pecados, mais otimistas, temos mais confiança em nós mesmos. Em uma palavra, dá mais alegria de viver. Temos tido ocasiões de constatar que o efeito de um dia chuvoso ou de neve nos produz uma certa tristeza, experimentando ao contrário, uma sensação de alegria á vista de um dia de sol.

Apesar de todas estas indiscutiveis vantagens, frequentemente se opõem ao nudismo numerosas objeções em nome do pudor.

Devemos assinalar que o pudor fisico, que é uma atitude exterior, nada tem que ver com a pureza. Esconder os orgãos sexuais, considerá-los como vergonhosos, é dar a conhecer as cousas do amor como viciosas e é fomentar sentimentos perversos. Na mente que não entrou nenhum pensamento insano, não verá no nudismo senão um método natural higienico para a saúde do corpo e do espirito. "Tudo é puro para os que são puros" — disse um apostolo.

O nudismo integral não inspira mórmente pensamentos eroticos, embora se creia o contrário: precisamente invoca menos desejos sexuais e perversos que o vestido. Fica demonstrado que a visão do nudismo, longe de ser excitante, acalma a imaginação ao desaparecer o fator excitante do mistério. Muitos oposicionistas que visitaram os centros nudistas, até os mais ceticos, chocaram-se com o fato de que, enquanto que na sociedade vestida o individuo tem tendencia a excitar-se á unica idéia de apreciar nú o corpo que contempla com roupa, mas nos ditos centros, o individuo, apesar de ver corpos nús, belos ou feios, não faz o menor caso deles e ainda mesmo nas ocasiões em que pudesse haver alguma excitação, esta logo desaparece.

Não pretendemos dizer com isso que os nudistas sejam

pessoas sem paixão, mas podemos asseverar que sensualmente são menos excitadas.

Outra vantagem do nudismo é ser o melhor método de educação sexual. Nos adolescentes, a curiosidade e a imaginação erotica são devidas ao mistério cultivado e o corpo vestido tem sido a origem de muitas perversidades.

Os habitantes dos paises onde ainda não penetrou a civilização hodierna, ignoram o sentimento do pudor. Em algumas ilhas e como consequencia da civilização sucedeu que a impossibilidade de continuar vivendo nús e seguir os exercicios naturais a que estavam habituados, viram-se forçados a certos trabalhos anti-higienicos impostos pela civilização, causando as tribus fisicamente superiores e fortes, irem degenerando até extinguir-se aos poucos E...

Parei de repente a leitura, pois Rodolfo extendera-se sobre um estrado, sem colchão e sem outra cousa que um lençól, sobre o qual aparecia completamente nú. Espargi os olhos em redor daquela choça e procurei um lugar independente para tambem tirar a roupa. Rodolfo, com os braços apoiados na nuca e as pernas escancaradas sobre o estrado, oferecia-me um espetáculo nada agradável; foi então que me sentei e passei o lenço pelo rosto para secar o suór que na realidade não existia, mas para afastar da vista os deslumbramentos do efebo; daí continuei a leitura:

O pudor, em respeito ao nú — continúa falando o Dr. Strasburgo — não é uma propriedade natural do sêr humano, mas uma sensação artificial adquirida pela educação e pelos costumes.

O pudor é a vergonha que nos leva a evitar escrupulosamente tudo o que se refere direta ou indiretamente aos orgãos sexuais e suas funções. Como na mulher os seios estão relacionados com seu sexo o pudor tambem abarca estes, compreendendo-os em cousas vergonhosas que se julga de bom alvedrio ocultar. Este é o motivo por que se considerou necessário ocultar o corpo inteiro com roupas, salvo as mãos e a cabeça. A moda propagou a idéia que não ha pecado quando se usa roupas folgadas mas completamente fechadas. Mas em muitos casos os vestidos anti-higienicos são as causas da degeneração fisica.

O pudor é unicamente uma noção adquirida e inculcada por uma educação rotineira. As crianças ignoram o pudor e em sua inocente ignorancia brincam como animaizinhos, completamente inconcientes de que possa haver algum mal em mostrar sua graciosa nudez. E' necessário fazer-lhes vários reproches para ensiná-los a esconder o que não devem mostrar segundo o convencionalismo da civilização. Como consequencia desta educação se fórma em seu espirito um conflito entre a proibição e os orgãos que são a causa. Igualmente é nefasta a educação cinica e grosseira que

certos pais, por acharem divertido, administram á criança, fazendo-a levantar o vestidinho para expôr aos olhos dos descrentes a sua pequena anatomia. Neste caso, como no precedente, desperta na criança de que ha alguma relação extraordinária com estes orgãos, ao redor dos quais se faz tal mistério.

Deixai as crianças brincarem, sem separá-las por sexos, não temais que se mostrem núas e assim ignorarão o sentimento do pudor. A experiencia tem provado que não farão caso de suas diferenças de conformação que vivem juntos a eles em seu estado natural.

E' sem duvida a educação do pudor que cria uma idéia do pecado no nudismo, e tem, como consequencia imediata, a aparição de perversões sexuais no sêr humano, e o melhor meio de evitá-las é a prática razoável de um nudismo coletivo.

Quando cheguei ao fim do capitulo notei que estava sózinho; aproveitei esses momentos. Tirei o paletó, o colete e quando iá desabotoar as calças reapareceu a peralta garotinha, e alegando estar cançada de carregar lenha atirou-se sobre o estrado. Rapidamente me repuz e sentei na cadeira, retomando o livro "evangelico", resolvo esperar outra ocasião mais propicia.

— Então, não se despe? — perguntou ela sem afetação.

— E'... é isso mesmo que ia fazer.

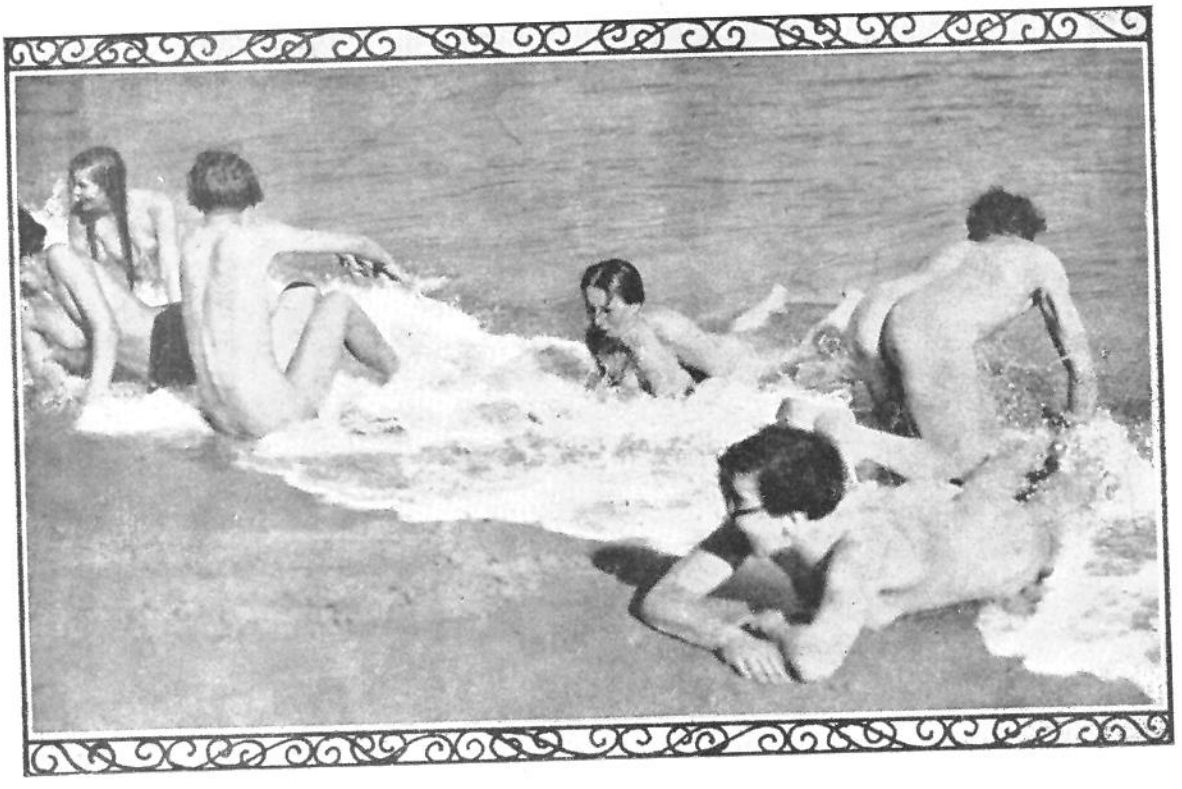
— Ah! Continúe pela camisa!...

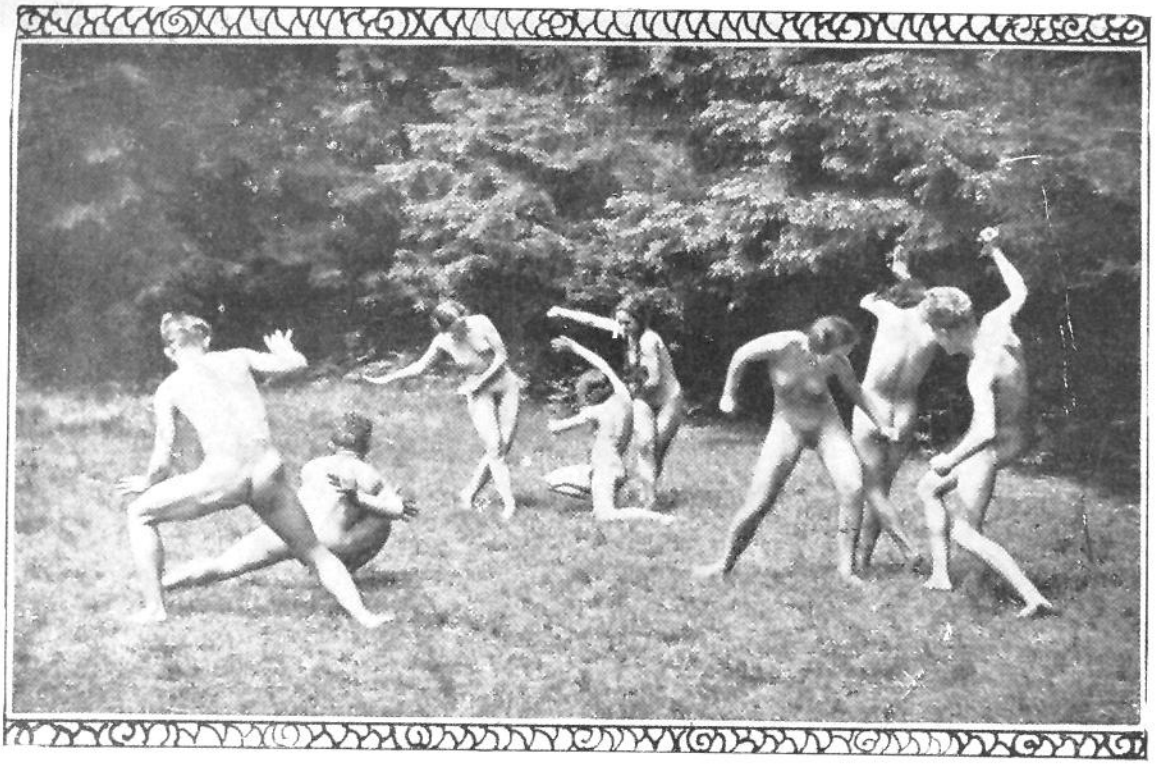
Após um silencio embaraçoso, colocando os braços em trança sob a nuca, como uma almofada, deixou caír as pernas aos lados do estrado. Rodolfo que a acompanhara, sentou-se á sua frente e começou a acariciá-la com suavidade. Esforcei-me por tirar a vista deles, pois a pequena mostrava-se, sem recato algum, os remansos mais delicados de seu corpo... e eu... nervoso... estalava.

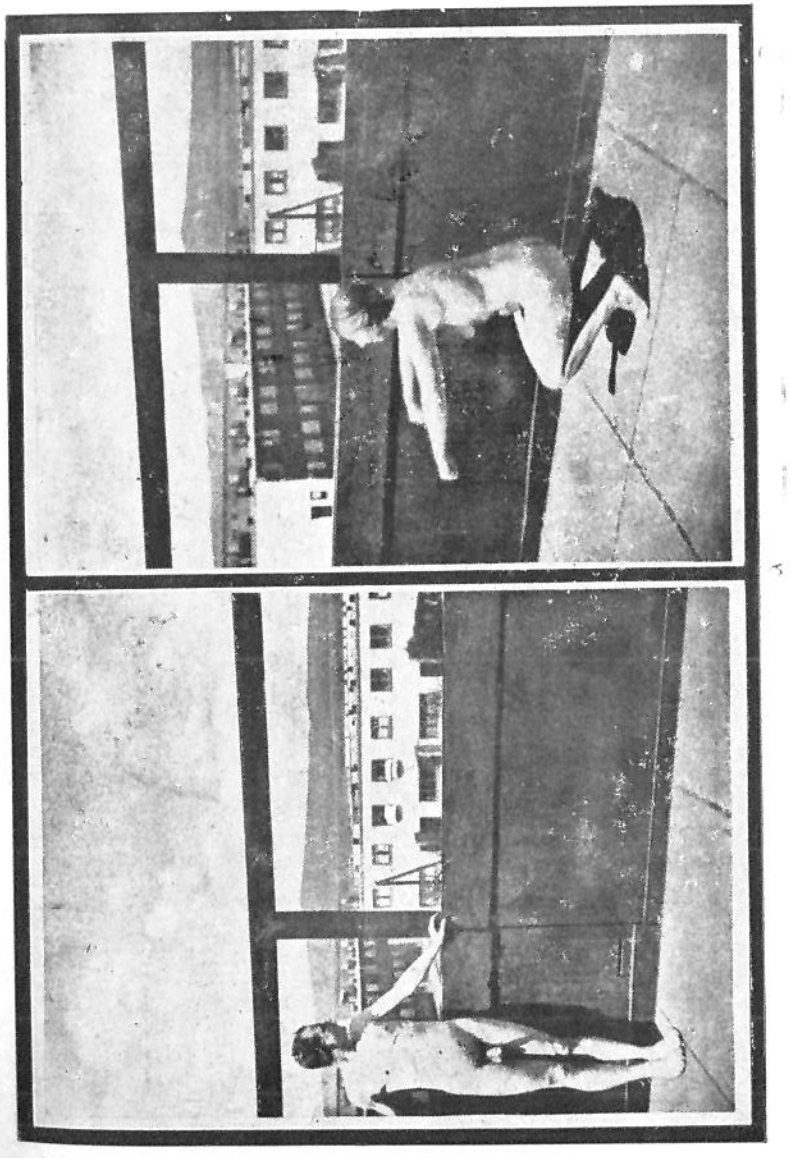
Rodolfo continuava os afagos sem acusar a menor turbação sexual, apesar de que sua noiva, nos felinos movimentos, proprios do deleite que experimentava, oferecia poses extremamente luxuriosas.

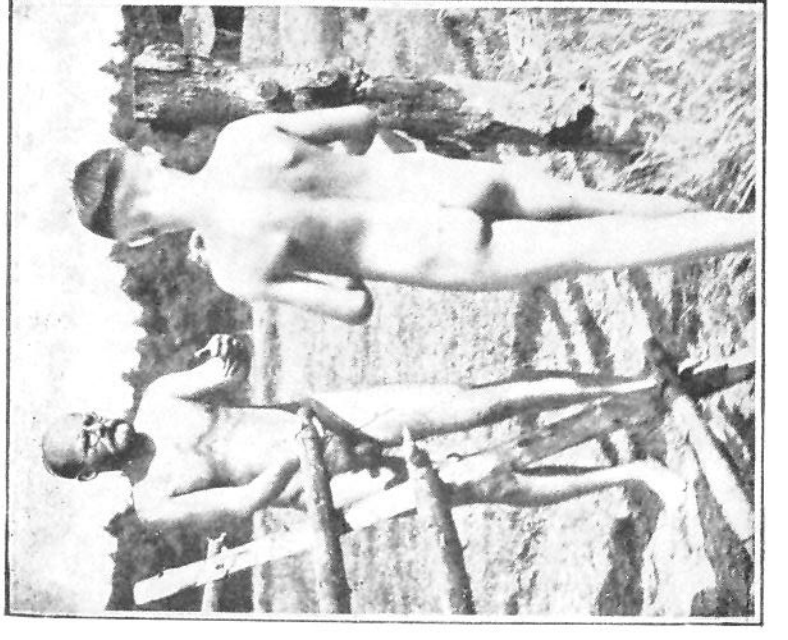
Senti-me tonto: a cena era demasiada intima para que pudesse contemplar com a devida passividade.

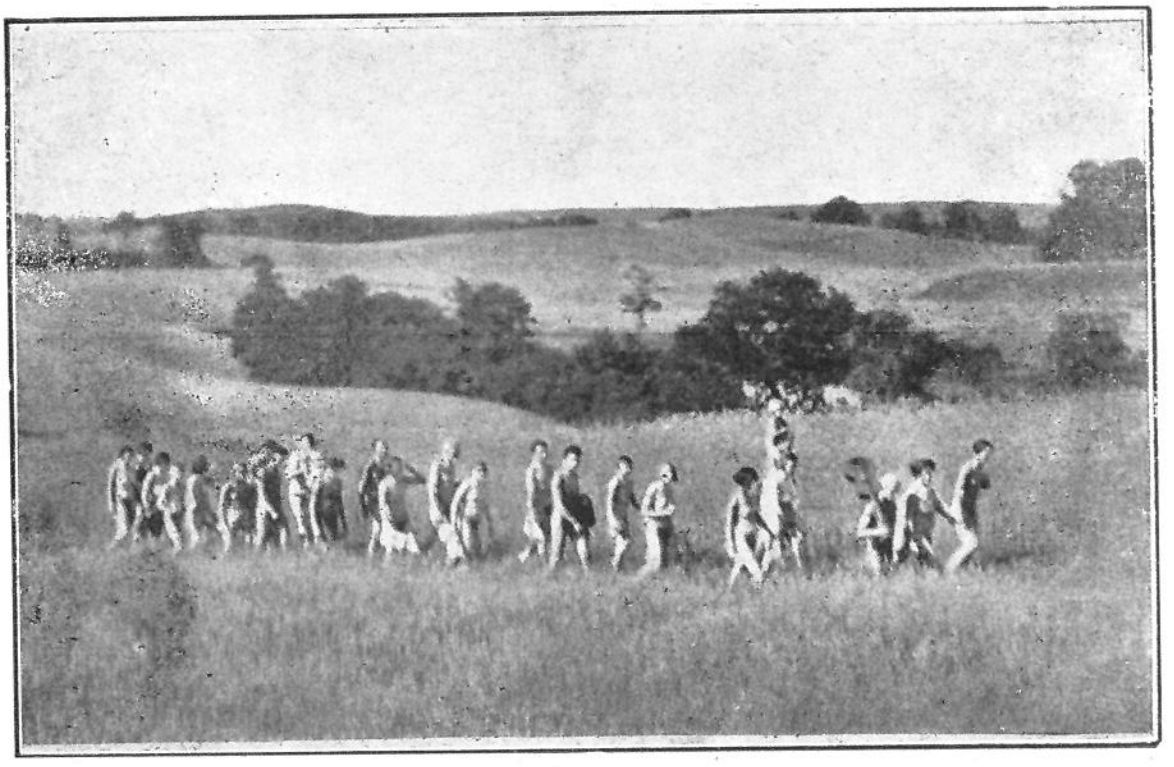
— Como é isso, o senhor não se despe? — insistiu Hertha.

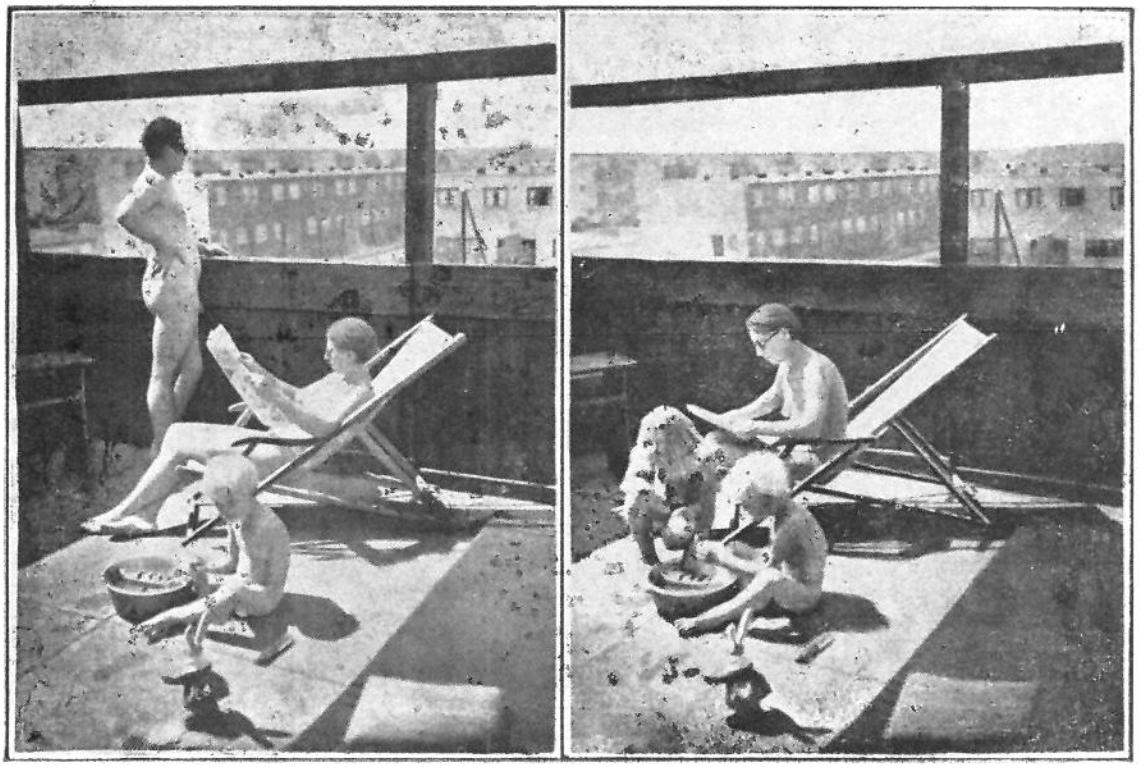


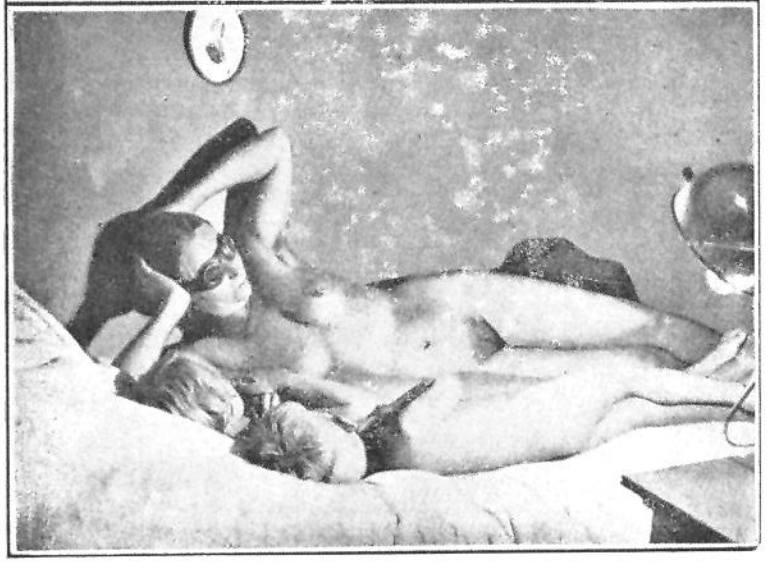


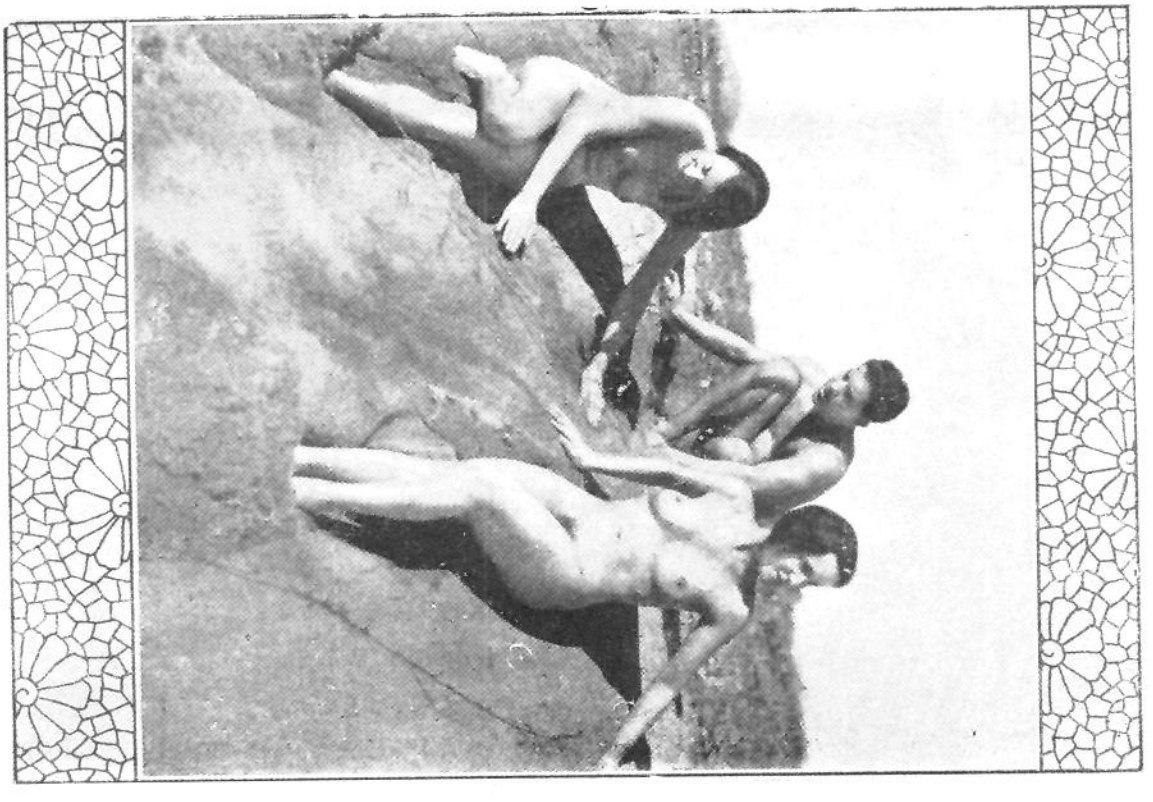


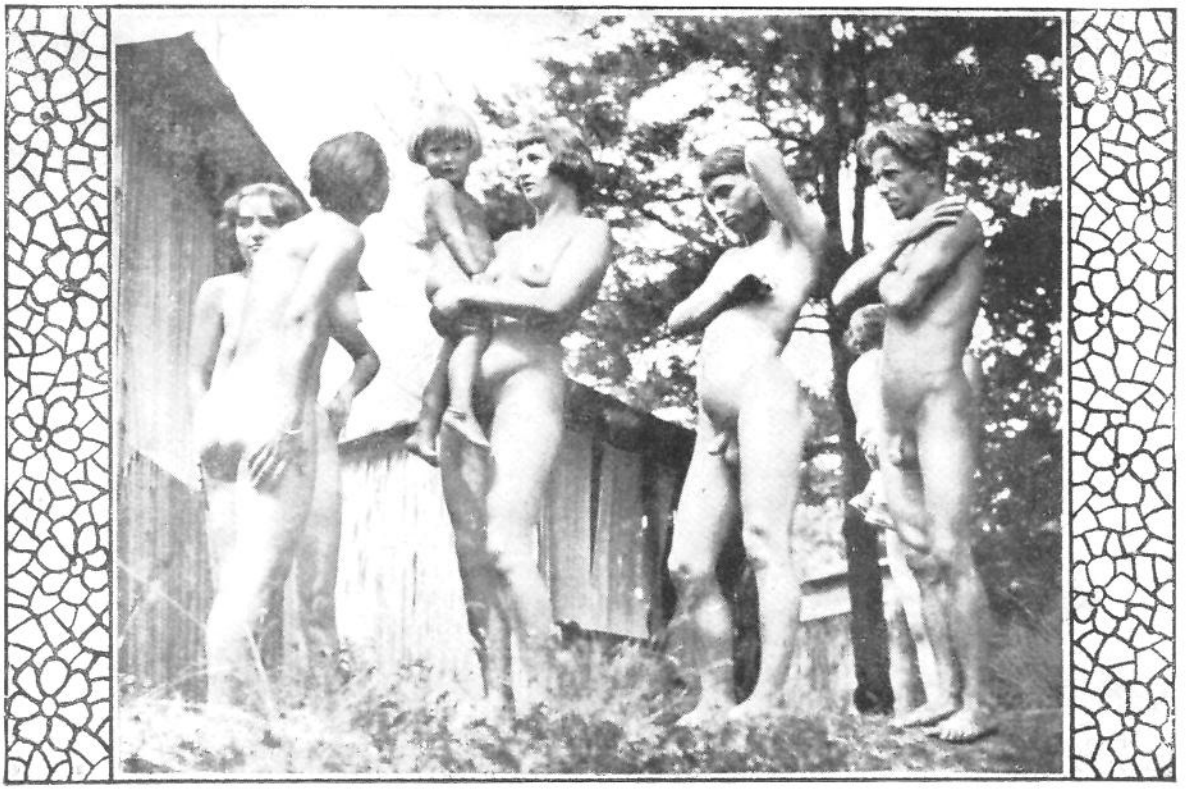


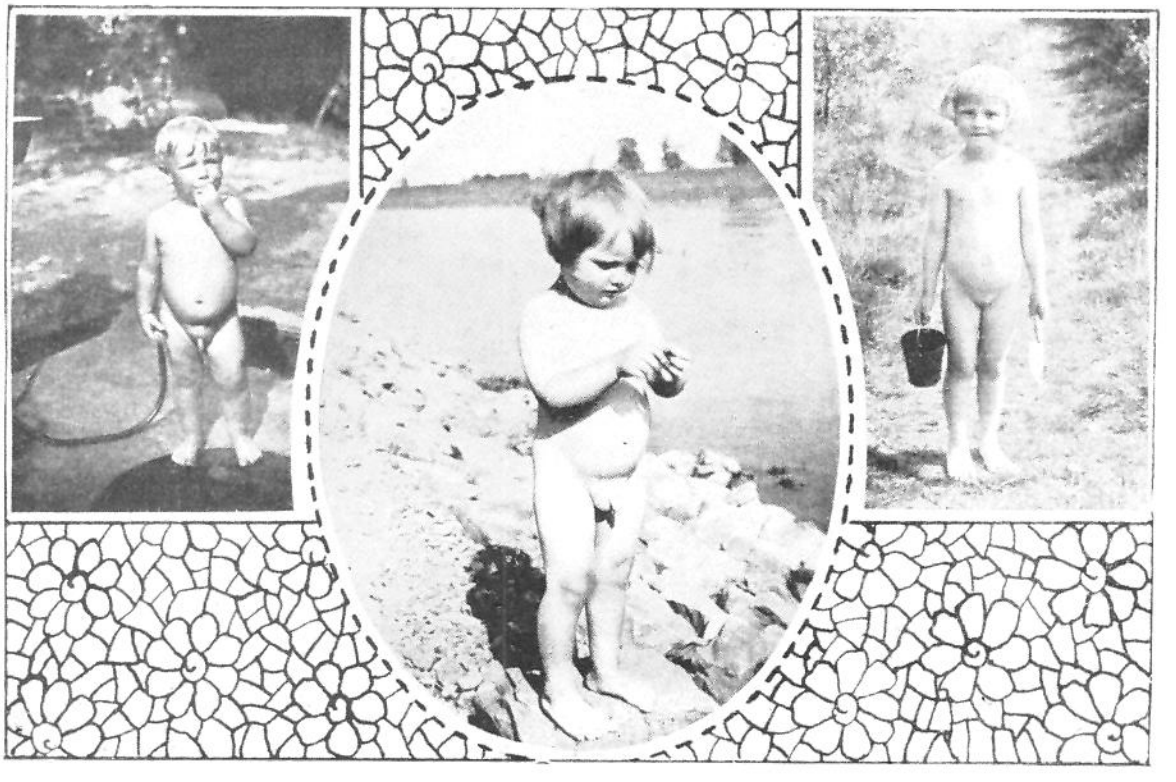


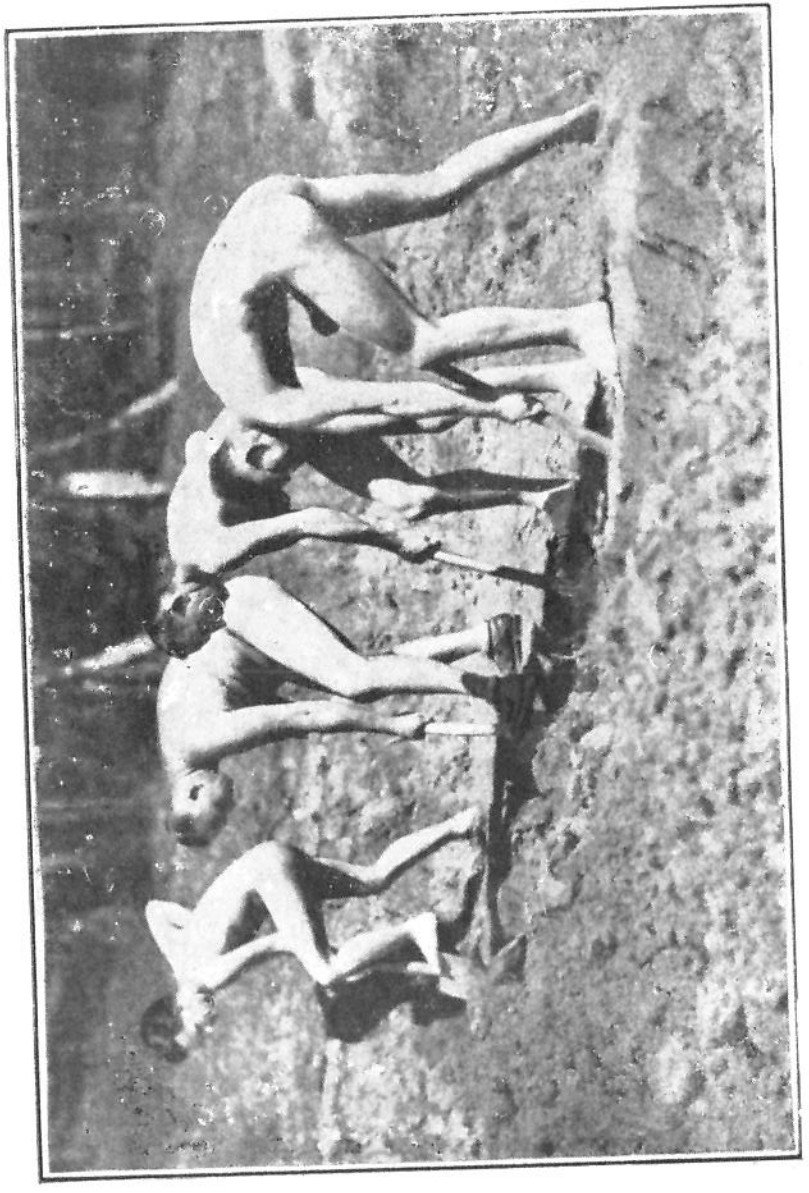












CAPITULO IX

A SEITA DO NATURALISMO

Levantei-me, embora sem desabotoar as calças e tirei a camisa. Eles continuavam contemplando-me numa adoração irradiante. Sentei-me. Olhei para o této, e me detive observando o rustico "*parquet*", pois tétos assim trazem cousas muito interessantes. Mas, ao levantar a vista surpreendi-me ao deparar com meus amigos em pé, diante de mim, enlaçados pelo talhe e olhando-me com um sorriso nas comisuras.

— Mas, afinal, porque não se despe? — disse-me Hertha muito pausadamente. — Por ventura está ainda dominado pelo convencionalismo?

— Não... E' precisamente o que estou fazendo... Que frio, hein?...

— Que frio, que nada! — respondeu ela fixando-me nas pupilas. — O senhor sabe muito bem quando faz frio. Esta noite está muito temperada.

— Concordo, mas... é que estou acostumado, e além disso...

Ambos estavam tão perto que a fragrancia que emanava do corpo daquela mulher e a visão de seu perfil de tanagra, exerciam em mim os naturais efeitos. Hertha compreendeu e balbuciou alguma cousa ao ouvido do noivo, ambos riram e ela, dirigindo-se á porta da cabana, disse com preclara intenção:

— Vou ver se a menina da venda já veio com as provisões. No entanto... vá o senhor se despindo, pois antes de deitarmo-nos, *quero* vê-lo nú.

Permanecemos a sós, Rodolfo e eu; e como o efebo notara a minha indecisão em tirar a roupa diante dele, dirigiu-se á cozinha e assim pude respirar. Dei um relance d'olhos e com um grande esforço de vontade, tirei a roupa toda, com exceção da cueca, que me cobria da cintura até a metade das pernas cabeludas. Tomei a firme resolução de não tirá-la.

Hertha ao reaparecer vinha acompanhada de uma meninota carregada de uma infinidade de pacotes. Ao notar que não voltara sózinha, tomei instintivamente as calças, mas a garota tranquilisou-me:

— Não se preocupe; esta é a nossa criadinha eventual, já está habituada aos costumes e não liga para estas cousas. Não é verdade, Gerda?

— Oh! Por mim podem até arrancar a péle se quizerem!

A moça depois de pôr os pacotes sobre a mesa e de fazer as contas com Hertha, enfrentou-me e com muito desembaraço, apontando para a minha cueca, disse:

— Olhe, está muito feio com isso! Tire-a, homem, tire-a!

— E você — perguntei por minha vez — porque não segue o exemplo da senhorita?

— Porque tenho que voltar ao armazem, mas amanhã, quando aqui me instalar, verá então como me *visto*.

Despediu-se a criada depois de um curto diálogo com Hertha e ao ficar a sós com ela, quiz renhir-me pela minha teima, mas encontrou-me muito coibido.

Ao fazer as contas com a meninota se encostara contra a mesa, de costas para mim e confesso que não sou estátua de mármore. Hertha, ao fixar nos meus os seus olhos, cada dia mais azuis, percebeu a minha situação que era quasi impossivel ocultar, e sem dizer palavra desapareceu pela cozinha com as faces ligeiramente ruborizadas.

*
* *

A refeição foi simples e muito frugal: ovos mechidos, um pouco de peixe em conserva e frutas.

— Hoje passaremos mal — disse Hertha — mas amanhã prometo oferecer um lauto banquete.

Ao levantar-nos para sair para o exterior, assaltou-me uma duvida. Em toda a casa não havia mais que dois estrados e estes não eram muito amplos; em parte nenhuma descobri um colchão que se pudesse fazer de cama. Como dormiriamos os três em dois estrados? Não me atrevi manifestar aos meus companheiros o meu ponto em perspectiva, pois esse não era o meu papel de convidado. Mas esta idéia ficou-me encasquetada.

Fóra da cabana entregamo-nos a jogos ginasticos, logo cancei-me e estirando-me sobre o solo fiquei contemplando a afrodisiaca Hertha, que, banhada pelos raios lunares, adquiria opalescencias marmoreas. Colocados um em frente ao outro, atiravam mutuamente uma enorme bola de borracha e por umas três vezes convidaram que com eles formasse um triangulo. Desculpei-me alegando que a minha pouca dextreza os fatigaria, mas na realidade a causa era outra. Atarantado pelo instinto sexual, sentia-me entregue ao tortuoso deleite de contemplar a garotinha nas

atitudes violentas do jogo que a obrigava a adotar, e minhas cerebrações trabalhavam, envolviam-se numa alucinação inconfessável.

No entanto, Rodolfo jogava com a pequena sem nela fixar a vista. Como seria possivel, dizia de mim para mim, que um homem forte, sanguineo, jovem e enamorado como Rodolfo, pudesse permanecer impassivel ante o belissimo quadro que sua noiva nos oferecia? E o mais extraordinário do caso era que, ao perder a bola, corriam ambos em busca e entregues ao prazer inocente do jogo, se abraçavam, se beijavam e chocavam as carnes, para logo recomeçarem o jogo, sem que se notasse neles o menor sintoma de excitação sexual.

A que classe de homens pertenceria Rodolfo? Uma infame suspeita divagou entre meus pensamentos, mas fiz um esforço para violentamente rechassá-la. Hertha era formosa e sensual como uma flôr de intenso perfume. Tudo nela denotava a mulher propicia aos grandes e apaixonados arrebatamentos. Suas carnes, antes bronzeadas, agora alabastrinas, eram sempre tentadoras: carne de mulher.

Desde o momento que a conheci, nela nada vi que a mulher. A feminilidade nela triunfava em todos os seus detalhes. Sentia-me ligado aos seus encantos, que exerciam em mim atrações irresistiveis. Não podia olhá-la sem experimentar a vertigem de desejos irrefreaveis. Quando, gra-

ciosamente, se curvava ao chão, de costas para mim, lavaredas ardiam em minhas veias. Não obstante, Rodolfo ria-se como uma criança e de vez em quando olhava-me e parecia compadecer-se de um outro homem, tambem jovem, que não era nenhum santo, nem sequer anacoreta, e que devorava as belezas corporais de sua noiva com os olhos lascivos e se arrastava a seus pés como uma serpente requeimada pelos raios solares e mentalmente gosava, possuia... pronta para o bote.

Um alarido veio afastar-me de tão imprecisas considerações. Hertha e Rodolfo, perseguindo a pelota, haviam caído um sobre o outro e pude vê-los lutando sobre a relva. Seus corpos se esfregavam, enlaçavam os braços e as pernas, e de suas bôcas saíam gritos que acusavam uma alegria sã, sem malicia ou suspeitas sexuais.

Eu não podia compreender aquilo. Por muito esforço que fizesse, procurando justificar a impassibilidade pelo efeito de se verem continuadamente nús; não podia admitir que, como noivos se entregassem áqueles excitantes jogos sem experimentarem as naturais apetencias do instinto. Novamente assaltou-me a diabolica interrogação: a que classe de homens pertencia Rodolfo? E com espanto, com uma repugnancia invencivel, lembrei-me de novo de que no aposento não havia mais que dois estrados. Com quem iria eu dormir? Com Hertha? Uma flama voraz passou pelas

minhas fontes. Uma baforada quente, irrespirável, envolveu todo o meu sêr. Dormir com Hertha? Chegaria a tanto a... complacencia daquele homem de gêlo? Creio que não lhe ocorria propôr que dormisse com ele...

Cançados de brincarem, vieram ambos sentar-se ao pé de mim, e perguntaram-me se começava a gostar do novo método de vida no qual me iniciava. Para dizer alguma cousa, respondi que sim, mas o meu pensamento não se afastava dos dois estrados. Hertha estava muito perto de mim. De seu corpo fluiam aquelas fragancias de feminilidade que me entonteciam. Mais de uma vez nossas pupilas se encontraram e pude convencer-me de que a garota tinha perfeita noção de quanto em mim se passava. Meus olhares eram estiletadas que não escapavam á perspicácia de uma mulher já feita. Num desses encontros d'olhos notei que Hertha cruzava um braço sobre o regaço e com o outro cobria o sexo. Nossos cerebros estavam nús e não podiam ocultar os nossos pensamentos. Entre ela e mim se estabelecera uma absoluta compreensão.

Rodolfo continuava falando sobre a bela vida que é o nudismo, ela e eu apenas balbuciavamos palavras. Hertha não parecia socegada. A minha insistencia parecia incomodá-la. A sensação de sentir sobre a péle núa o dardo de uns olhos libidinosos, nela se manifestava por momentaneos gestos e atitudes.

— Vamos dormir? — explodiu para cortar tão antipática situação.

Levantamo-nos. Enquanto Rodolfo continuava o seu monologo, caminhamos silenciosos. Ao chegar ao grande aposento, enquanto a jovem ia estendendo uns grossos lençóes sobre os estrados, Rodolfo prodigalizava-me umas palmadas sobre os ômbros e de repente senti um forte puxão na cintura e vi-me sem uma peça de roupa sobre o corpo. Fiquei meio atarantado; Hertha, de soslaio, olhou rapidamente, furtivamente, a um determinado ponto de meu corpo, mas encolheu os ômbros como se nada notasse. Eu dei um pulo e ganhando um dos estrados, puz-me de bruços. Rodolfo ria... ria... Hertha e eu, pelo contrário, continuavamos sérios.

Preparadas as duas camas, vi que Rodolfo desenrolava uma rêde e a estendia entre dois ganchos fixos nos batentes laterais do quarto. Respirei como se experimentasse uma grande decepção. Hertha apagou a luz dum lampeão de querosene deixando-nos numa penumbra e cada um procurou conciliar o sôno quanto antes, mas eu levei muito tempo para consegui-lo. Muito...

CAPITULO X

DIVAGAÇÕES SOBRE UM TEMA CONCRETO

Ainda não havia amanhecido quando despertei. Ia começar o meu quarto dia de nudismo integral. Coubera-me por vez dormir na rêde e confesso que passei a melhor das noites. Gostei mais que no estrado, cujo tecido metálico magoara-me o corpo. A rêde, além de ser mais fresca, o seu suave balanço era agradável. Ao mexer de um lado para outro senti fortes pontadas nos rins e o corpo todo pesava como chumbo. Lancei um olhar ao redor, embora na penumbra, e descobri que os meus dois camaradas ainda dormiam, mas cada um em sua cama. Que bôbos! pensei. Que maneira estupida de aproveitar as delicias que a vida nos oferece! Verem-se nús, dormir sob o mesmo této e não... Que bôbos!

O estrado da garotinha Hertha estava situado á cabe-

ceira de minha rêde e estendido como eu estava, de barriga para cima, não podia vê-la. Mas, os raios da aurora eram muito lentos e o aposento permanecia ainda numa obscuridade muito densa. Procurei então fazer o menor ruido possivel e revolvi-me na rêde embora com muita dificuldade, pois levei muitas vezes a mão sobre as costas, onde sentia fortes pontadas. Tentei, mechi e rebusquei até que consegui localizar a forte dôr, e aí mantive u'a mão apertando o local até que a luz do sol rasgou os estratos do firmamento.

Uma das janelas rasgava-se á frente do estrado e logo os raios, embora incertos, começaram a iluminar aquela parte do aposento em que dormia a linda garota. Minha rêde, no entanto, ficava ainda na penumbra e isso muito me comprazia, apesar das minhas pontadas.

Não tardei em ir descobrindo o corpo de Hertha, que surgiu da obscuridade muito lentamente e adquiria perfis e relevos que meus olhos iam observando detalhadamente. Apesar de me parecer uma estupidez que, tendo-a durante o dia e em plena luz completamente núa ante meus olhos, me entregasse agora a uma contemplação vagarosa e imprecisa de seu corpo; e apesar disso, repito, gosava espiando-a clandestinamente.

O seu rosto estava voltado para o meu lado, descançava a cabeça num canto da almofada e tinha uma perna encolhida e a outra esticada num doce abandono. Assim

deitada de lado, um dos seios descançava sobre o outro e ao vê-los pensei em duas flôres de lotus na placidez de um tanque. Dormia com uma inefável tranquilidade. As meias luzes davam aos seus contornos matizes porcelanicas. Seus curtos e dourados cabelos davam um gracioso tom ao seu rosto, tornando-o muito infantil. Eu experimentava um goso indizivel vendo-a surgir das trévas, e cheguei a perceber a sensação de que a luz que ia se espargindo ao seu redor, formando uma aureola.

Não tardei em sentir em meus nervos os espinhos daquela tortuosa espionagem. Logo meus olhos esqueceram a beleza pura daquele amanhecer, para rebuscar naquele corpo os mais intimos recantos. Uma prega de carne, um leve sombreado ou uma simples concavidade, eram motivos suficientes para que meu cerebro se entregasse a especulações deshonestas. Observava minuciosamente tudo quanto de excitante ia descobrindo naquela estátua jacente, e comprazia-me em analizar pormenores salazes, que despertavam os gosos latentes de meus instintos de macho. As carnosas pregas de suas axilas, as pletoricas linhas de suas coxas ao descansar uma sobre a outra, a leve curva do ventre... qualquer detalhe, enfim, dava lugar a que minhas pupilas ficassem por longo lapso fixadas e a que a minha mente se perdesse pelos mundos irreais de mal intencionados simbolismos.

No entanto, tambem adverti que os grandes olhos de Hertha não estavam fechados, e que desafiavam os meus com um olhar acusador. Permaneci uns instantes sem saber que fazer. Ela compenetrando-se do meu inqualificável proceder e eu sem poder desculpar-me.

— Passou bem a noite? — perguntei, com um sorriso que não foi correspondido.

Ela puxou o lençól que pendia da cama e depois de um longo tempo, sem cessar de olhar-me, respondeu:

— Muito bem... obrigada.

Pulei da rêde e com passo incerto deixei a casa em direção á piscina. Refocilei-me sobre a grama, já então mais desperto, mas dono de mim mesmo, e foi aí que percebi a minha desleal ação. Senti-me verdadeiramente enxovalhado. Não devia fazer o que fiz, e, portanto, não devia permanecer mais um dia entre tão nobres amigos, cuja nobresa não sabia corresponder.

Mas a culpa não era minha. Havia alguma cousa acima de minha vontade que me obrigava a agir dessa maneira, alguma cousa que me seria fatal, alguma cousa que por nenhuma razão poderia ser evitada, pois a tentação assaltava-me, de mim se apoderava por completo. Eu não era culpado de que meus instintos cumprissem o destino que lhes estavam designados ante um belo corpo de mulher. Juro que era minha vontade portar-me com meus camaradas

com a mesma lealdade com que eles se portavam comigo. Mas, apesar de todos os esforços, pesando todas as minhas intimas decisões nesse sentido, quando Hertha aparecia ante meus olhos, todas as minhas convicções se arrasavam e os corceis desenfreados da sexualidade tudo estropiavam.

Depois de passar quasi uma hora á beira do lago, arrependido do meu vil papel, tomei um banho para acalmar os nervos e ao saír dele, vi que os noivos vinham em minha direção, certamente para se entregarem tambem ao prazer favorito. Estranhei que Hertha trouxesse um cobre-sexo. Era a primeira vez que assim a via.

Rodolfo saudou-me cordialmente, ao passo que ela me fez apenas um aceno de cabeça. Tomaram banho e logo depois foram a uma clareira onde costumavamos passar um lapso de barriga ao sol. O silencio e a demonstrada hostilidade de Hertha eram compensadas pela jovial verbosidade de Rodolfo, que não cessava de fazer-me perguntas.

— Parece-me agora que o senhor está gostando do nosso campo — disse ele procurando um fio para a meada de uma conversa amistosa.

— Sim, de fato... apesar de estar sem jornais... sem teátros... sem rádio... sem nada...

— Ah! Compreendo-o: foi um erro nosso iniciá-lo pelo fim.

— Como pelo fim?

— Naturalmente: o que praticamos, Hertha e eu, é para os já iniciados, e não para os educandos. Esta soledade, esta natureza pura, é demasiada forte para o seu espirito. Vamos mudar de tática?

— E que consiste em?... — exclamei sem poder evitar um gesto de alegria.

— O senhor verá. Esta tarde iremo-nos daqui.

— Nós?

— Sim, natural, pois não seria correto de nossa parte abandoná-lo, principalmente nestes transes. Hertha e eu desejamos ardentemente tambem viver um pouco no seio da "sociedade".

— Então voltamos a Berlim?

— Não; iremos a um campo nudista, no qual, certo estou, o senhor não se aborrecerá e tirará mais proveito na aprendizagem.

Sofri um tremendo desengano ao inteirar-me que o meu martirio não ia ainda terminar; mas não tive outro remedio que me mostrar complacente.

Voltamos ao "rancho" onde a rechonchuda Gerda, com toda a sua plenitude de moça sadia e nudistica, nos preparara o almoço. Ao ficar atraz com Hertha, disse-lhe ao ouvido:

— Como pedir-lhe perdão, senhorita?

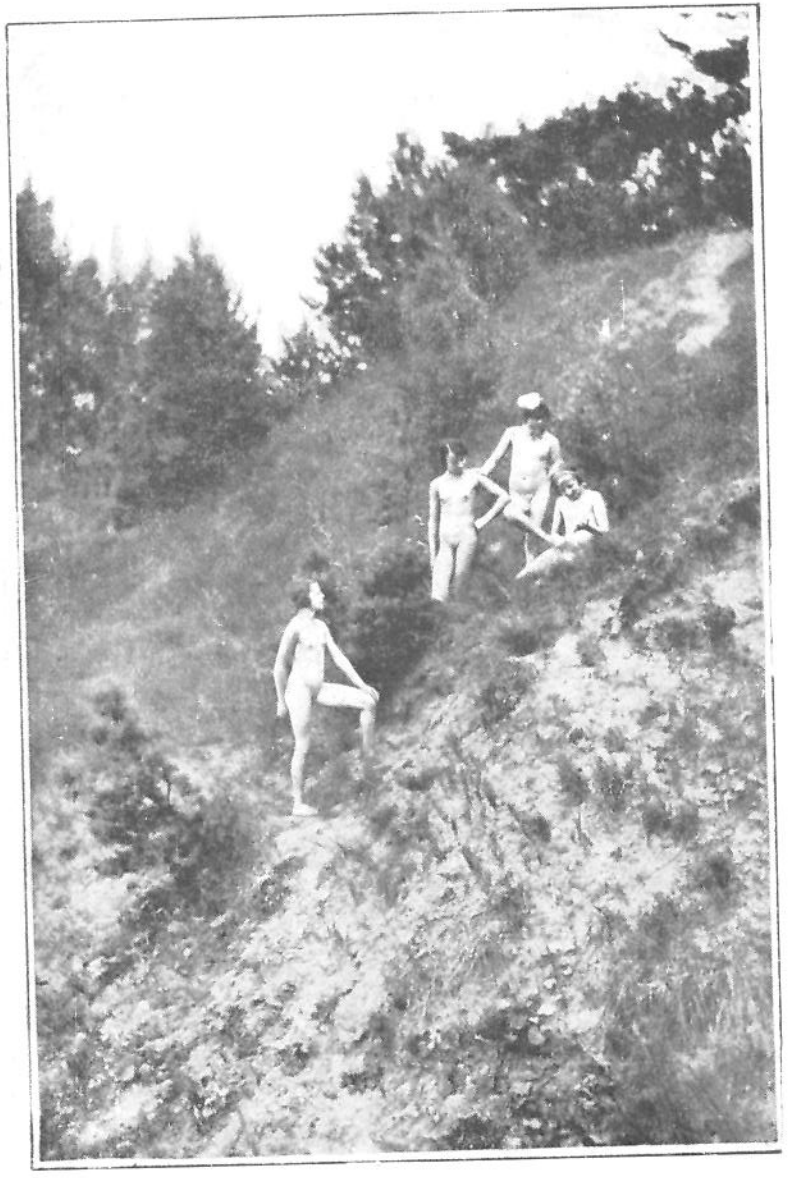
Ela tornou a pousar sobre mim aqueles grandes olhos

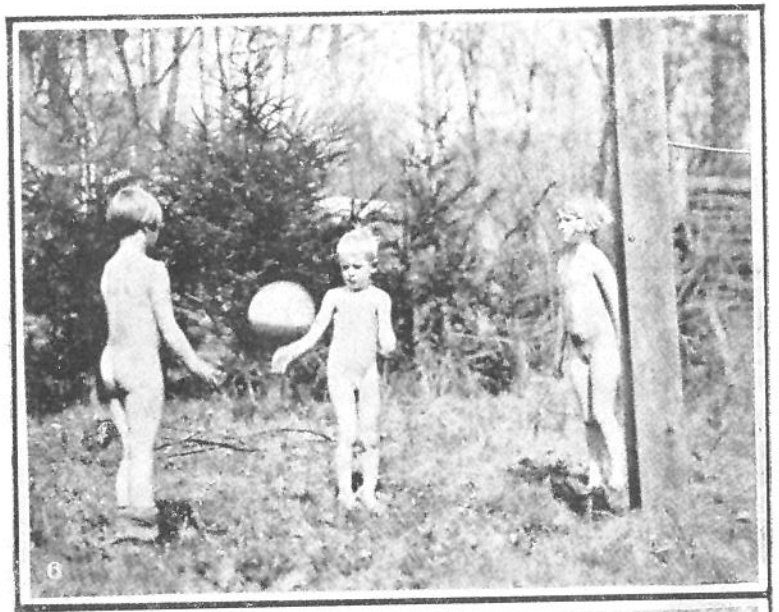
azuis que tanto me impressionavam e muito compreensiva, muito meiga, disse sorrindo:

— Que culpa tem o senhor de ser dos tropicos?

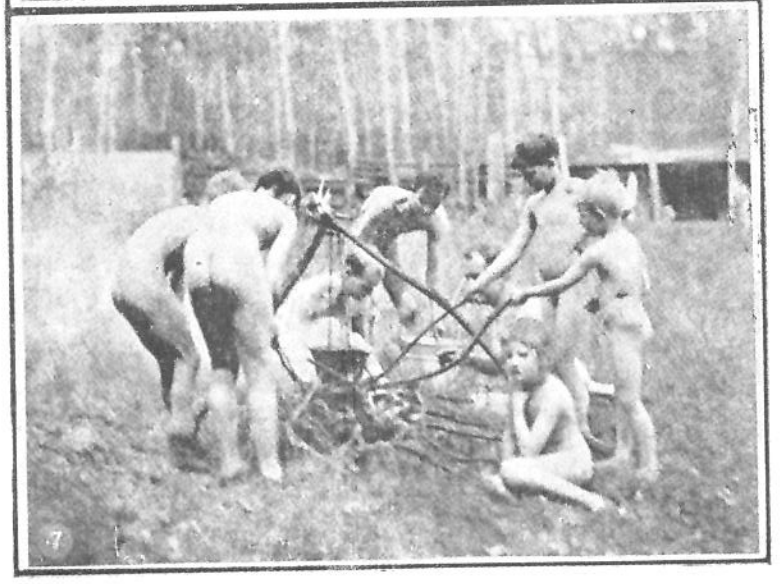
Estive a ponto de soltar uma lágrima de comoção, mas esta parou ao assomar, pois, ao recomeçar o caminho com Hertha, pude empregar os olhos noutra cousa mais agradável; em observar que aquele cobre-sexo que trazia, lhe calhava tão bem, muito justo e dava ao seu talhe uma graça estonteante, um *chic* verdadeiramente digno de todas as admirações.

Por fim, o caro leitor, amavel companheiro na senda, talvez um tanto enfadonha mas fiél das minhas correrias pela Alemanha Nudistica, vai saber o que é um campo nudista, desses em que integralmente se pratíca a vida em pleno sol e sem uma peça de roupa sobre o corpo.

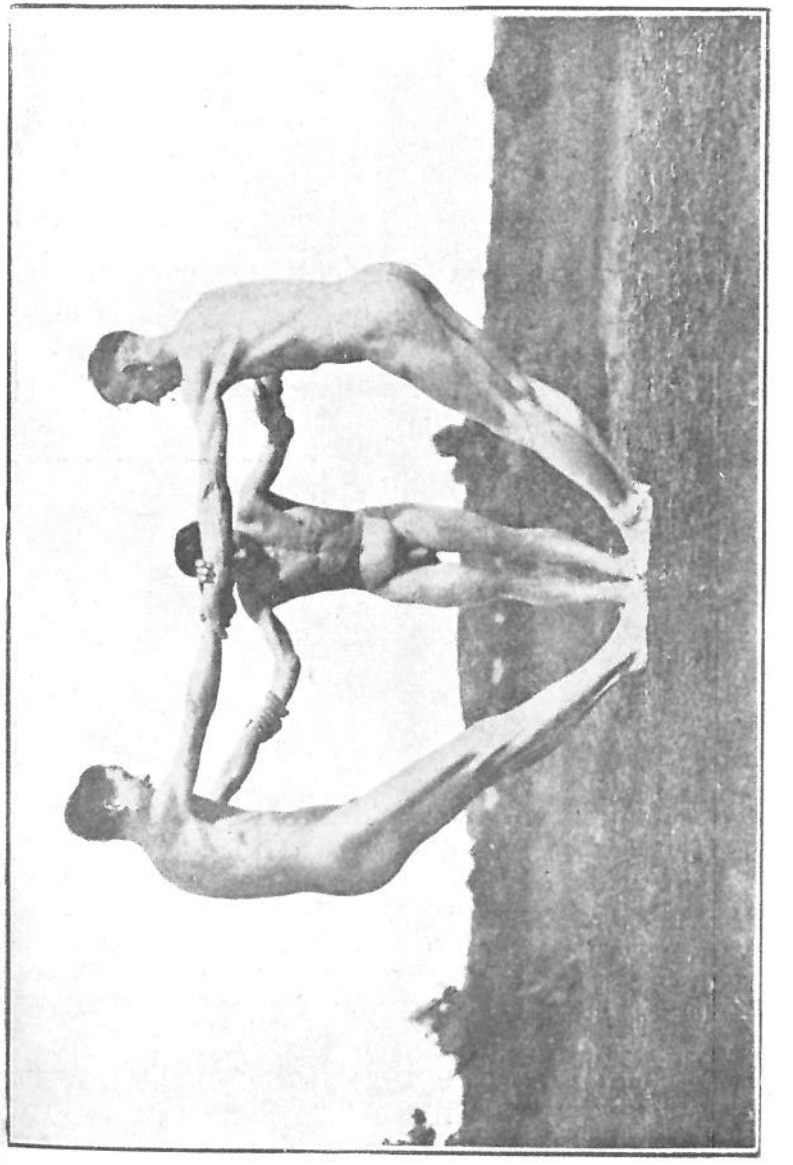


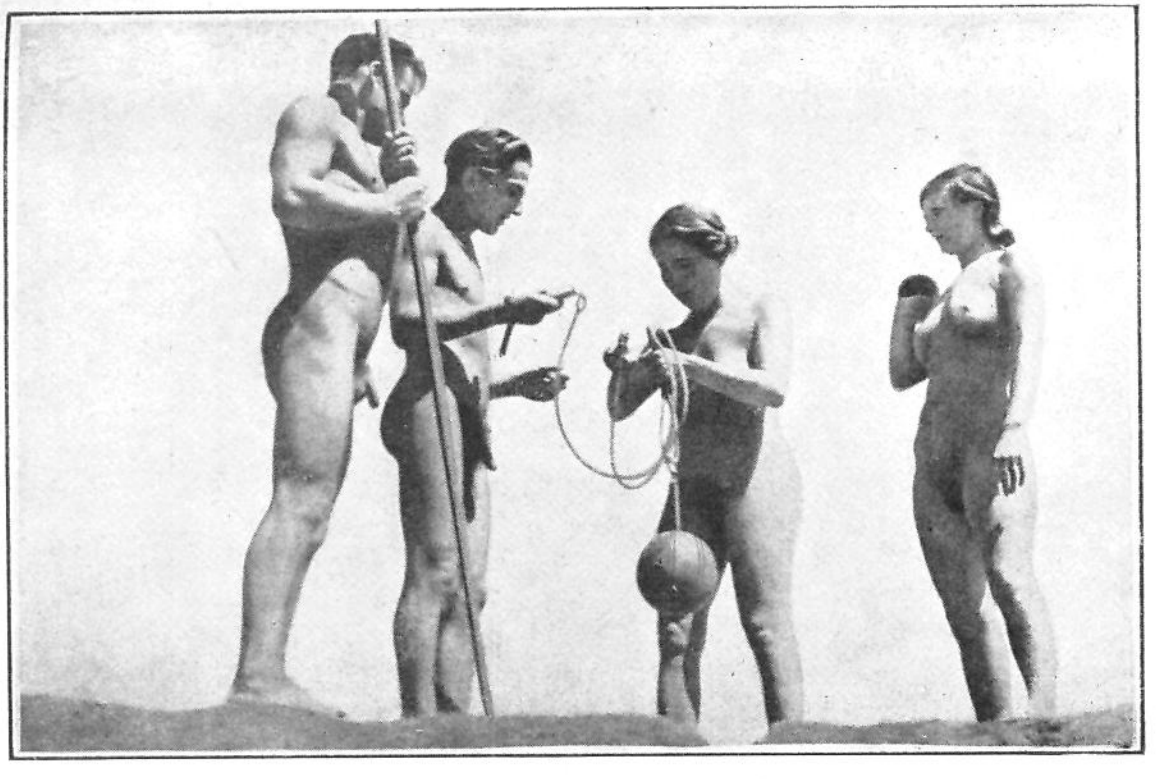


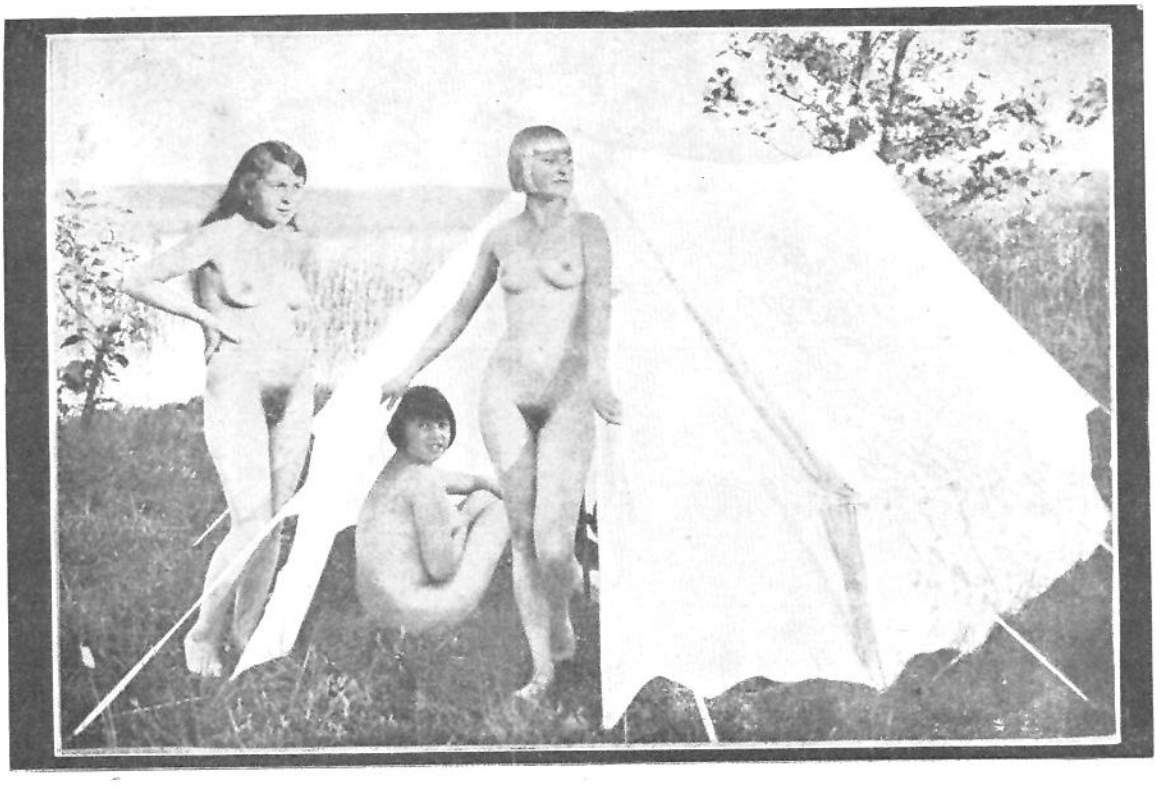
6

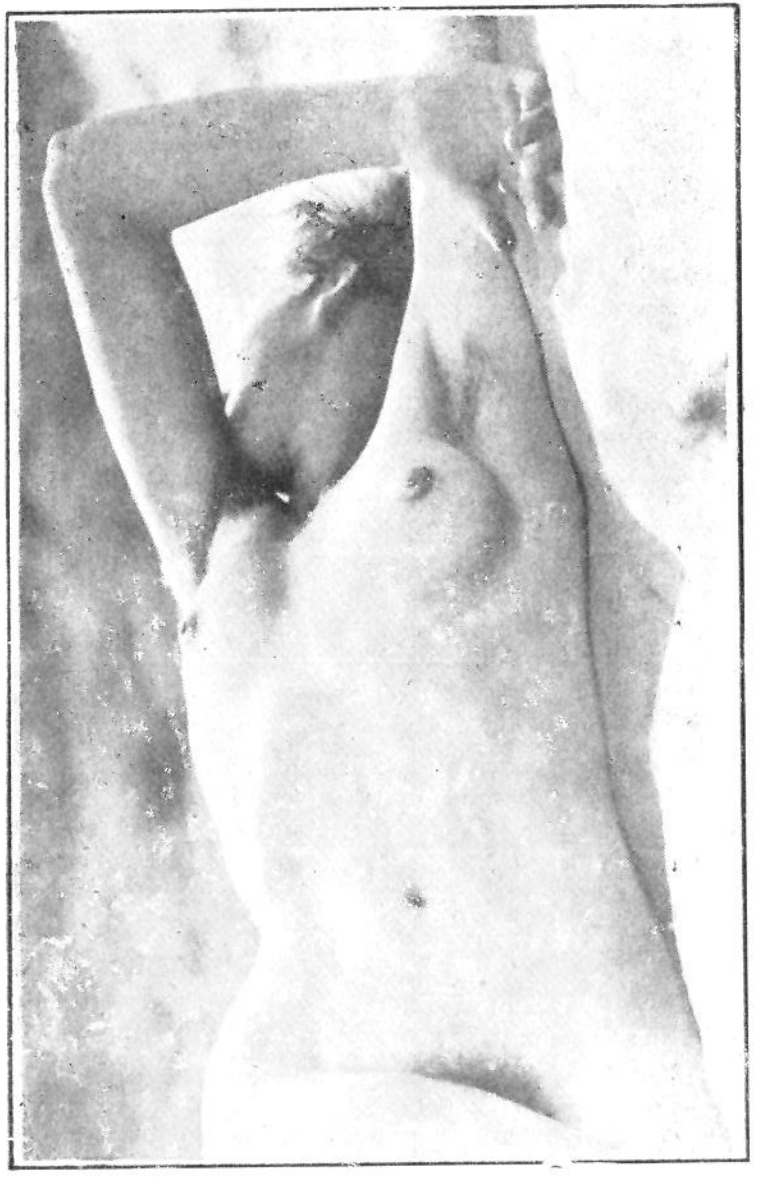


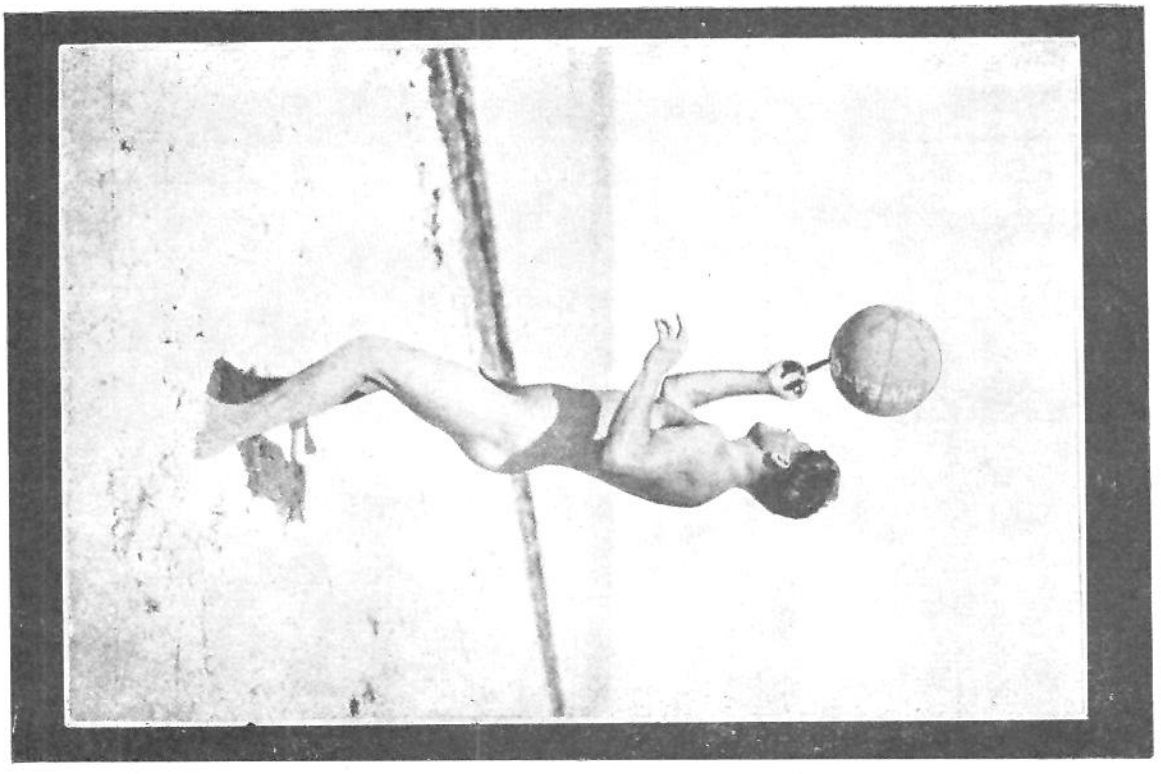
7

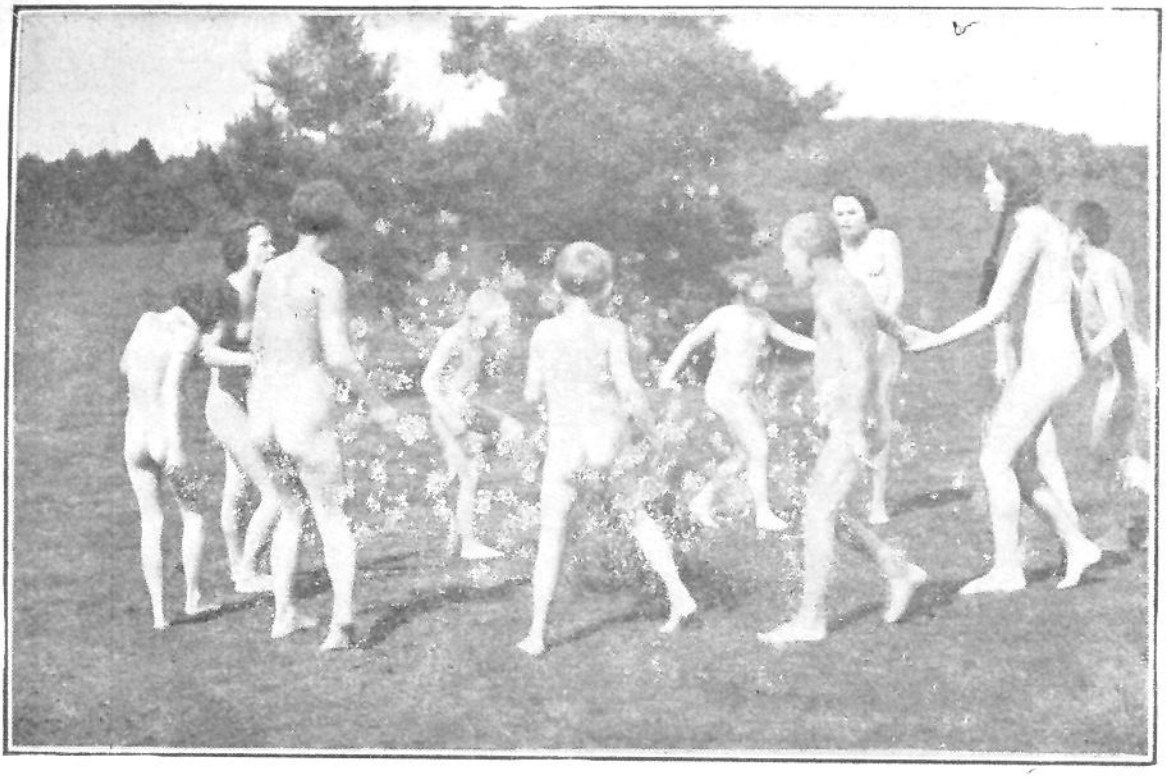


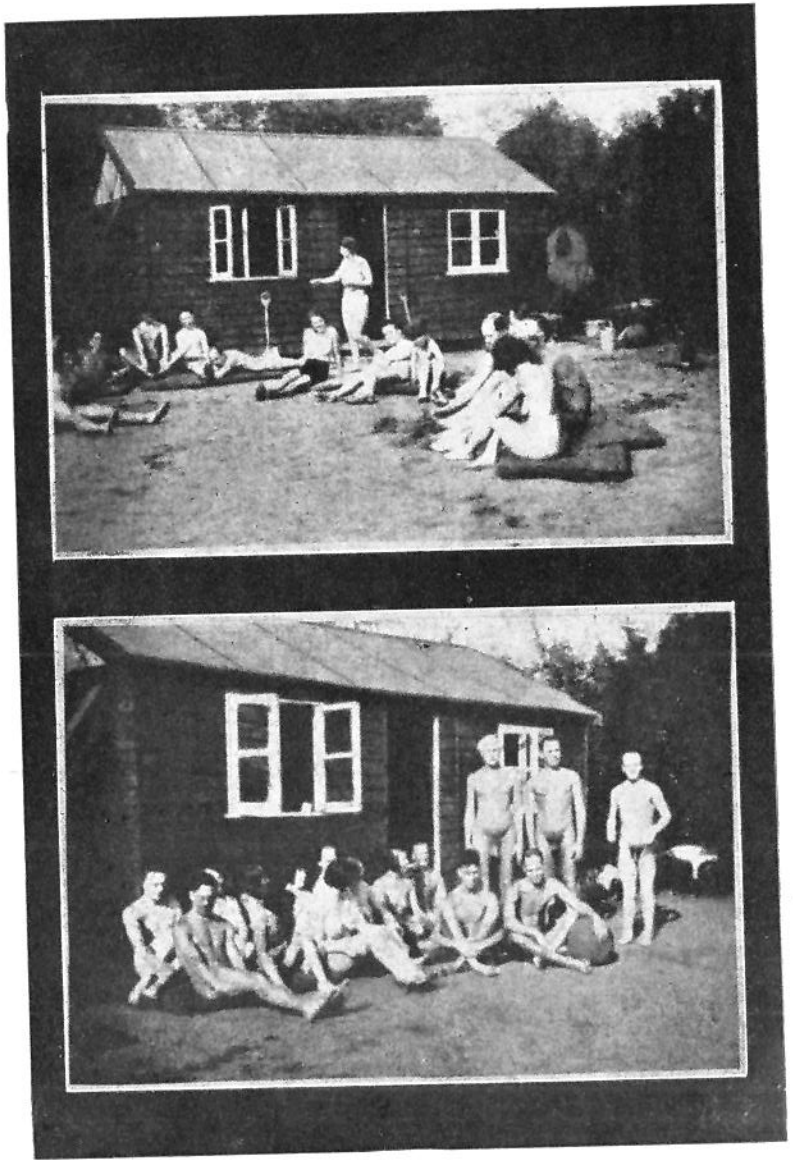












CAPITULO XI

A REABERTURA DO PARAISO TERRESTRE

Por nudismo deve-se entender o método que consiste em por o corpo humano em seu estado natural, isto é, completamente despojado de roupa, exceção dos casos em que as necessidades exteriores se oponham.

Os sêres viventes, tanto animais como vegetais, privados da luz, caminham com mais ou menos rapidez para a decadencia ou para a morte.

Hoje, com o uso dos banhos de sol nas crianças e a administração de vitaminas por alimentos adequados, podemos evitar com absoluta segurança o raquitismo. Ha microbios e certos parasitas que não necessitam da luz solar direta; recebem-na de um modo indireto. Sem a intervenção da luz, não são possiveis certas reações quimicas nos laboratorios, nem certas reações fisiológicas. As sardas, esse salpicado mais ou menos escuro da péle, desaparecem fu-

gindo-se aos efeitos solares e, pelo contrário, se multiplicam ao sol.

Os raios solares modificam os elementos quimicos e fisiológicos da péle, tal como se dá numa chapa fotografica. Essas modificações se traduzem por meio de troca de côres; a luz permanece assim, de certo modo, preparada. Desta fórma os efeitos na péle são transmitidos igualmente a todas as partes do corpo.

Os raios violetas e ultra-violetas, semelhantes aos que se empregam na fotografia, modificam as relações fisico-quimicas dos elementos das celulas. Estes raios penetram em nosso corpo com igual intensidade como os raios X. O sol nascente ou do poente, por ser mais debil, exerce uma ação superficial. O mais indicado para transmitir os raios ultra-violetas é o de meio-dia.

O nudismo integral é, por conseguinte, necessário, pois a péle atrai as ondas eletro-magneticas de todo elemento terrestre; a roupa, por ser má condutora de forças magneticas, faz com que o nosso corpo não possa participar plenamente de seus beneficios. Se a exposição fôr muito prolongada, — asseveram que os raios ultra-violetas atravessam por completo o corpo — agem sobre os globulos brancos do sangue, dando-lhes maior vitalidade, creando neles substancias anti-toxicas e infundindo-lhes mais calor e energia.

Esta vitalidade infundida em todo o organismo imunisa em certo grau o corpo contra muitos elementos nocivos e infetuosos do exterior. Para receber de maneira benéfica os raios solares, é preciso recebê-los progressivamente, evitando os acidentes prejudiciais de uma possivel inflamação ou queimaduras da péle. A vitalidade que desempenha a luz sobre o temperamento, pode ser dividida em várias categorias.

A luz na atividade cerebral aclara e precisa as idéias, facilita a intuição, numa palavra, a função cerebral pode ser intensificada. O exercicio, unido á absorpção da luz solar, dá o máximo desenvolvimento, energia e flexibilidade ao sistema muscular. O ar puro do campo, das serras, do mar, limpa os pulmões e o aparelho digestivo trabalha mais normalmente com a cura atmosferica.

As pessoas que se privam da ação solar, perdem temperamento e vitalidade ao passo que as que passam uma temporada num local com muita luz solar, o organismo reacionará rapidamente, adquirindo novas energias.

Para se conservar uma saúde perfeita, sob o ponto de vista puramente higienico, é dever expôr o corpo, em sua totalidade, aos efeitos do sol, do ar e da luz, não cobri-lo mais que nos casos em que as exigencias sociais assim o requeiram.

Do ponto de vista estetico, o corpo, sob a influencia

do sol, do ar e da luz, se aperfeiçoa adquirindo graça e beleza que nenhum outro método será capaz de produzir. O instinto de conservação que nos leva a desejar uma vida sã e razoável, aconselha a seguir este fim: levar uma vida natural, abandonar todos os hábitos rotineiros, como é o costume de cobrir o corpo com roupas anti-higienicas.

Ha muita gente que tem este anhelo. No entanto, regida pelos hábitos adquiridos desde a infancia, prefere deste modo abreviar a existencia com o fito de conservar a máxima tranquilidade social. Em consequencia disso, vê-se submetida a uma série de leis que as conveniencias sociais lhe impuzeram e que, por serem anti-naturais, são contrárias á saúde e ao bem-estar organico.

*
* *

Dava-me o exordio acima, durante a viagem, o nosso clássico efebo Rodolfo. Eu ouvia as suas preleções, mas o meu pensamento divagava sobre os poucos recomendáveis resultados obtidos com os exemplos do nudismo em que então me iniciava.

Minha mente se turbava ainda pelas influencias do mundo vestido, meus olhos não sabiam ver em Hertha e em Gerda outra cousa que duas mulheres belas, jovens

e excitantes, e como tais despertavam em mim tempestuosas correntes de luxuria. Creio que era essa a fatalidade que não esperava. Eu não estava preparado para a plácida contemplação do nú, nem elas poderiam deixar de ser para mim o que realmente eram: mulheres.

Do mesmo modo que um faminto, quando tem a oportunidade de sentar-se ante uma mesa de suculentos manjares, assim eu me sentara á mesa da voluptuosidade do nú, e portanto tive que sofrer as consequencias de uma indisposição instintiva. A solidão, essa terrivel inimiga dos praticantes não iniciados no nudismo, obrou em mim como haveria forçosamente de agir. Se em lugar de duas mulheres jovens e belas, tivesse ante meus olhos o emocionante espetáculo que pude contemplar na "Terra da Luz" — onde meus companheiros me levavam — do Dr. Fraenzel, tão humano, tão isento, por excesso, de estimulante da lascivia, certamente o meu apaixonamento sexual instintivo pela simpática e compreensiva Hertha, não teria existido.

Sirva este exemplo — vou mais adiante citá-lo — como aviso aos entusiastas do nudismo, e saibam que, antes de se atirarem, devem tomar em consideração os perigos de uma iniciação mal orientada. Um homem e uma mulher, sós numa serra, não praticam, de uma maneira normal e fulminante, o nudismo puro. A sexualidade os subjugará; assim ha de ser e assim é, infelizmente. Si isto não acon-

ecer, se não sentir o instinto de macho, a atração irresistivel da mulher que fica núa ante seus olhos, resultaria uma degeneração desesperadora da raça. Não, não deve ser assim! Não pode ser assim!

Imaginem se no Brasil se praticasse o nudismo! Se aos domingos saíssem aos campos ou serras um grupo de ambos os sexos e lá permanecessem entre os frondosos jequitibás ou sob as copadas mangueiras, completamente nús: eles e elas... Embora houvesse preclara intenção, austeridade sevéra... Não, não é possivel! Se a mim contassem isso: que no Brasil já se pratíca o nudismo eu então contaria os meus quatro dias no "paraiso" de Rodolfo, e diria que esse nudismo foi uma maneira elegante de saír da monotonia de um "meublé". Ninguem acreditaria? Mas, na realidade assim foi, e pobre deles se a realidade fosse outra!

Aqui é tudo possivel: dois sêres equilibrados, que passam a semana completamente vestidos, e que durante um dia da mesma tiram a indumentária para se entregarem á alegria de viver nús, não fazem outra cousa senão isto: viver gloriosamente, sem mentira, sem hipocrisia, sem trapaças, umas horas de inefável felicidade paradisiaca! Praza aos céus que essa gloria não os abandone enquanto o verdadeiro nudismo vai em passo de tartaruga no nosso Brasil, o ponto mais propicio da terra para cultivá-lo!... Mas... talvez, jamais!

Depois de uma fastidiosa viagem de cerca de oito horas, chegamos — o nosso trio — ao esplendido e deslumbrante campo nudista do Dr. Fraenzel, situado numa aldeia do norte alemão, chamada Gluesingen.

A Lichtschulheim (Escola de Luz) é uma vastissima propriedade, destinada exclusivamente á vida natural em todas as épocas do ano. O Dr. Walter Fraenzel, que era lente numa universidade de Berlim, sentindo-se atraído pela nova religião — o nudismo — fundou neste lugarejo da Prussia, a Escola de Luz. No principio pensou em dedicar a sua escola exclusivamente á infancia, mas a pedido admitiu familias inteiras, pagando a pupilagem, mas foram sempre aumentando que, devidamente autorizado pelo Estado, decidiu destinar o seu campo ás práticas do nudismo em todos os seus aspectos.

Hertha e Rodolfo ali se iniciaram. E segundo soube, foi ali que encontraram sua salvação moral, — mais adiante contarei a historia.

Com uma singelesa unicamente oriunda da causa que na Alemanha está propagada, fui admitido pelo Dr. Fraenzel em sua Escola. O simpático esculápio é um homemzinho cheio de musculos, dono de um cavanhaque de bóde que faz lembrar um pouco os sátiros legendários. No entanto, logo nele se descobre o homem de ciencia,

austero em costumes, que convertera suas idéias nudisticas num verdadeiro sacerdocio.

Tive que fazer um prolongado arrazoado, uma copiosa argumentação para convencê-lo, e dar a razão decisiva para que acedesse a inscrever-me no registo de seus alunos, pois não desejava que seus auxiliares, alunos ou empregados se inteirassem de que eu ali ia com a exclusiva idéia de curiosidade, de estudar a vida e costumes dos nudistas, pois sendo brasileiro, droguista e rabiscador de papeis, tinha muitas ponderações a fazer. O Dr. Fraenzel perguntou ao meu amigo se eu já praticara o nudismo, e enquanto Hertha e eu nos afastavamos amigavelmente, notei que Rodolfo sustentava com o medico um curto dialogo. Deduzi que o orientava sobre quanto em seu campo a mim ocorrera; senti um leve mau estar.

Momentos depois, ambos a nós se reuniram e sem mais preambulos dirigimo-nos ao vestiário. Esperava encontrar cabinas individuais, mas assim não foi. O chamado vestiário era um *despiário*: consistia num espaçoso barracão de zinco e no interior havia quatro filas de bancos e cabides, destinados á curtissima operação de se tirar a roupa.

Esquecia-me de dizer que o Dr. Fraenzel nos recebera completamente nú. Predicava, pois, com o exemplo. Ao deixar-nos á porta do vestiário, disse-nos simplesmente que nos veriamos mais tarde e partiu para o campo.

Ao penetrar na arejada arcada, fiz um movimento de retrocesso, pois lá se despia um casal idoso, em companhia de duas meninas e dois rapazes que supuz serem seus filhos. Rodolfo tomando-me pelo braço empurrou-me suavemente para dentro.

O espetáculo não era atraente da banda do casal. Ambos eram muito gordos, de carnes flácidas, e faziam um esforço enorme para se despirem. As crianças, ou melhor, a "macacada", foi um záz-tráz e logo desapareceram, correndo como veados, sem sequer olharem para traz.

Hertha e Rodolfo começaram a despir-se e, como não era possivel ficar a sós no vestiário, imitei-os. Se dissesse que realizei a operação de despir-me sem sentir uma leve emoção, mentiria. Mas posso garantir que não titubiei um só instante, e quando desabotoei a cuéca, fiz com tal energia, com tal decisão, que Hertha, que me espiava com o rabo dos olhos, soltou uma gostosa gargalhada e saíu correndo ao campo, arrastando o noivo pela mão.

Como não tinha ainda pendurado as peças de roupa, fiquei meio atrapalhado quando me vi a sós com a gorducha matrona, que continuava, meio zonza, descalçando as meias, devido á exagerada barriga que não permitia alcançá-las. Já me dispunha a saír quando a rechonchuda *frau*, solicitou meus prestimos, rogando que puxasse suas

meias, pois estava sem criada. Como poderia negar? Era um ato de cavalheirismo!

Renuncio detalhar a impressão de desagrado que pela primeira vez me produziu o corpo duma mulher. Para atuar meu ato de "cavalheirismo" tive que me colocar entre as coxas da gordona, — Eva do fim do seculo passado — em posição mais apropriada para prestar o auxilio que me pedia; sómente digo que a presença daquele corpo fôfo e de carnes balofas, cheias de pregas e dobras de banhas, insuflou no meu organismo uma nausea, Safei-me como pude ante os gentis agradecimentos recebidos.

Quando fóra, dentro do limite que minha vista abarcava, não vi uma unica alma, e fiz então uma idéia da grandeza que seria o campo. Puz-me a andar pelo mato, a esmo, e ao contornar uma árvore deparei com uma mocinha, talvez de uns quatorze anos, espichada ao lado. Era bonita a pequena e bem contornada; fixou-me com uns olhinhos travessos. Dois seios pequeninos emergiam do torax; redondo e terso como o tronco da árvore ao seu lado era seu corpo, que tresandava saúde pelos póros.

— *Guten Tag, Fraulein* (Boas tardes, senhorita, — disse-lhe sorrindo.

Ela continuou me olhando com a mesma perspicácia e respondeu sem mover-se.

— *Guten Tag.*

Havia uma rara expressão em seus olhos que, sem que possa dizer porque, espargo um olhar em redor. Imaginem que susto! Julgava-me sózinho com ela!... Formando uma especie de circulo e apoiados nos troncos, havia outras moças e um gurizinho que me olhavam com estupefaciencia, como que dizendo que os estava estorvando. Uma voz feminina veio confirmar minha impressão:

— *Waeren Sie so gut...* (Queira o senhor ter a bondade...)

Volvi-me sobre os calcanhares e deparei com uma mulher quarentona, que me sorria e tinha nas mãos duas enormes bolas de couro e me convidava para o jogo que fôra interrompido com a minha intromissão.

— Desculpem-me, perdoem-me! — balbuciei estupidamente.

— Oh! Não por isso — respondeu uma bonequinha agarrada a uma árvore.

E com surpreendente agilidade a mulher já madura, atirou uma das bolas á pequena de olhos negros e fascinantes que tão agradavelmente eu surpreendera. Esta se desfez imediatamente da bola atirando-m'a e eu passei a outra menina que se achava mais perto. E assim foram as duas bolas de mão em mão, com enorme destreza e descrevendo um circulo formado pelas jogadoras, tendo como elemento masculino, eu e o gurizinho de dez anos. De

quando em vez, obedecendo á voz da mestra, o lançamento da pelota se tornava mais rápido e sêco, ouvindo-se o chocar das mãos. Outras vezes a bola vinha do alto e ao caír descrevia uma graciosa parabola, que era acompanhada com ritmo pelas moças. Parecia um bailado de ninfas. Numa certa ocasião a bola veio rastejando aos meus pés, e eu querendo fazer bonito, bancar o zagueiro num "batepronto", mas o chute foi numa pedra. Agachei-me para agarrar o dedão dolorido. De pronto todas as pequenas de mim se aproximaram e uma chuva de mãozinhas tocaram em todo meu corpo. Eis o desastre... caí debruços no solo.

— *Wollen Sie nicht mehr spielen?* (Não quer o senhor jogar mais? — perguntaram ao mesmo tempo.

Dei uma desculpa esfarrapada, alegando o pé machucado; mas a causa era outra, pois estava certo de que representaria um desairoso papel ante as esbeltas garotas, que eram já bastante taludinhas... pois estava em estado de... e... desculpando como pude saí correndo de lado.

Ao deixar do bosque em que me embrenhara, umas vozes chamaram minha atenção. Julguei que fossem os meus camaradas: Hertha e Rodolfo. No entretanto eram três ou quatro rapazes e duas moças, que com os braços me mostravam que me afastasse de lado. Obedeci á indicação e momentos depois vi que um deles lançava um disco no

lugar onde antes me achava. Fiquei então contemplando-os. Os discobolos eram dextros e ao executar o lançamento pareciam estátuas gregas com os musculos salientes e bem delineados. Veio por uma nota gracil, uma formosa dama de carnes rotundas e bem tostadas pelo sol. Sem mostrar esforço algum apanhou o pesado disco e o lançou ao ar com um gracioso movimento de rotação do corpo. Os circundantes ficaram olhando e, ao caír o disco, um deles exclamou com sincera admiração:

— *Du bist die koenigin, Elsie!* (Você é a rainha Elsa!)

Ela encarou-os e apoiando os braços nas ancas e abrindo as pernas, sacudiu a cabeça e respondeu:

— O que atingir vinte centimetros mais, que me avise. Aí está o meu recorde!

E virou as costas, mas ao mesmo tempo um dos rapazes deu-lhe uma formidável palmada nas nádegas, e ela se limitou a dar-lhe um outro formidável empurrão na barriga que o fez caír na relva, entre o alarido dos demais.

Os gestos e as maneiras eram tão naturais entre eles, que pareciam esquecer por completo a diferença sexual, tão acusada em todos os movimentos da vida no mundo vestido.

Igualmente os discobolos convidaram-me a tomar parte nos exercicios; desculpei-me, temeroso de que, em lugar de lançá-lo a distancia, caísse-me aos pés, pois o disco parecia

pesar muito, a julgar pela nuvem de pó que levantava ao bater no solo.

Introduzi-me num outro bosquezinho e tive a grata surpresa de tropeçar com uma formosa mulher de uns vinte e cinco anos, que se exercitava fazendo contrações agarrada a um ramo de uma troncuda árvore. Não se inquietou com a minha presença e eu, fingindo-me tambem despreocupado, deitei-me no capim e fiquei embevecido na contemplação da paisagem... A mulher era substancial, pletorica, de amplas e redondas cadeiras. Os seios, embora pequeninos, se acusavam eretos sobre o torax torneado sem uma costela de fóra. Fez vários movimentos de contração, sempre agarrada ao galho da árvore, mas, de repente, abandonou-o para dar um saltinho de bailado e todas suas carnes tremeram. Voltou ao tronco, afirmou os pés no solo e, lentamente, foi dobrando o corpo para traz enquanto suas mãos iam tateando o tronco abaixo.

Achei de bom arbitrio abandonar o local antes que sentisse os efeitos naturais daquela posição da exercitante, pois á medida que as mãos desciam tronco abaixo, ofereciame panoramas a que eu não poderia resistir impassivel. Levantei-me e saudei a bela contorcionista que não poude corresponder, devido á posição em que se achava e comecei a caminhar por entre as árvores desejando ardentemente não recordar as atitudes que contemplara.

Agradou-me a soledade daquele bosque e sentei-me ao pé duma árvore com as pernas estiradas e apoiado no tronco. Todo meu corpo descansava. Uma fronda fresca e rumorosa brincava por entre os ramos. Sentia-me bem. A natureza filtrava-se pela minha carne e sentia a madorna da tarde que morria. Obedecendo ao bem-estar que me invadia, estiquei os braços e estirei-me ao solo, sobre a relva, em cruz, e percebi na humidade das axilas o roçar fresco do ar. Posso dizer que a sensação de estar nú naqueles remansos cálidos e ternamente sudorosos, despertou em mim sensações ineditas. Senti seus efeitos penetrarem até o interior do corpo. Mexi-me com desprendimento voluptuoso e encolhi as pernas e estiquei-as ao alto. Depois deixei-as caír cada uma para um lado e senti centuplicada a agradável sensação das axilas ao refocilar na aragem e em minhas pernas jogando. Que bom, que doçura aquela! Com que indolencia, com que abandono tropical recebia eu os suaves beijos daquele crepusculo primaveril! Leves tremores percorreram minhas veias. Meu cerebro perdia-se em vagarosas quimeras, meu peito respirava com lentidão de animal feliz e pela primeira vez na minha vida soube o que era estar nú, livre de todo acanhamento, entregue por completo ao bem-estar terrestre, quasi divino.

Nas costas percebia uma estranha comichão, como se meu corpo entrasse na terra e nela se enraizasse. Desejava

ali dormir ante o belo ocaso, envolto naquela voluptuosidade carinhosa de indiziveis beatitudes.

Uma voz amiga veio perturbar o meu letargo:

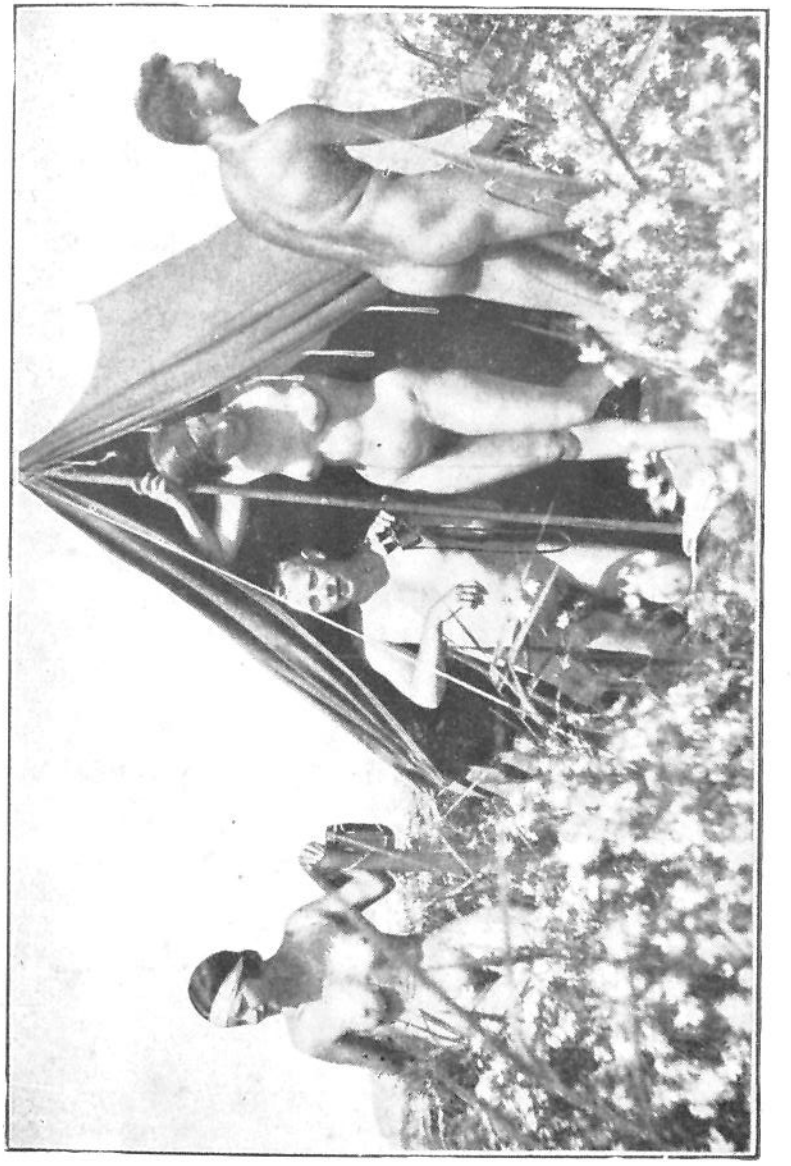
— Eh! Paulo. Já é tarde, vamos comer!

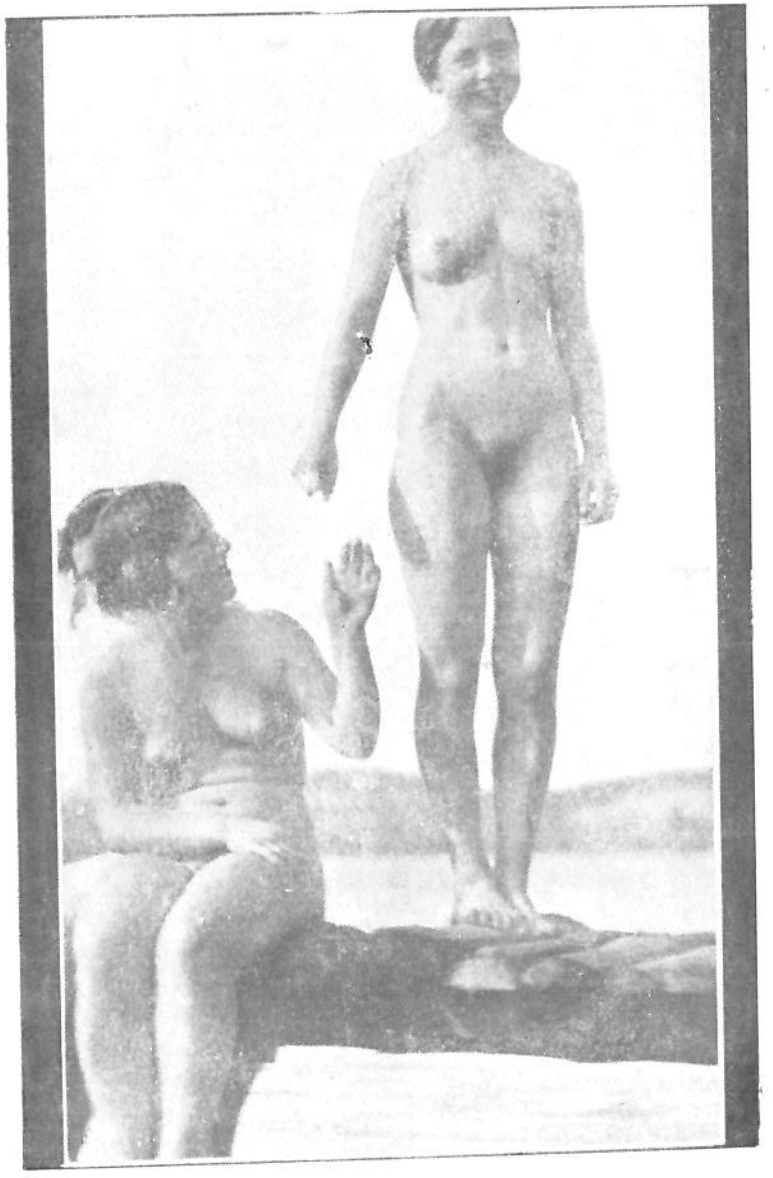
Era Rodolfo. Levantei-me, não sem algum esforço e procurei apoio no ômbro do efebo; pois tudo girava ao meu redor.

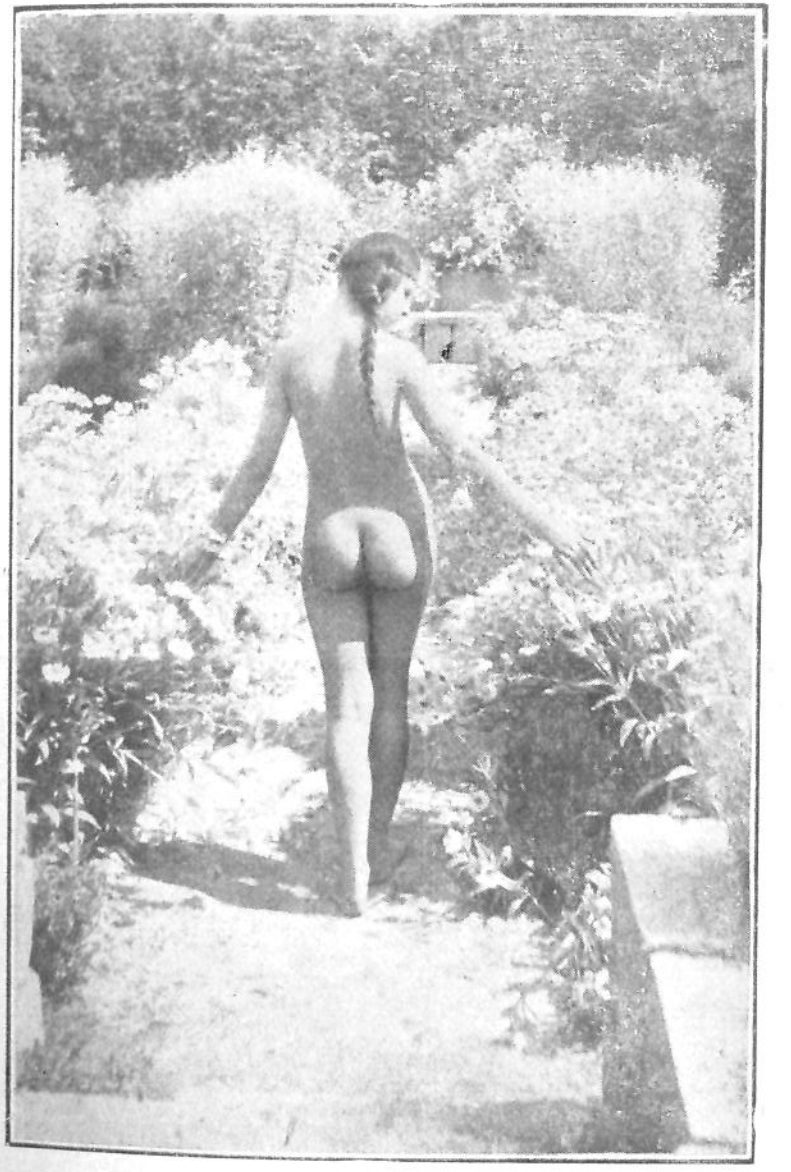
— Sente-se mal? — perguntou Rodolfo.

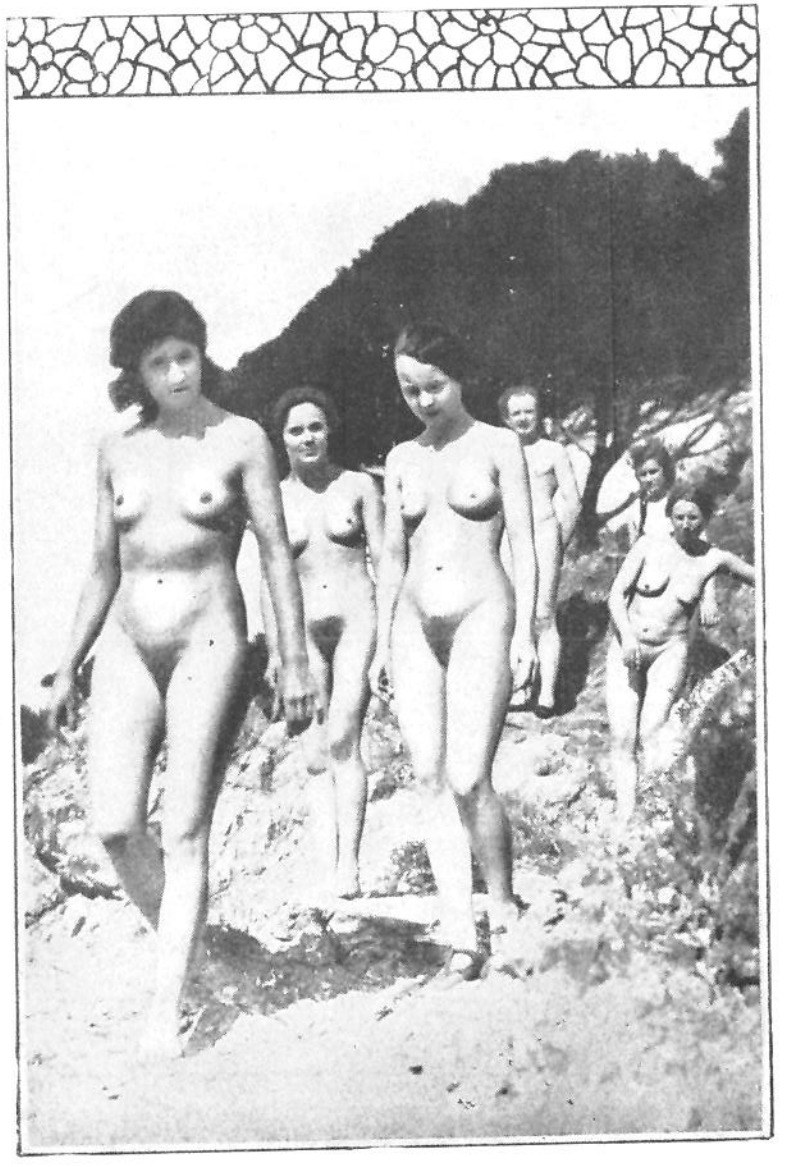
— Não sei; estou meio tonto.

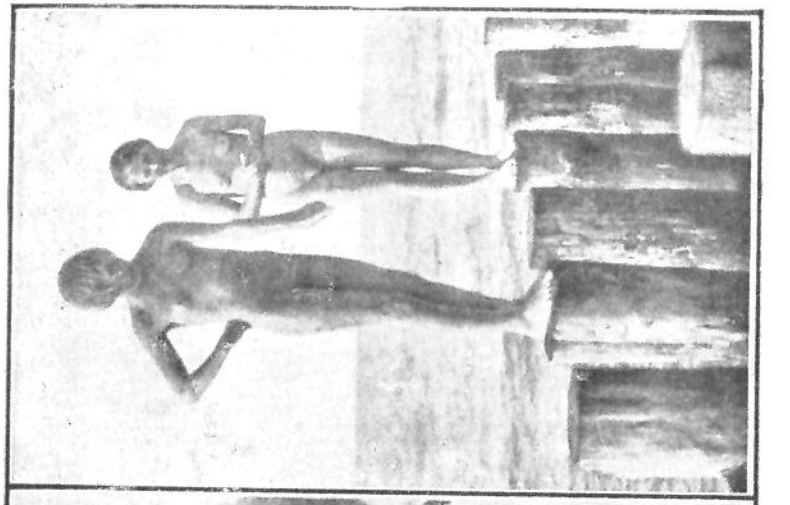
— Ah! Isso não e nada. Mas saiba que os bosques são traidores e quando a gente se sente demasiado bem neles, deve abandoná-los. Embriagam, compreende?

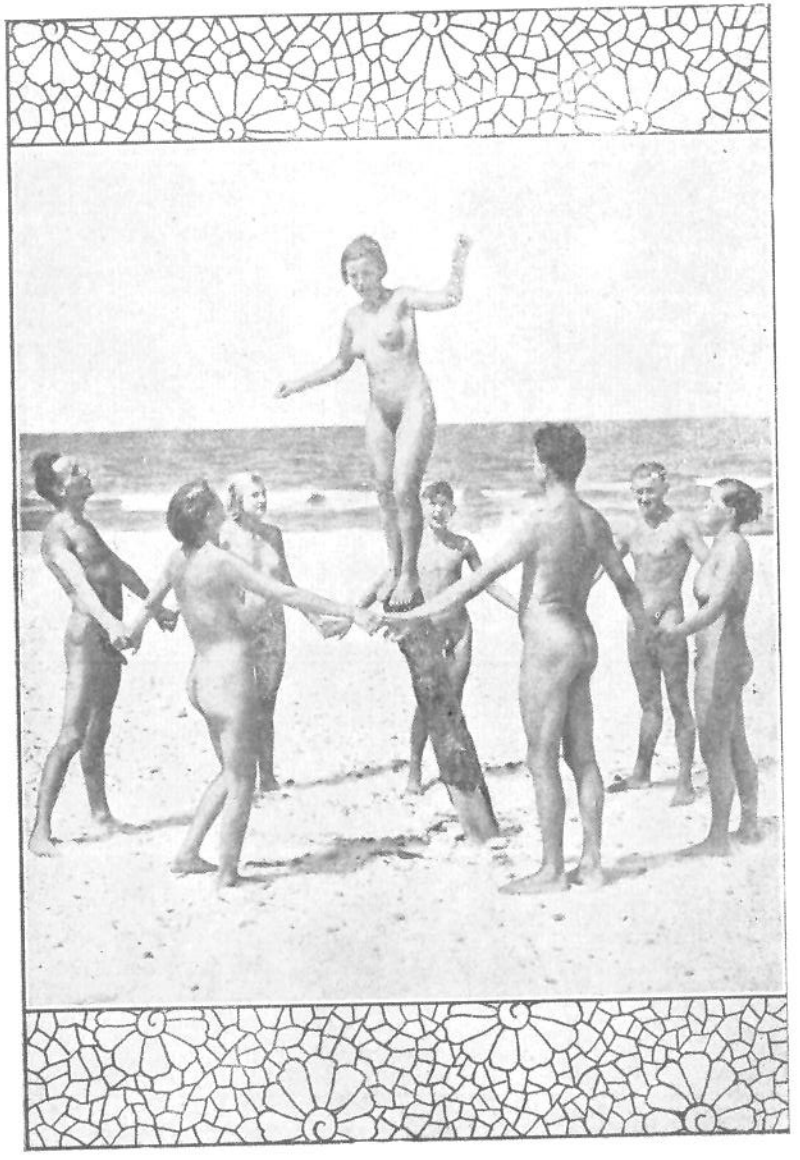


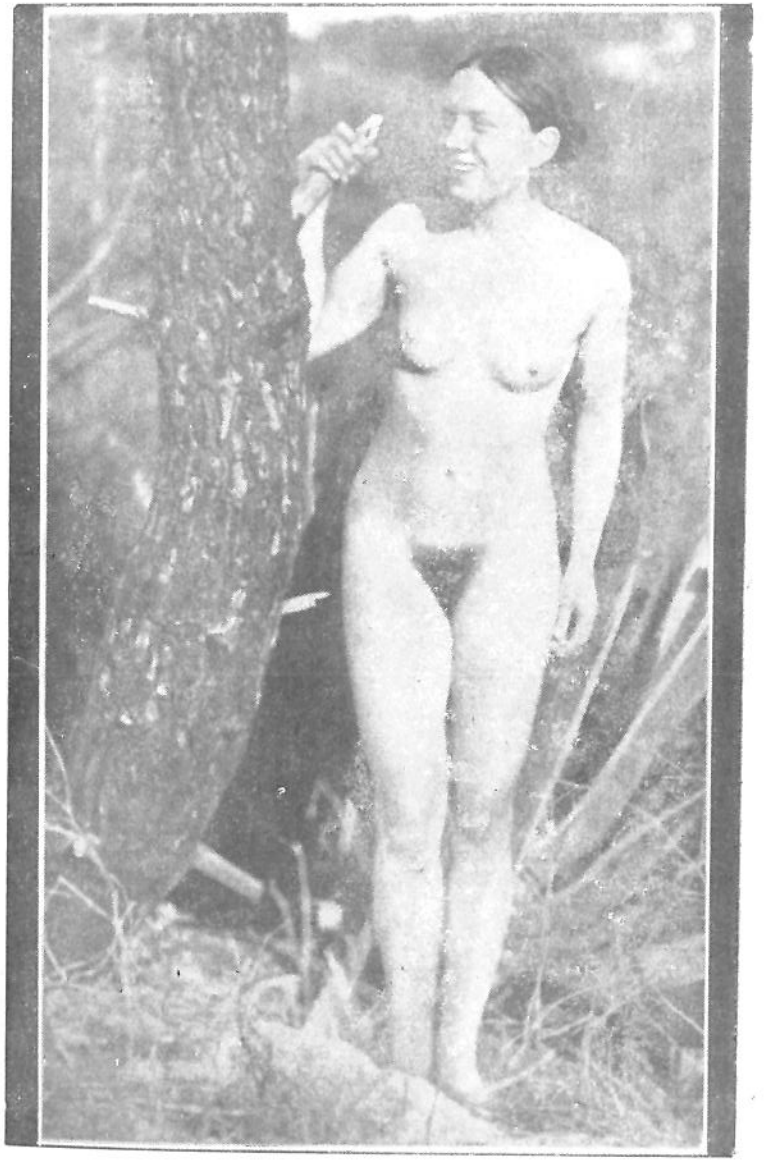


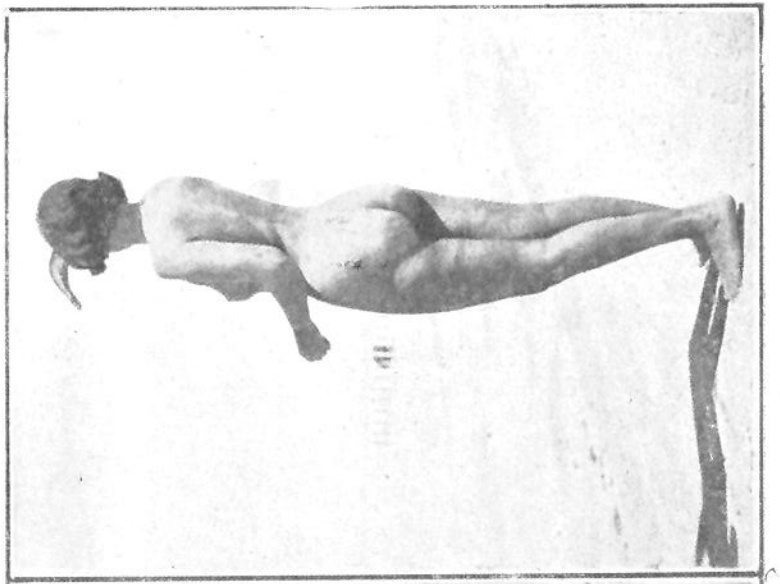


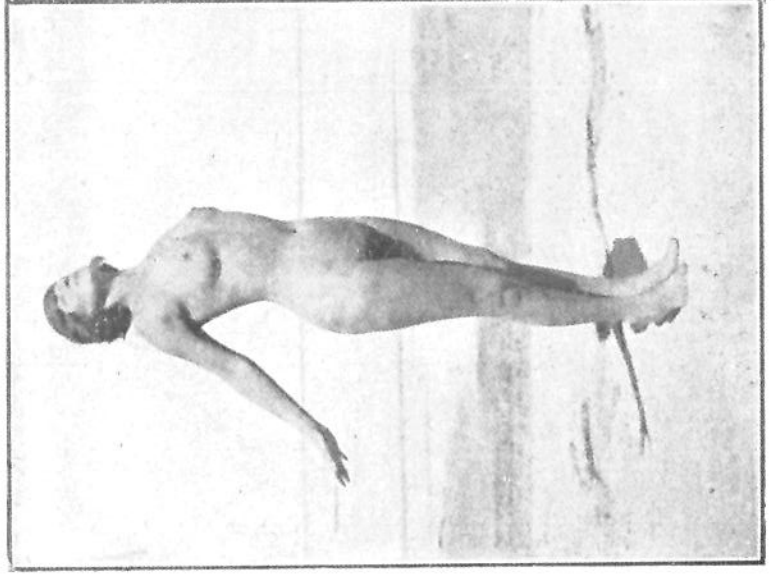


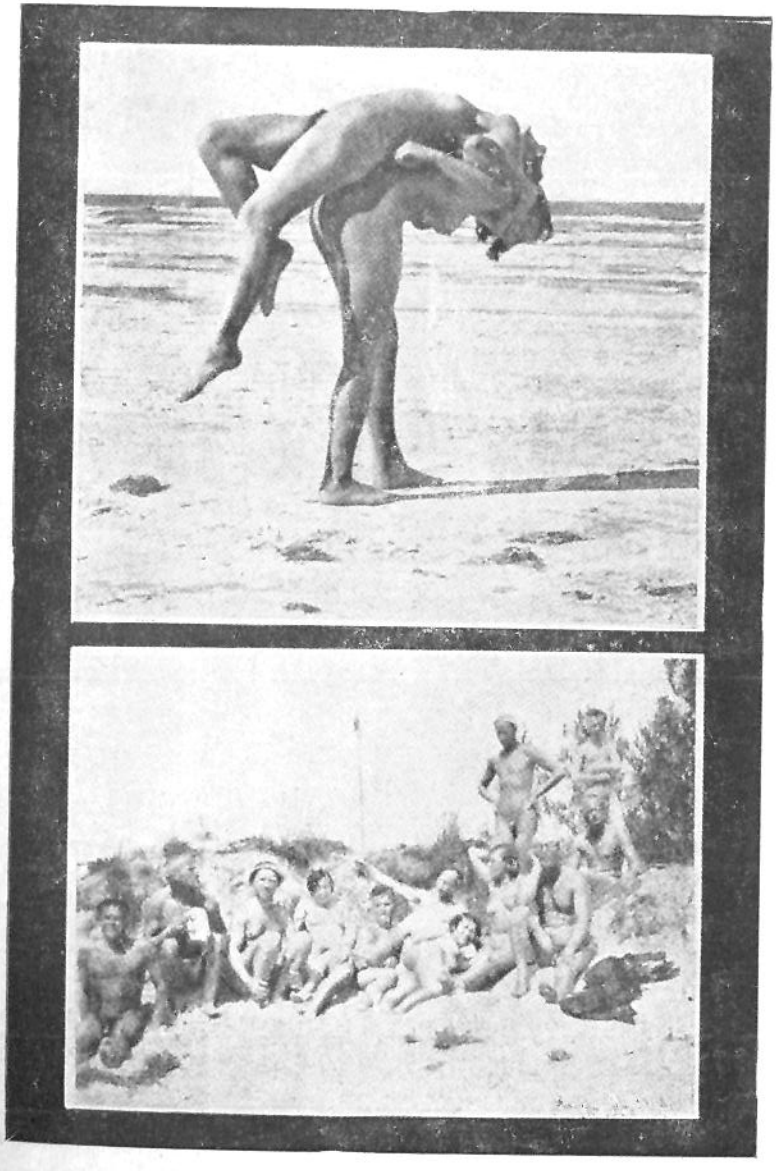


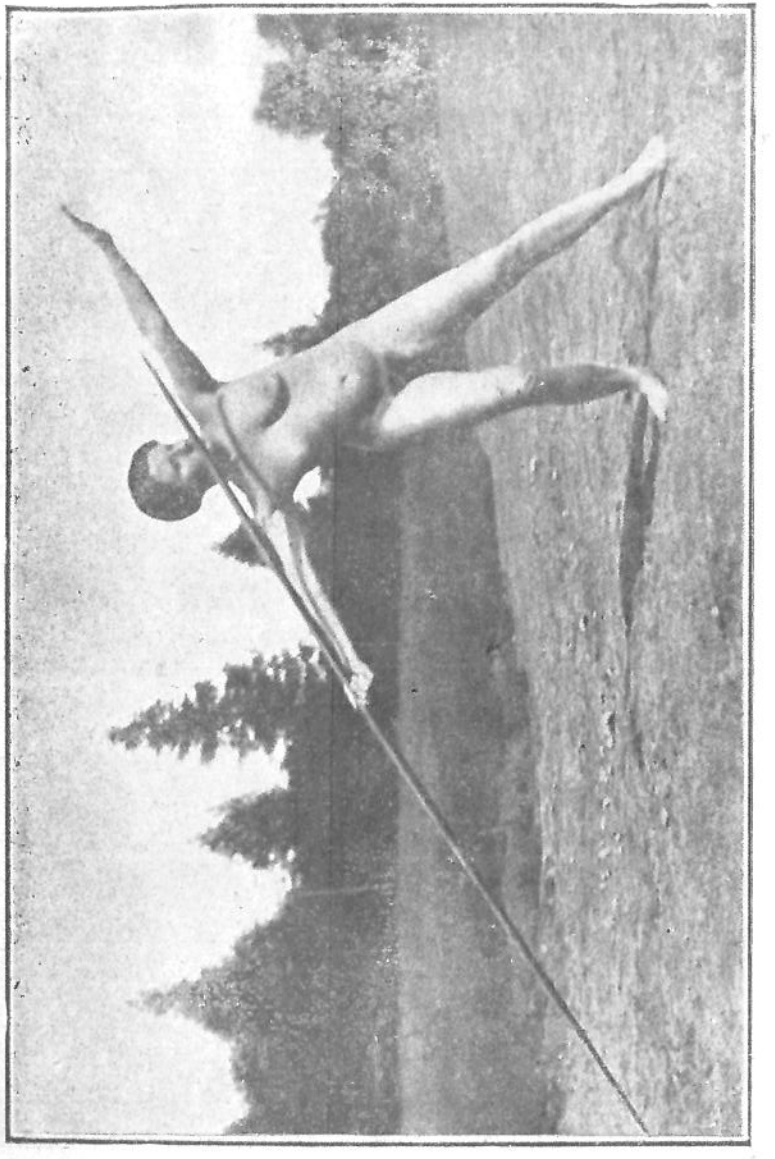


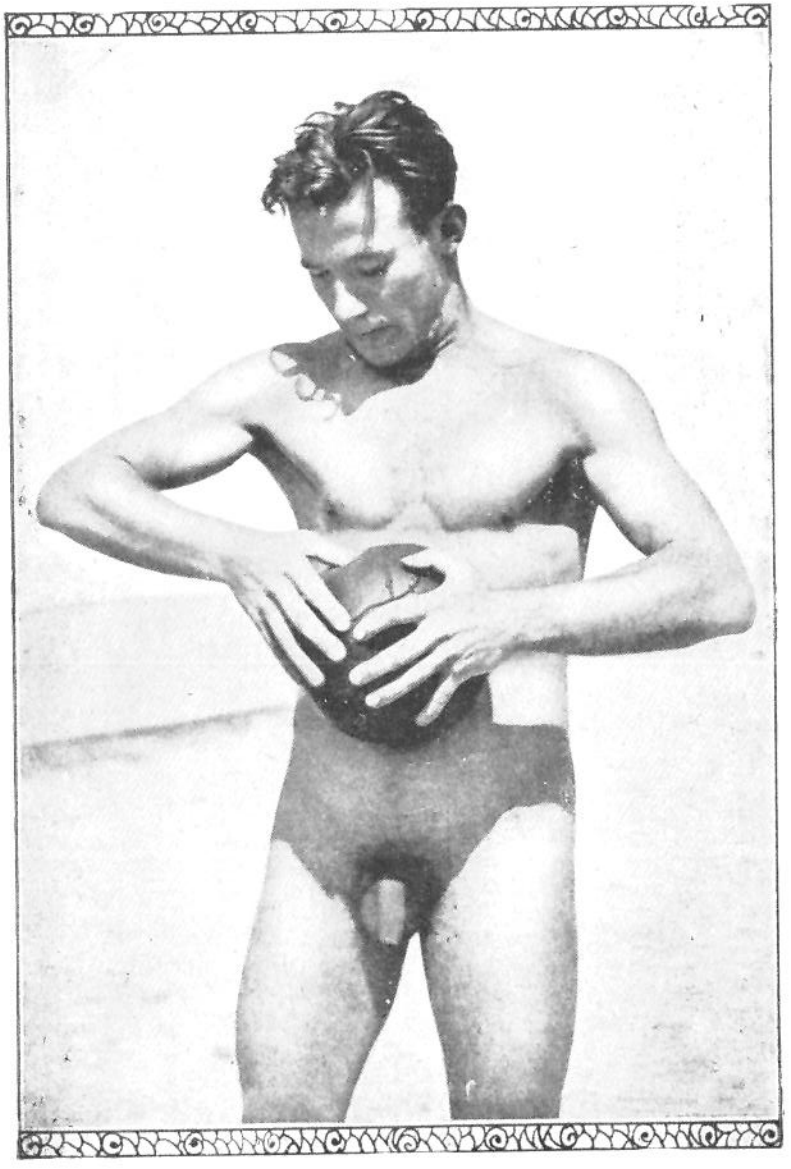


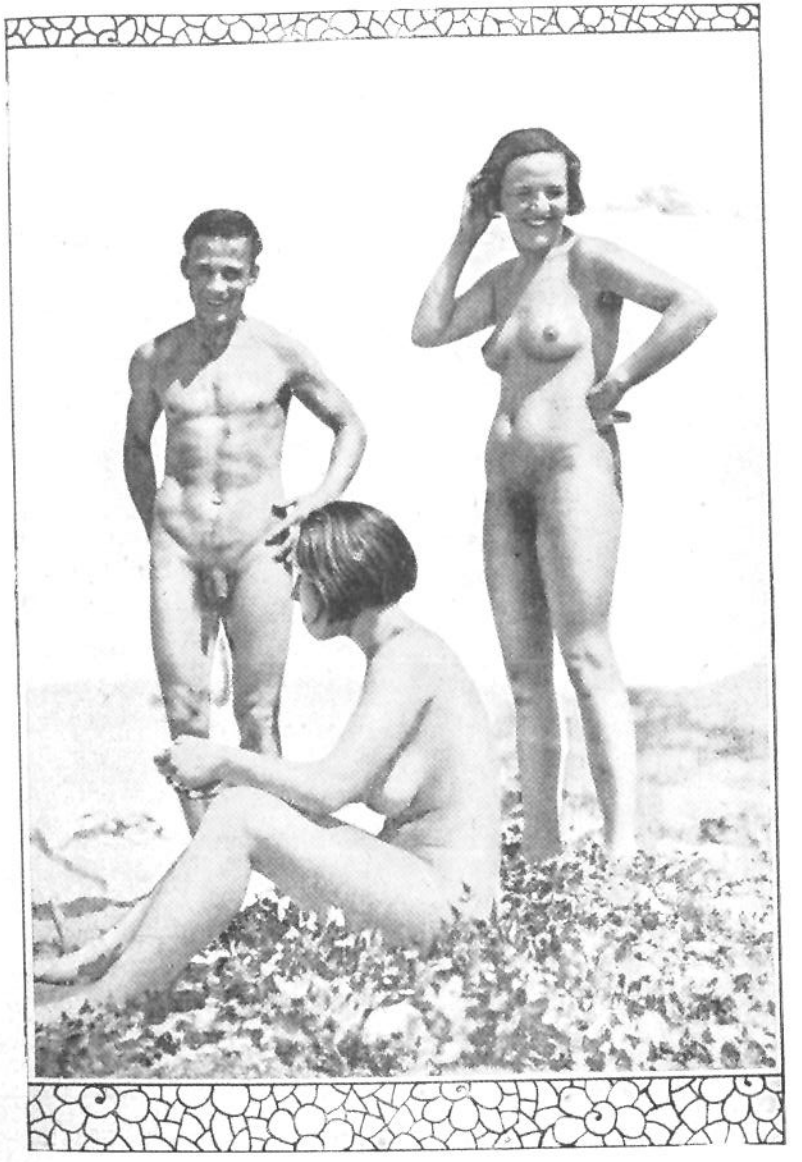


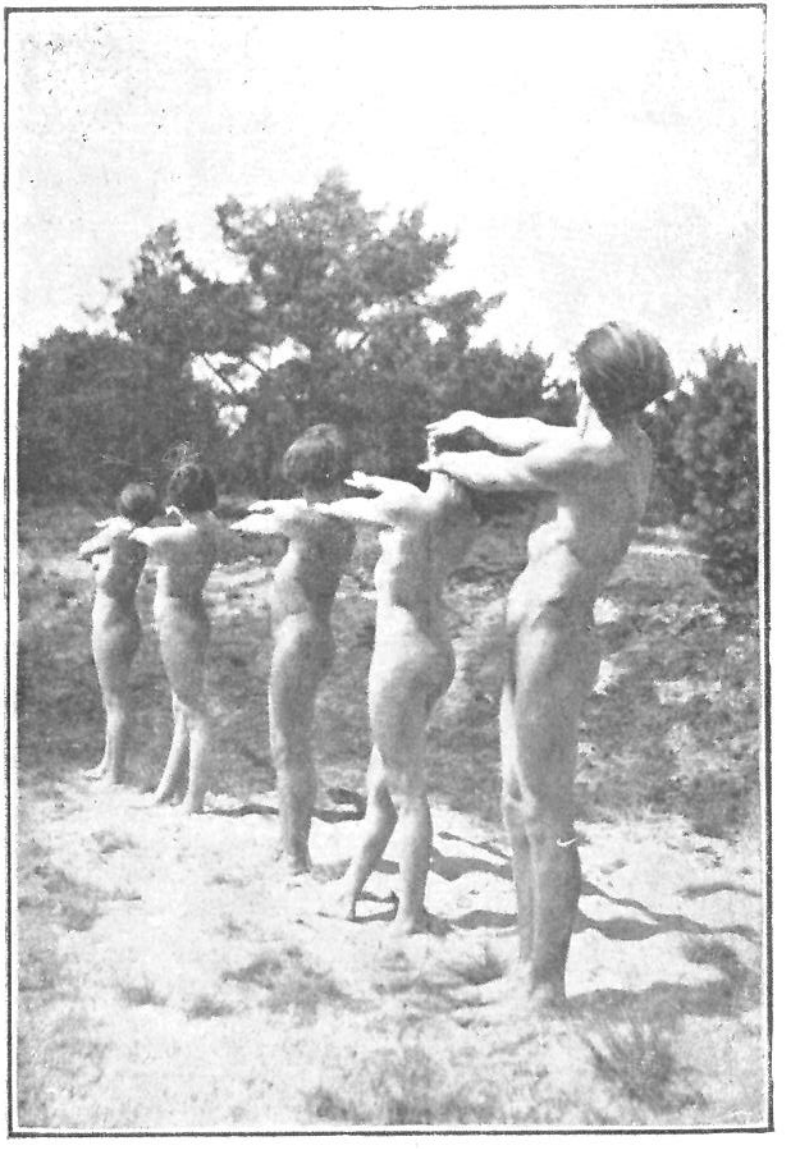


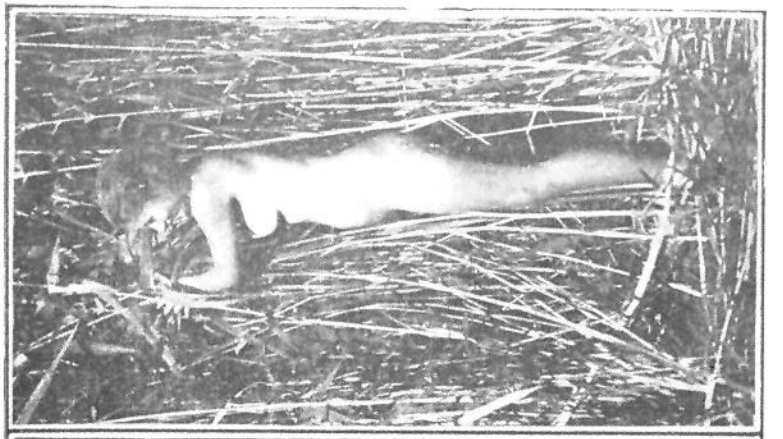


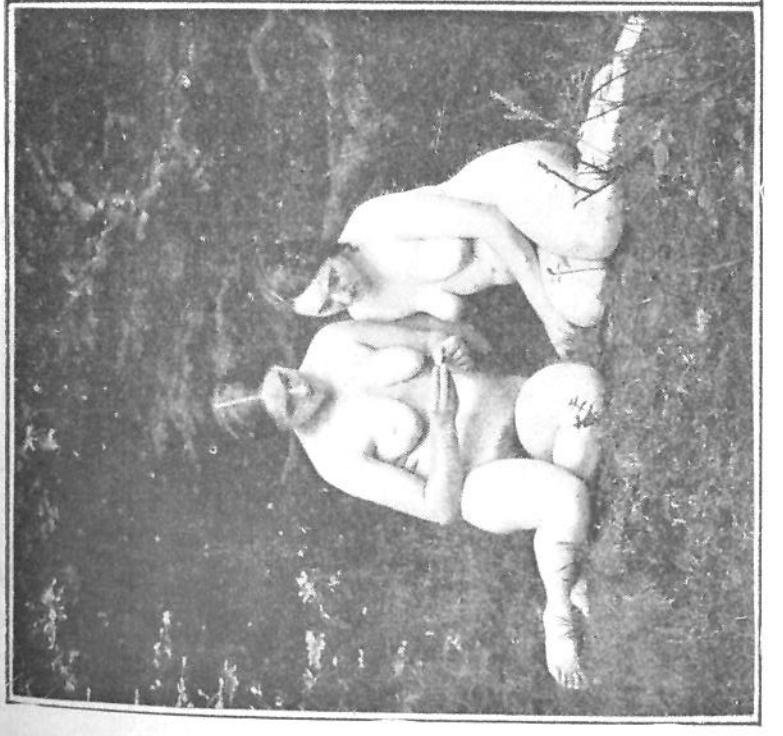


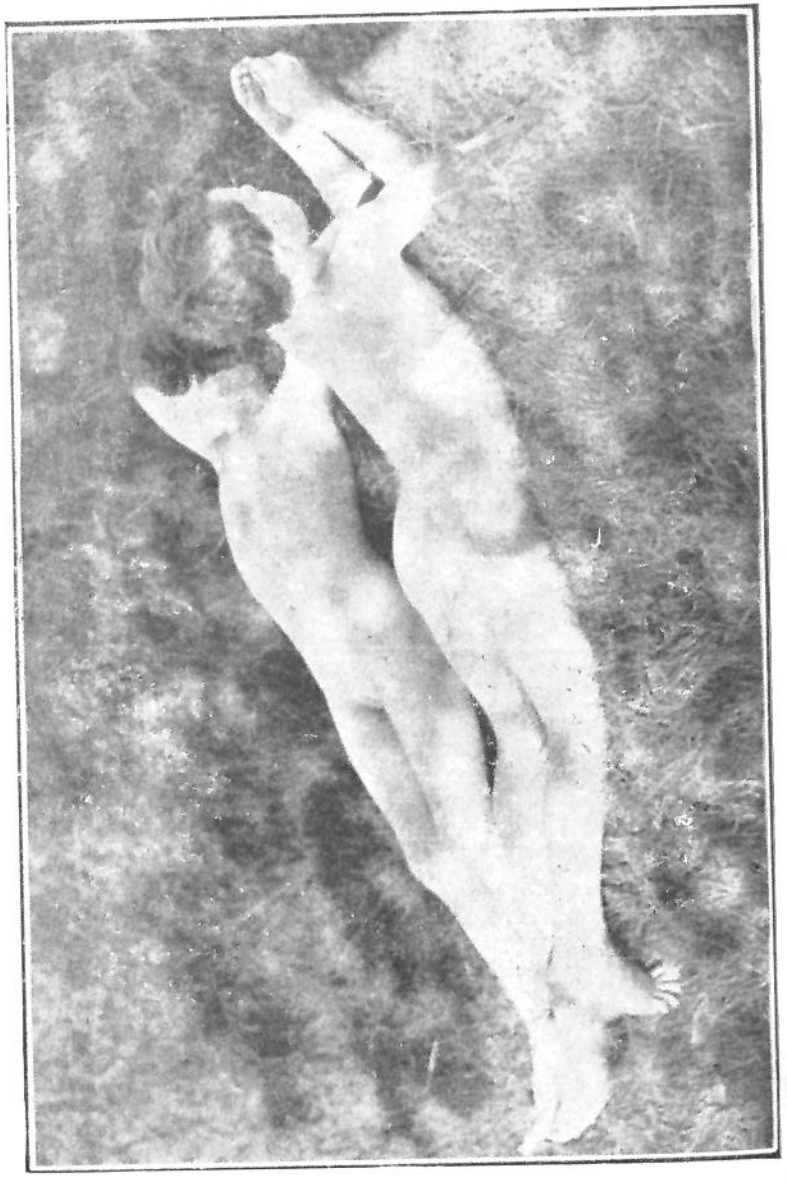












CAPITULO XII

A HISTORIA DE HERTHA E RODOLFO

Caminhamos um bom trecho antes de chegar á pequena casa que o doutor nos havia destinado e lá estavam o naturalista e Hertha. Nús, naturalmente.

— Que tal, gosta do meu campo, senhor *brasiliana*? — perguntou-me, enquanto esvaziava de um gole uma xaropada côr de rosa.

— Muitissimo, caro doutor, Contente e satisfeito, pois começo a descobrir cousas que nem por sombra suspeitava.

— E diga-me, que descobriu?

— Não sei como poderei explicar. Mas é alguma cousa que minha mente ainda não definiu, mas que me abre as portas de um novo mundo.

— Creio que viu muitas moças bonitas, hein?

— Como não! Mas não foi a beleza que atraiu minha atenção.

— Então? — interrompeu com vivo interesse.

— Foi o que havia de mais admirável nelas: o aspecto sadío, muscular...

O Dr. Franzel sorriu complacente e disse a Hertha que me oferecesse um pouco de "drink".

A sempre jovial garotinha apresentou-me um copo que continha, assim me pareceu, a mesma xaropada que estava tomando o preclaro nudista, que traguei rapidamente. Era deliciosa e de agradabilissimo sabor. Soube então que fôra Hertha que preparara o elixir, de uma especie de groselha, ainda verde, que abundava no mato daquele retiro naturalista.

No curso do jantar inteirei-me de que durante a minha permanencia, teria de ser vegetariano. Não me foi de muito agrado, mas o que nos servia Hertha era apetitoso e portanto resignei-me.

Após a refeição saímos para o exterior. A noite clara, o céu de um azul transparente e a temperatura cheia de caricias, convidavam á meditação. O dr. sentou-se sobre a relva e eu o imitei.

— Quer fazer um pouco de exercicio? — perguntou-me Rodolfo.

— Não; estou bem aqui ao pé do doutor. Além disso desejo conversar com ele, se fôr amavel em aturar-me.

— Certamente, contanto que não falte xarope! — exclamou o Dr. Fraenzel muito jocosamente.

— Quanto a isso não se preocupe, doutor, — interveio Hertha. — Espero que a quantidade feita seja bastante para esta noite.

Chegaram vários grupos de ambos os sexos e ante nós começaram uns movimentos ginasticos e em pouco todos se entregavam com ardor á execução de vários quadros, muito artisticos, tendo por base as contrações e flexões do corpo. A intervalos o doutor determinava várias indicações e o resultado se traduzia na belissima composição de quadros plásticos, nos quais cada um adotava posições que harmonizavam perfeitamente com os demais.

— Isto é algum ensaio, doutor?

— Não. Simples exercicios. Ginastica muito conhecida pelo nome de "Escola Laban". Os quadros que formam, não são ensaiados, nem sequer pensados. Os praticantes se agrupam e cada um executa liberrimamente o gesto que acha oportuno, e a beleza que se nota na plástica é devida ao conjunto. Observe que as atitudes são diferentes. Não obstante, todas se harmonizam. E' o mesmo que apanhar um punhadinho de pedras e atirá-las sobre uma superficie plana, pois sempre resultaria alguma figura geometrica interessante.

— O que se consegue com este método de ginastica, doutor?

— Duas cousas: a puramente estetica e a educação estetica dos movimentos do corpo. O praticante desta escola não tarda em saber quais são as atitudes que mais harmonia imprimem á sua silhueta. Veja a nossa amiguinha Hertha, assim de joelhos, que lindo quadro oferece á nossa vista. Esta moça é um diabinho que domina toda a elasticidade do método. Tudo nela é ingenuo e sem preparação alguma. Mas conhece a fundo a sua figura escultural, de modo que nunca, nem mesmo nas conversas mais triviais, se surpreenderá nela uma atitude desgraciosa.

— Sobre esse ponto, já me inteirei... mas é garbosa e coqueta como uma gazela.

— O senhor se engana: nada de coqueteria nem de cerebrações em seus ademanes. A prática do método nela operou de uma maneira imperceptivel. Não pensa nunca nos movimentos ao executá-los, mas obedece insensivelmente a um sentido estetico. Claro é que não ignora que é bela como uma flôr. Qual a mulher no mundo que ignora isso? Garanto-lhe que ela não se empenha em aparecer mais formosa do que é. Se subjuga, se atrai, é um dom natural; nela nada ha de postiço. Hertha e Rodolfo são dois casos gloriosos para mim. Se o senhor soubesse como os "apanhei!"

— Não tenho a minima idéia, doutor. O que sei é

que Rodolfo afirma que ambos devem ao nudismo sua salvação moral.

— E não sem razão. Imagine o senhor...

O Dr. Fraenzel falava sem afetação, mas na historia a seguir descobri de quando em vez, leves irisações de emoção.

— O pai de Rodolfo era um grande amigo meu. Exageradamente rico como todos os seus irmãos antes da guerra, mas esta deixou-o um infimo capital com o qual não podia fazer face ás necessidades domesticas. Tendo acostumado a familia ao fausto e ao luxo, os filhos não souberam se adaptar á nova situação e as duas lindas irmãs de Rodolfo atiraram-se a uma vida cheia de incidentes para acabarem na prostituição de alta escola. Esse foi, e é ainda, um dos castigos da guerra. Rodolfo era menino. Seus pais se esforçaram por fazer dele um homem util á sociedade e não mediram sacrificios. Mas, Rodolfo, devido as más companhias, tinha mais inclinação pelos cabarés que pela universidade, e ao completar dezoito anos era um perfeito cocainomano. Um dia encontrei-me com seu pai e ele contou-me sua odisseia familiar. Já lhe disse que se trata de um grande amigo meu. Consegui convencer o rapaz e trouxe-o ao meu campo. Algum tempo depois ingressava Hertha ao meu nucleo. Vim então a descobrir que ambos se tinham comprometido numa especie de noivado. Mais tarde fiz

novas descobertas. Hertha frequentara com Rodolfo os cabarés e era tambem uma escrava dos entorpecentes. Muito trabalho me custaram eles. Não obstante, os resultados já se podem ver: estão ha quasi dois anos comigo. Rodolfo trabalha e recomeçou os estudos. Herta numa casa exportadora de produtos quimicos onde a coloquei. Ambos casar-se-ão e formarão um lar honesto. Que lhe parece essa pequena historieta?

Queria mostrar-me prazenteiro ao doutor, mas adivinhei que estava profundamente emocionado. Houve um curto silencio. Os grupos continuavam nos exercicios ginasticos. Hertha e Rodolfo combinavam numa estupenda póse escultural. Não pude evitar um comentário:

— Quer o doutor que lhe diga uma cousa?

— Diga-a, mas antes passe aquela garrafa de xarope.

Com verdadeira delicia o mestre-nudista enguliu a deleitosa bebida. Levantei-me, desentumeci os musculos um tanto inteiriçados pela humidade da noite e terminei sem deixar de contemplar o par em questão:

— O que quero dizer, doutor, é que o nudismo é bem diferente do que o supunha!

*
* *

Eram quasi nove e meia quando o facultativo aconselhou aos clientes a se retirarem para repousar. Caminhando lentamente dirigimo-nos á nossa casinhola e ao despedir-me do doutor, assim falou-me ao ouvido:

— Com sinceridade, a historieta é verdadeira... creia!

Ao ficar a sós, meus amigos convidaram-me para tomar uma ducha. Pareceu-me oportuna a idéia. O aparelho chamado *de* duchas, estava colocado na parte posterior da casinhola; era sumamente simples: uma lata de querosene segura a uma árvore e cheia de buracos feitos a prego na parte inferior. Rodolfo ia deitando jarros cheios de agua na lata enquanto eu e Hertha tomavamos o clássico banho de chuva. Não pude evitar que em várias ocasiões os nossos corpos se roçassem. No entanto, observei que a garota não dava a menor importancia a esses choques de carnes. Parecia que eu tornara a ganhar a sua confiança, sendo isto motivo de intima satisfação para mim. Não obstante, se os refrigerantes efeitos da ducha não tivessem vindo em meu auxilio, não saberia evitar que Hertha désse conta de que suas belezas feminis atuavam ainda de maneira imperiosa sobre meus nervos. Afortunadamente assim não foi, e pude presenciar impassivel como a garotinha do diabo flexionava o corpo para receber a copiosa quantidade de

agua, não sómente sobre o busto como nas partes mais intimas de seu corpo.

Depois coube a vez de Rodolfo. Terminada a nossa tarefa, facilitaram-se uma toalha, pois eles se limitaram a friccionar os corpos com massagens que se prodigalizaram mutuamente. Após repartirem uns quantos tapas e palmadas um no lombo do outro, sob minhas barbas, beijaram-se, e Hertha antes de se esticar sobre o estrado, agarrou-me de repente e aplicou-me tambem um sonorissimo beijo em plenos lábios, ante as, igualmente sonoras, gargalhadas do noivo.

Meio aturdido com o rápido amplexo, passei a noite de um só estirão e quando despertei o sol já tinha nascido. Nos campos nudistas se madruga, cousa muito natural numa sociedade que aboliu a luz artificial de seus hábitos rotineiros.

CAPITULO XIII

O QUE E' UMA "ESCOLA DE LUZ"

Na *Lichtschulleim*, sob a direção do Dr. Fraenzel, os higienistas cingem-se ao ponto de vista puramente higienico, na prática do nudismo.

Ensinam que não se deve subtraír aos efeitos do sol, da luz natural e do ar, nenhuma parte do corpo, já que os pés, as pernas e o ventre necessitam assimilar energias solares na mesma proporção que o resto do corpo. Os orgãos genitais, da vitalidade administrada pelo sol. O peito, o abdomem, as costas e a cabeça, todos os orgãos neles contidos, não podem prescindir da renovação de energias cosmicas. Insistem sempre na necessidade de não se subtraír nenhuma parte do corpo aos efeitos solares, interpondo entre estes e a péle um traje de banho.

Baseiam suas teorias nos sêres primitivos que viveram completamente nús e em pleno contacto com a natureza,

que eram de complexão muito mais sã e robusta que a geração presente, na qual se destaca o estigma de uma depauperação cada vez mais acentuada. Este caracteristico de saúde perfeita e que denominam primitiva, quasi se pode encontrar unicamente entre os componentes de certas tribus que ainda vivem afastadas da civilização hodierna e que, por este motivo, são a admiração dos temerários que delas se aproximam.

Sabido é que a maioria dos povos nos primeiros anos da civilização andavam completamente nús. Muitas tribus emigraram através dos séculos, de paises tropicais aos glaciais. E isto as obrigou durante o inverno a cobrir a epiderme para proteje-la contra o rigor do frio. Apesar disto, não faz mais de dois mil anos ainda havia tribus na Finlandia, no norte da Alemanha e na Russia, que andavam núas e até iam á guerra desprovidas de toda indumentária, mas, com o tempo, o costume de cobrirem o corpo foi se alastrando.

Com o desenvolvimento das profissões e a fabricação de tecidos foi-se complicando a maneira de trajar, não já como uma necessidade, mas como um requinte de luxo, até atingir aqueles antagonicos e exoticos trajes da idade-média.

A constituição robusta daquelas raças primitivas, a função perfeita da péle e do exercicio intenso, como a caça, a guerra, etc., permitia-os resistirem o frio sem inconvenientes. A' medida que se foi incrementando a vida sedentária de várias profissões com sua obrigatoria falta de exercicio, o homem se tornou extremamente sensivel ás mudanças da temperatura, de tal fórma que já não lhe era possivel andar nú no inverno sem prejudicar seriamente o seu organismo.

Como o progresso da fisiologia e sobretudo os conhecimentos referentes á função da péle e sua importancia sobre os demais orgãos, nasceu a convicção de que a maneira de se vestir, hoje em dia, é prejudicial á saúde, daí vem a teoria nudista, que afirma ser conveniente reformar e simplificar as roupas e, além disso, praticar pelo menos em certas épocas do ano, o nú integral. Como isto, logicamente, não é possivel realizar publicamente, seus partidários se reunem em asilados parques para poderem ali praticar o nudismo sem nenhum inconveniente e sem incomodar os demais.

Nas principais cidades de alguns paises, como a Alemanha, a França, a Austria, a Suissa, a peninsula Escandinava, os Estados Unidos e alguns outros, (dizem que presentemente tambem a Espanha e Portugal) sempre existem nos arredores da capital um ou vários parques nudistas, nos quais, segundo o país, ha uma secção para homens, outra para mulheres, outra para crianças, e outras ainda mixta, para ambos os sexos, no qual se usa o *slip*. Mas, ultimamente se formaram grupos nos quais, apesar

de estarem misturados os sexos, assim como crianças, não se usa roupa alguma.

Não é preciso aqui repetir que os parques ocupados pelos nudistas, sobretudo na Alemanha, são dotados de lagos naturais ou piscinas artificiais para a natação, pistas de tenis, campos de futebol, aparelhos de ginastica, numa palavra, tudo o que é necessário para praticar os mais variados esportes e exercicios.

Em muitos desses parques chegam a afluir nos dias festivos até 10.000 pessoas, o que prova o incremento que tomou o nudismo.

*
* *

Por mais de duas horas ia eu percorrendo o campo em companhia do Dr. Fraenzel e na nossa caminhada ia ele fazendo as preleções antecedentes e eu as escutava com a mais culta das atenções. Não estando acostumado a andar descalço, os meus pés doiam horrivelmente e de uma feita apropriei-me de um par de sandálias que encontrei num dos pontos percorridos e com este dispositivo-repositorio continuei com o chefe-nudista a minha excursão pelo campo.

Na planura de um bosquezinho surpreendemos um grupo de crianças de ambos os sexos brincando de róda,

todos nús, e cantando uma canção infantil. O doutor, aproveitando aquele nucleo, fez uma dissertação sobre a humana função dos orgãos genitais, que os pequenos escutavam com singular atenção. Terminada a prática o doutor dispôz em grupos de três ou quatro, conforme a idade, e determinou que seguissem o brinquedo. Depois, tomando os maiores de sete a dez anos, começou sem mais preambulos a explicar a anatomia geral.

Fiquei surpreso, mesmo boquiaberto, ante a simplicidade com que o mestre ia mostrando ás crianças, individualmente, o lugar de seu corpo e perguntava o nome anatomico de cada parte indicada. As crianças imediatamente respondiam, com singular rapidez e da fórma mais ingenua: o peroneo, o maxilar, o femur, os escrotos, a tibia, o prepucio, o tarso, o meato, etc.

Depois os entreteve dando uma aula de aritmetica, fazendo uso de pedregulhos. Espalhava-os no solo e cada criança ia dizendo o numero correspondente e assim com as quatro operações.

Continuava eu embasbacado, apalermado, mas ia acompanhando a aula naturalista e lembrava dos meus dias escolares lá no Cambucy e das medidas disciplinares que nos eram aplicadas por qualquer falta que ás vezes não era culpa sequer, mas alguma cousa que a nossa mente não podia captar. Longe estão aqueles métodos dos de hoje

aplicados nas escolas infantis de toda parte do globo. As crianças de hoje serão os sábios de amanhã, principalmente na Alemanha onde a percentagem de analfabetos não atinge a mais de ½ %.

Após aquela distração dada ás crianças, vira-se o doutor e me diz:

— Considero meus discipulos, criança ou gente grande, como plantas, pois é sabido que o bom jardineiro acode com maior solicitude os rebentos que sobem raquiticamente com defeitos no caule e que tentam em vão se mostrar ufanos e rebuçantes de vitalidade.

— Ha muitos anos, doutor, que se pratíca o nudismo na Alemanha?

— Sim, já ha muitos. Iniciou-se no principio do presente seculo, ha mais de trinta anos portanto.

— Ha tanto tempo? Julguei que fosse uma simples consequencia da guerra e do advento da republica!

— Não. Isso contribuiu para a sua difusão; mas, embora de uma maneira clandestina, o nudismo era praticado já na Alemanha muito antes de arrebentar essa maldita guerra. As iniciações se baseavam numa questão de comodidade. Os primeiros praticantes foram alguns grupos de "Wandervoegel", organização que equivale aos "boyscouts" mundiais. Nas excursões pelos campos e serras, gostavam de tomar banhos nos rios ou cachoeiras ou nas

praias que frequentavam, e por mais de uma ocasião se entregaram a esse deleite sem camisa ou calção. E isso começou pela não perda de tempo esperando que secasse a roupa. Como os grupos de "Wandervoegel" eram unisexuais, alguns dos mais decididos determinaram, com certa timidez — ao principio — e por preguiça de esperar a secagem da camisa ou da cuéca, atirarem-se na agua completmente nús adiante dos companheiros, mas logo ainda em nudismo, mas os grupos se despiam para tomarem banho sem suscitar escandalo. Com o curso do tempo vieram as "girlscouts", vieram as excursões combinadas, vieram os excursionistas ávidos pela natureza, que começaram a encontrar bem-estar em permanecerem nús após o banho, e não tardaram em assim passar o dia todo no campo, na montanha ou na praia, em completa nudez. Mas a prática chegou aos ouvidos das autoridades e os dirigentes dos grupos foram seriamente admoestados. Houve polemica pelos jornais, mas nada se conseguiu. O nudismo era uma prática oficialmente imoral e era praticado nas costas da lei!

Um senhor já idoso, que antes se aproximara de nós, acompanhado de um gurí de onze anos, que parecia seu neto, escutava com grande atenção a oração do facultativo-naturalista e quando este concluiu para sorver um gole de xarope, atalhou dizendo:

— E estavamos tão fóra da lei! Pois até houve embates e pégas nas montanhas entre nudistas e anti-nudistas. Mas a peleja triunfou depois do nosso lado.

E depois, movendo a cabeça acrescentou:

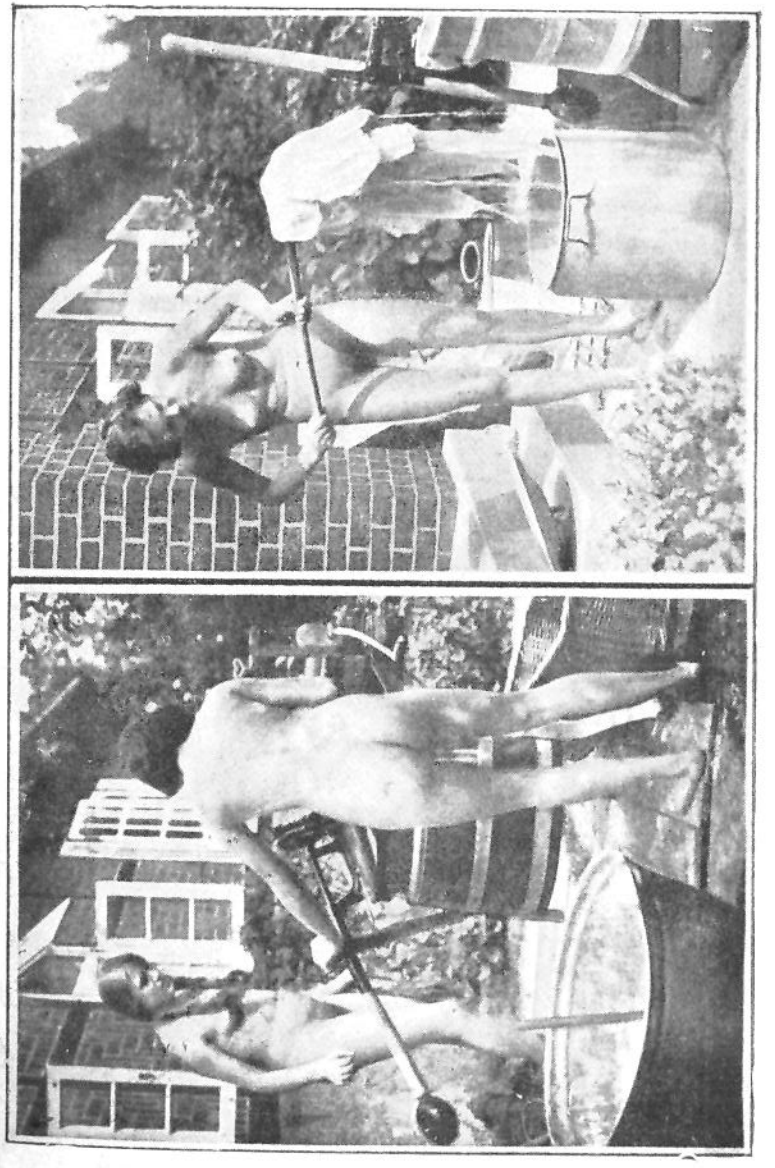
— E eu era então um furibundo anti-nudista! Não se lembra, Martha — continuou dirigindo-se a uma linda senhora que tambem se aproximara do nosso grupo, — daquele dia em que tropeçamos em Motzsensec com um casal em pêlo? Com que rapidez os fiz se vestirem! Ah! Ah! Você era ainda uma meninota. Poderia ter... espera... foi quando estavam em moda os primeiros cinematografos... portanto, você teria uns treze anos...

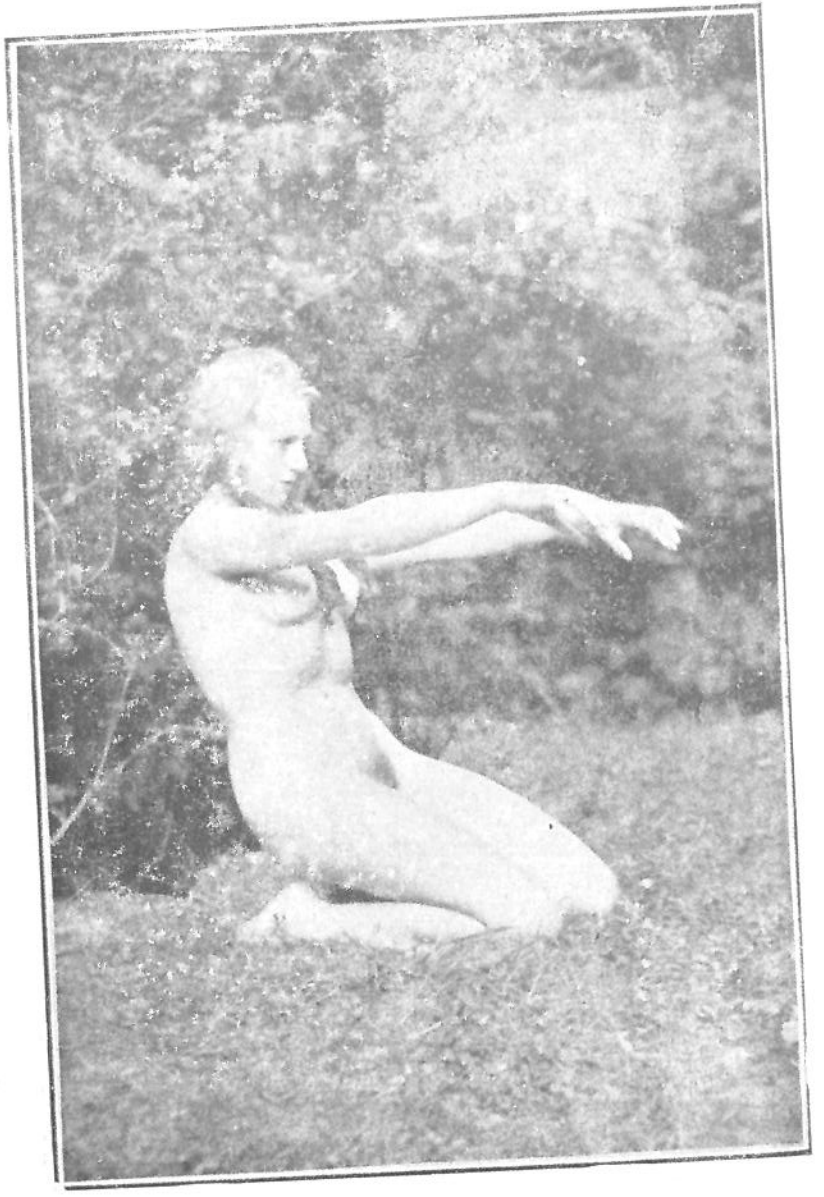
— Não, papai, tinha doze.

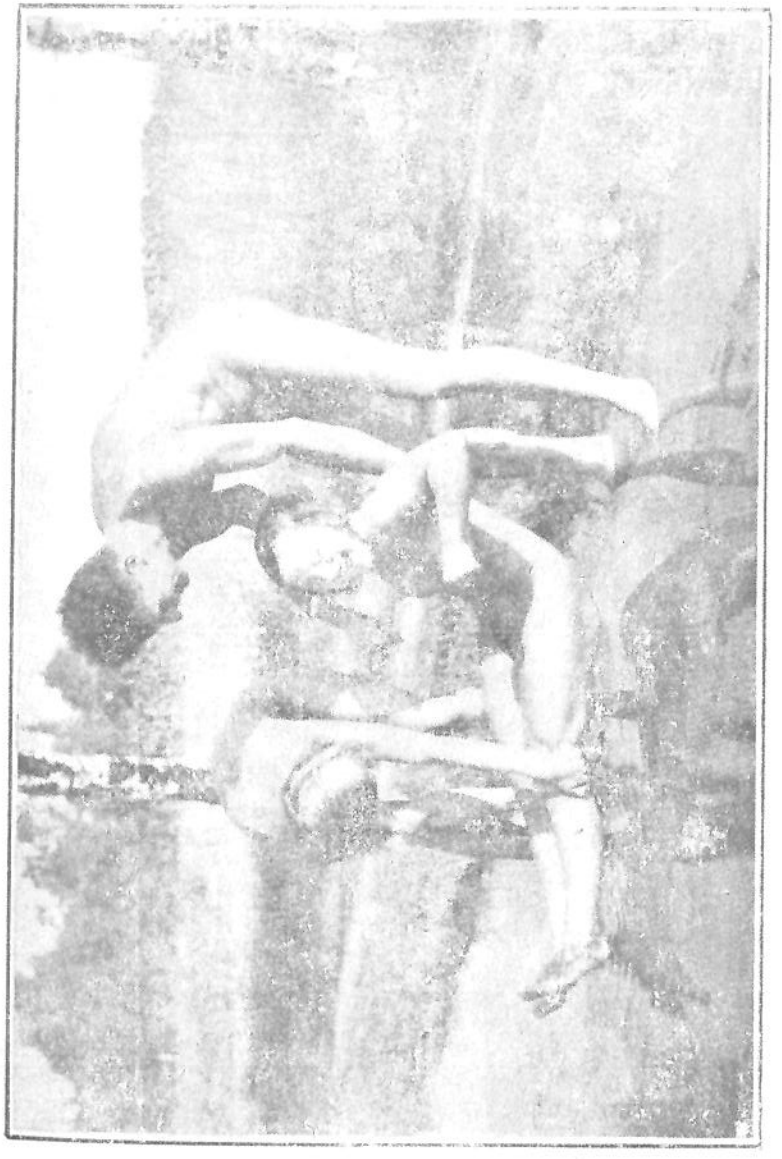
— E' verdade. O tempo vôa. E eu agora sou um nudista fervoroso. Depois de velho, veiu o reumatismo, mas a cura pelo sol, fez-me rejuvenecer uns bons pares de anos. Hei de ser agora sempre um propagandista desta vida ideal.

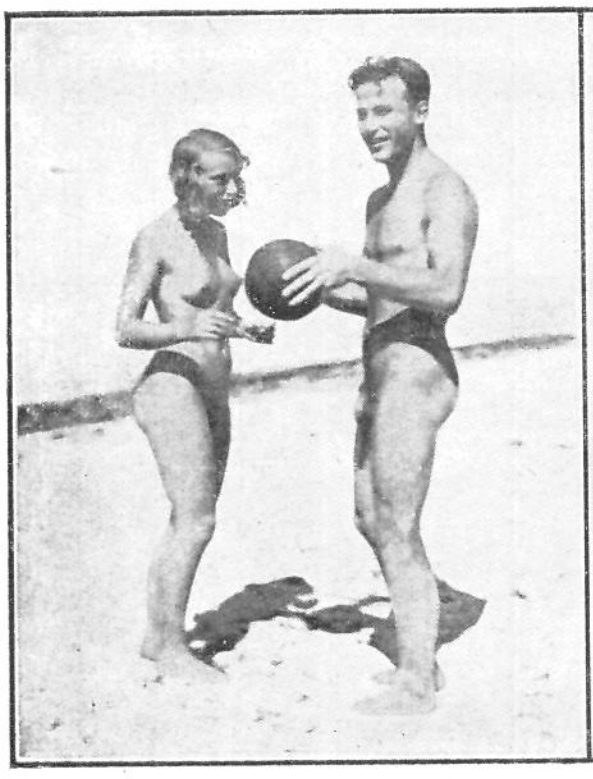
O doutor Fraenzel proseguiu na sua dissertação.

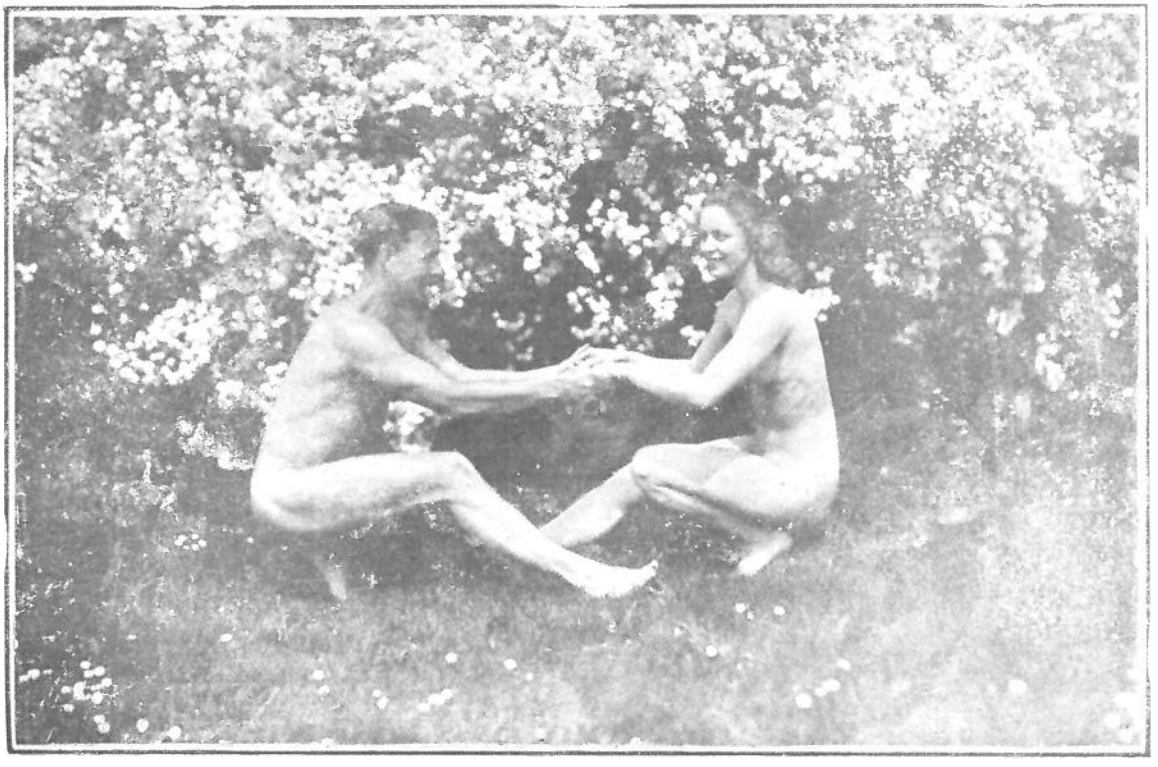
— Ignoro se, por *snobismo* ou fervor real pela vida sem trapaças, surgiram á baila as discussões da imprensa, as "Uniões de Beleza" e as "Lojas Núas". Mas nem sempre souberam cumprir aquelas organizações com a doutrina. Entre os nudistas de boa fé, iam misturados os "contemplativos", isto é, os que desejavam saciar sua luxuria

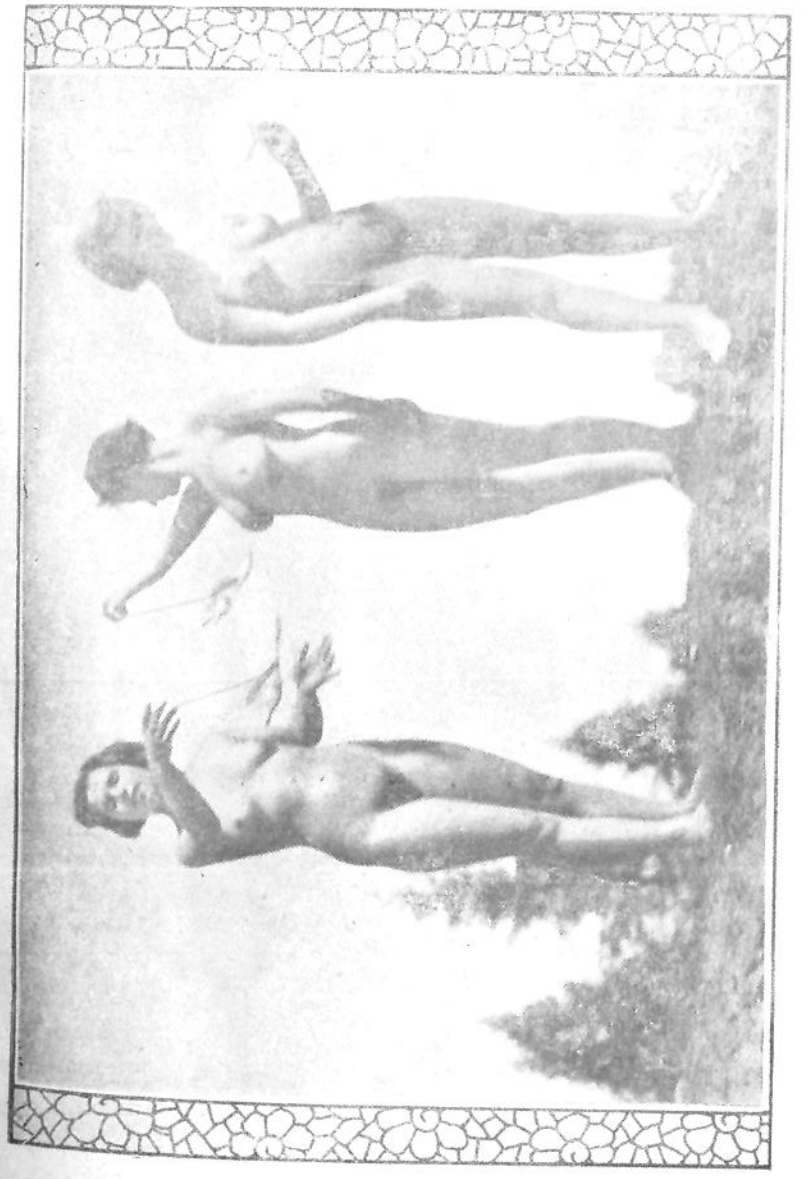


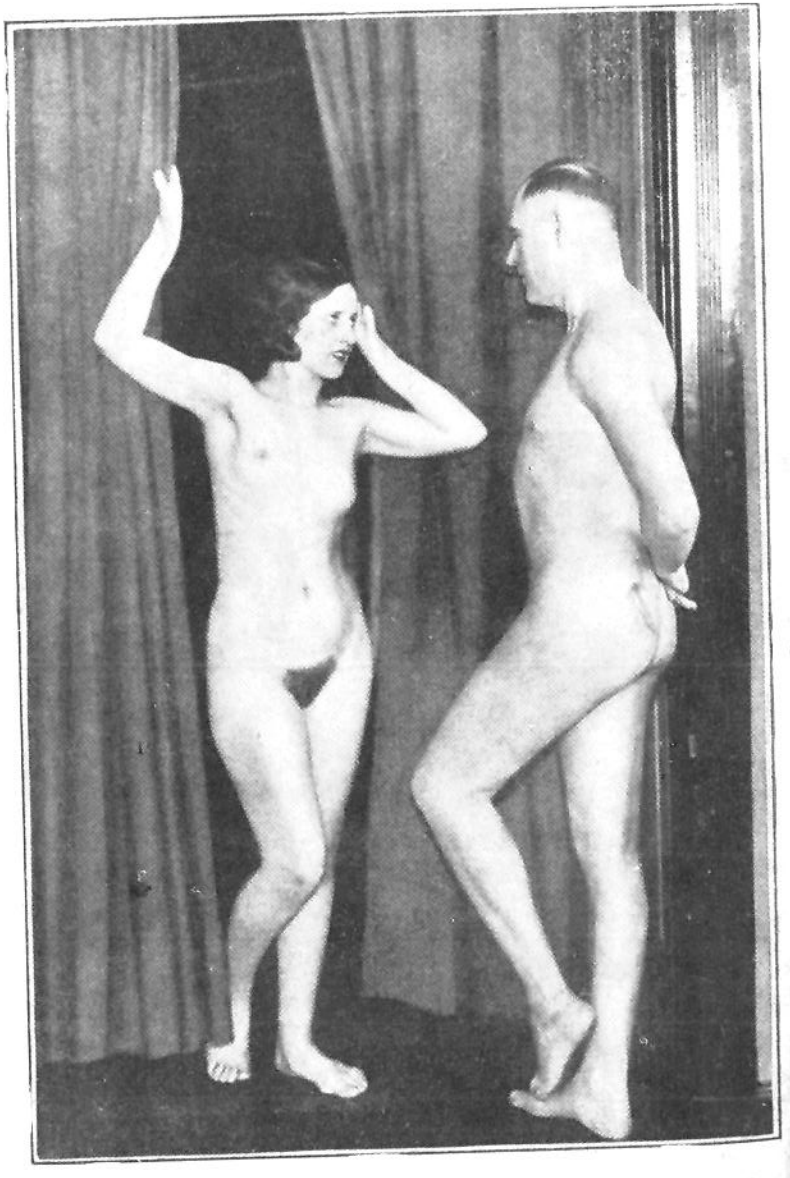












olhando os corpos nús e os "exibicionistas", ou sejam os que apreciam o sadismo: mostrar os demais seus orgãos sexuais. Mas, pouco a pouco a Uniões e a Lojas ficaram limpas de tais sátiros, que desapareceram uns por expulsão e outros por redenção, e então o nudismo começou a ser praticado entre familias. Foi a primeira conquista. As autoridades começaram a encontrar-se com familias completamente despidas nos campos e nas praias, e não sabiam que partido tomar, pois na verdade não se podia batizar aquela prática de imoral. A imprensa da esquerda deixou de atacar o nudismo, e tornou-se seu paladino. Assim começou a conquista do proletariado. O nudismo já era então uma das aspirações na luta social. No congresso se levantaram vozes defensoras. Algumas revistas começaram a aparecer com fotografias e eram arrebatadas das mãos dos vendedores por dois publicos distintos: o que pagava e o que não pagava. Este ultimo era a policia.

Veio a guerra. Nos campos de batalha muito se sofria, mas nas cidades o sofrimento era maior. Escasseavam os alimentos. O dinheiro perdeu toda a sua força aquisitiva. A Alemanha inteira estava em cáos. Os "velhos ricos" foram "os novos pobres". Não se podia comprar roupas. Todo o luxo era taxado e riscado das listas domesticas. Uma infinidade de familias se refugiaram nos campos para não caír na hecatombe da desmoralização. Primeiramente

obedeciam a uma necessidade; depois foi uma religião. Os timoratos se assustavam ao inteirarem-se de que familias respeitabilissimas se haviam atirado a tais práticas. Falavam com verdadeiro e sincero horror do inferno sexual, do paganismo orgiaco de Pompeia, a que o nudismo ia lançá-los. Mas, graças a Deus, a experiencia logo demonstrou que aquilo que pode ser uma verdade no semi-nú, não o é no nú integral quotidianamente praticado. A influencia voluptuosa no nudismo em comum fica anulada em poucas horas. Disso se compenetrou o mundo vestido, pelas cartas que recebi dos que moravam nas montanhas sem nada cobrirem, e a alguns se exibiam as provas. Era pois uma necessidade o que os impulsionavam a esta decisão e o medo de ver seus filhos degenerados pelo vício.

O sr. conhece a historia de Hertha e Rodolfo que, lamentavelmente, não é a mesma de todos os ricos empobrecidos.

O doutor fez uma pausa durante a qual pude observar que diversas familias do campo se achavam á nossa volta e o escutavam com verdadeira unção. Uma senhora de nobre aspecto estava á minha frente com as pernas enlaçadas á moda oriental e tinha um garotinho de meses sobre o colo. Este se entretia dando tapinhas no seio materno que balançava com o impulso. Umas das meninas, linda como

uma boneca de Nuremberg, estava em pé com as pernas separadas para melhor afirmar-se no solo e eu do lugar onde estava, deslumbrava extatico os menores detalhes de sua puberdade. Outras, para não terem contacto com o solo, estavam sentadas sobre os joelhos dos pais, irmãos ou amigos. Todos tinham abandonado suas distrações, livros, revistas, cartas, jogos, para escutar o mestre. Eu mesmo me esquecera que estava em pêlo, na minha musculatura de latino-tropical, de péle bronzeada, peludo como um orango-tango, tendo as canelas cheias de cicatrizes das bicancas de futebol; mas ali estava embevecido ante quinze meninotas, senhoras, matronas, de todas as idades, muitas extremamente belas e completamente núas, mas seguindo, como eu, o fio da interessante palestra do sacerdote nudista.

O doutor depois de tornar a beber a sua predileta xaropada continuou:

— Ao "estalar a paz", com todas as suas consequencias precárias e quando os "novos-pobres" perderam já toda a esperança mantida durante a guerra na espera de uma ilusoria e suposta vitoria, o nudismo cresceu de uma maneira alarmante para uns, e gloriosa para outros. Um belo dia, os homens que regem os nossos destinos se compenetraram, com assombro, que a nossa cultura contava com mais de 500.000 correligionários, entusiastas de ambos os sexos, idades e profissões. Já a clandestinidade não era possivel.

A cifra de filiados era tão desproporcionada que exigia um reconhecimento oficial e uma regulamentação legal. Os proprios nudistas, ao darem conta da enorme força que representavam, se apressaram em se reunir em associações livre-culturistas e cuidarem de propagar e defender seus ideais. Surgiram inumeras associações potentes em favor da vida livre e entre elas se sobresaiu a formidável "União do Reich para a Livre-Cultura".

Estas entidades conjugadas alcançaram do Governo que o nudismo fosse respeitado em zonas determinadas e, obtido este reconhecimento, de pronto mais de cento e cincoenta campos de livre-cultura foram iniciados. Isto sem contar os particulares, que são incalculáveis.

Houve no principio uma enorme dificuldade a vencer. Ao "tolerar" o Estado as manifestações nudisticas, quizeram interpretar os furibundos retardatários que os campos destinados a tais práticas deviam ficar isolados por um muro, afim de evitar o escandalo publico. Mas esta descabida interpretação, equivalia a impossibilitar o estabelecimento de grandes espaços destinados ao nudismo, pois a construção de um muro de três ou quatro quilometros representava uma fortuna contra-producente. Aclarou-se o conceito e se conviu que um simples aviso bastaria para separar os "mundos". Eis como se venceu a questão: umas taboletas colocadas visivelmente, de trechos em trechos cumprem

agora sua missão em advertir os timoratos do "perigo" da gente núa.

Graças á cultura do nosso povo e á boa vontade dos homens do governo, o nudismo inicia firme sua gloriosa ascenção, e hoje tem um caráter internacional, sendo inumeras as revistas dedicadas a esta nova cultura. Ao principio eram perseguidas idiotamente pelas autoridades. Hoje as fotografias dos nucleos de nudistas são publicamente expostas sem escandalo, e as autoridades da instrução publica confessam que os nossos principios nada têm de reprováveis e são convenientes para a sã educação da juventude.

Além dos infatigáveis nudistas em Bielefeld, Barmen-Elberfed, Hamburgo, etc., o grande cientista frances Pierre Vachet tem dedicado suas atividades em diversas manifestações espetaculares que têm sido coroadas de pleno êxito.

Outro elemento de propaganda que mais tem contribuido para difundir as nossas doutrinas, tem sido o film, e por meio do celuloide pudemos demonstrar que nossos campos são de uma intrinseca moralidade. Temos que agradecer neste sentido a Huberto Schonger e á famosa Fabrica Ufa, que sempre se mostrou propicia á realização de films de livre cultura.

Atualmente podemos dizer com jubilo que a missão do apostolo inicial atingiu a sua finalidade na Alemanha.

Já não são necessárias as predicações. Todo mundo está convencido da sanidade e da limpidez fundamental das nossas doutrinas. O que se espera é unicamente que o povo se compenetre paulatinamente a prescindir daquilo que não lhe seja estrictamente necessário para proteger a epiderme.

Observei no facultativo-naturalista o natural cansaço, pois ha uma hora que durava a sua preleção e pedi-lhe que deixasse a continuação para outra ocasião. Uma das graciosas meninotas veio avisar seus pais que a mesa estava posta, e sem grande ceremonia compartilhei do convite que fizeram ao doutor para entrar na "boia" com eles. Pareceu-me oportuna a decisão do mestre, pois eu notava os efeitos da fome de uma maneira muito pronunciada. Mas antes tomamos uma fortissima ducha e sem secarmos a péle fomos para a mesa, sob uma pergola coberta de trepadeiras.

CAPITULO XIV

NEUTROMANIA

Depois de estarmos com o papo cheio, puzemo-nos por meia hora de barriga aos raios obliquos do sol, mas o doutor antes de terminar o prazo regulamentar veio convidar-me para acompanhá-lo, pois ia dar aulas.

Reconheci desde o primeiro instante a eficácia exemplar deste sistema de ensino. Presenciei uma aula que me emocionou profundamente. Rodeado de mais de duas dezenas de mocinhas, entre treze e vinte e um anos, desenvolveu a lição anatomica do parto. Uma delas atuou como paciente, e as demais realizaram a rigor os mais intimos detalhes, auxiliadas por uma professora.

Eu não saía de um assombro contínuo. Aquelas futuras mãezinhas tudo sabiam, absolutamente tudo o que se ha de fazer em tais transes e não ignoravam as cousas que ocasionam esses transtornos femininos. Uma das mais jovens

relatou *a* por *b* todo o processo sexual, desde a cohabitação conjugal até o parto. Outra se destacou no estudo dos cuidados maternos, desde a aparição do féto até o desmame. Em uma palavra: todas sabiam perfeitamente que as crianças não são trazidas pela cegonha e nem em caixinhas vindas de Paris, e que ao se entregarem, na puberdade, ao contacto do homem, ha as inevitáveis consequencias da maternidade. Nenhuma das jovens nudistas ignoravam que o contacto sexual tem por norma formar um lar quando atingem a idade nupcial. Que a copula não era um pecado; mas, socialmente considerada, era uma transgressão ás doçuras que nos reserva o matrimonio. Uma das alunas ponderou veemente estas doçuras e não cessou um momento de compará-las com as amarguras de uma vida desordenada e sem harmonia sexual. Outras, as de maior idade, puzeram em relevo a tristeza da vida submergida no lodo do vício e da degeneração que arrastam as jovens ao luxo e ambição de viver despreocupadas do trabalho manual ou mental. Por fim, ainda uma delas, dona de um perfil de santa e dentes de perolas, dissertou com entusiasmo e expoz com todos os pormenores as baixezas a que estão sujeitas as hetairas escravas do caprichos, não só dos homens mal intencionados, como das matronas de facecias hipocritas.

Isto tudo foi quasi que graficamente explicado, sem nenhuma figura retorica, mas a ferro frio e dentro de uma

verdade crúa. Não oculto a minha verdadeira repugnancia — como latino — ao ouvir as primeiras dissertações das jovens nudistas. A sensação que me produzia ouvindo e contemplando aquelas jovens chapinhar na lama da sexualidade, com tanta clareza e evidencia, era simplesmente repulsiva. No entanto, á medida que a aula continuava e ao ver a claridade de conceito com que falavam dos perigos da união sexual ilicita e dos terriveis flagelos que seriam para ás moças inexpertas; tive por bem reconhecer que se alguma delas se entregasse a um homem, seria com perfeito conhecimento de causa, e que o sátiro mais precavido não poderia seduzir nenhuma com os mais inebriantes embalos sentimentais.

Eu dava por terminada a sessão quando, dirigindo-me um significativo olhar, vi que o douotr suplicava a Hertha, que assistia á aula por méra curiosidade:

— Já que aqui está, *liebe* Hertha, muito gostaria que contasse ás suas condiscipulas como se viu na senda degradante e como se livrou da quéda moral.

A moça acedeu e de maneira simples, mas profundamente emocionante, contou alguns casos de amigas suas que se viram submergidas nas enganosas doçuras dos narcoticos. Tal foi a impressão causada entre as alunas, que observei que algumas secaram furtivas lágrimas ao ouvirem Hertha contar a sua propria odisseia. O final foi uma

surpreendente *exemplaridade*. Nunca poderei esquecer as palavras daquela jovem, e procurei aqui reproduzi-las sucintamente.

Hertha e Rodolfo conheceram-se num cabaret no qual ela era dançarina de aluguel, isto é, das profissionais que recebem um coupon de cada cavalheiro que com elas querem dançar. A que mais dançar, logico, terá maior numero de coupons, e portanto recebe maior porcentagem da colheita geral do salão. Essa amisade durou três meses contínuos, mas não passou do ambiente trivial. Rodolfo, segundo alegava, para esquecer as amarguras da vida, se entregara ás drogas toxicas e pouco a pouco foi ela tambem se acostumando aos paraisos artificiais que o amiguinho lhe proporcionava. Não obstante, ambos não chegaram a entabolar nunca relações sexuais. Um belo dia o rapaz desapareceu, nunca mais veio ao cabaré e Hertha julgou enlouquecer por não vê-lo. Foi então que se inteirou de que Rodolfo era para ela mais que um amigo superficial. Passaram dias e semanas e Rodolfo não aparecia. Ela se entregara com furor á cocaina para nele não pensar. Mas um dia soube, por um camaradinha, onde Rodolfo se refugiára, ou melhor, onde estava internado, e sem mais detença tomou o trem. Uma vez no campo, tentou inutilmente afastar o rapaz do caminho da regeneração. Para lograr

seus fins muniu-se de uma boa provisão de drogas. Rodolfo aterrado apanhou a quantidade do veneno branco e de um impeto espargiu-a no ar, de maneira que foi impossivel recolher um só atomo do sedutor e inebriante pó. Ela esbofeteou-o, arranhou-o e disse que partia. Mas... não cumpriu a ameaça. Algo inexplicável a retinha ali.

Passaram-se dias de horriveis sofrimentos para Hertha. Anhelava a droga. Numa ocasião decidiu partir definitivamente daquele lugar de martirio que era o campo e pintou com as côres mais trascendentes a Rodolfo a sua vida anterior e os futuros gosos ainda não alcançados. Explicou-lhe quem ela era e porque trabalhava no cabaré. Acabou confessando-lhe que desconhecia todo trato sexual com os homens, e que antes de se entregar a outro, como forçosamente ia suceder, pedia que a fizesse sua.

Rodolfo, coibido sob a sevéra disciplina do Dr. Fraenzel, até aquele momento não via com bons olhos a permanencia de Hertha no campo, e começou então a dar mostras de grande alegria e tratá-la com doçura e com carinho; e insensivelmente ela se inteirou de que se sentia bem ao seu lado. Pareceu-lhe como se ele fosse uma grande árvore e ela um passarinho que se aninhara em seus protetores ramos. Quanto a ela, nunca havia experimentado aquela sensação ao lado do homem, nunca tropeçara com um amiguinho que lhe falasse tanto ao coração. Foi len-

tamente esquecendo do cabaré e dos entorpecentes, até que um dia ele se declarou e pediu que fosse sua companheira legal de toda a vida.

E assim chegaram onde estavam, e assim esperavam o momento de serem gloriosamente felizes ante Deus e ante os homens de boas intenções.

Hertha fez a completa relação de sua odisseia sem a minima afetação; o proprio Dr. Fraenzel não poude ocultar a emoção que lhe embargava a voz ao dar por terminada a aula prática da vida sexual.

Dirigimo-nos os três á casinhola dos dois pombinhos, pois começava a escurecer e os nudistas iam-se retirando para seus refugios.

Todos tomamos uma copiosa ducha e eu me entreguei prodigamente aos jorros d'agua. Jamais notara tão agradável sensação. Não porque fizesse calor excessivo, mas a frescura da agua sobre minha epiderme tinha para mim uma estranha voluptuosidade. Observei que o doutor e meus amigos olhavam-me de uma peculiar maneira, mas não pude descobrir o que queriam significar com aqueles olhares.

A compreensão veio no dia seguinte. Ao despertar vi que Hertha e Rodolfo estavam sentados ao lado de meu leito. Fiquei surpreso e indaguei alarmado:

— Que aconteceu?

— Oh! Nada. Estavamos esperando que acordasse para irmos ao outro lado do "Campo de Luz", que você ainda não conhece.

— Oh! logico que irei — respondi dispondo-me a pular da cama.

Porém, com grande surpresa, notei que não podia mover-me. Meus membros não obedeciam á minha vontade. Estavam pesados como toneladas de chumbo. Quiz levantar uma perna e me foi impossivel. Tentei então mover um braço e dos meus lábios se esvaiu um grito de dôr. Notei em todo o corpo um ardor quasi febril.

— Que diabo tenho eu? — inquiri comigo mesmo, com raiva ao ver que não podia valer-me.

Hertha poz a mão sobre minha testa e respondeu com meiguice:

— Não é nada, não se assuste: o que tem todos nós já tivemos: a caricia do sol se afagou em seu corpo. Amanhã poderá levantar.

— Como amanhã? — retorqui com galhardia. — Que, agora mesmo!

Fiz um inaudito esforço para pular da cama e foi então que dei conta da terrivel dôr que ao menor movimento me produzia. Confessei-me impotente nos movimentos, pois tinha os ossos moídos, e Rodolfo aconselhou-me que me mexesse o menos possivel.

Hertha saíu para logo voltar com um boião na mão e sentou-se na minha cama, á frente do noivo. Ambos, sem dizer palavra, enfiaram as mãos no boião e começaram a enlambusar-me o corpo. Logo compreendi do que se tratava e deixei-os agir, pois a massagem de quatro mãos proporcionava-me um bem-estar.

Estando já bem bezuntado o torax, enquanto Rodolfo friccionava-me os ômbros, os braços e a nuca, Hertha separou com cuidado uma das minhas coxas e poz a esfregar o unguento — assim supuz — na outra. Ao chegar á confluencia dos adutores da coxa, a vi titubear um instante, mas imediatamente apartou com u'a mão o meu sexo, enquanto que com a outra friccionava o *vastus medialis*. Fechei os olhos para não me encontrar com os seus, enquanto que Rodolfo se assenhoreava da parte da rotula para baixo.

Depois puzeram-me delicadamente debruços e sem fazer argumento algum continuaram a fricção por toda a face posterior. Quando terminaram, colocaram-me na posição primitiva e recomendaram que por hipotese alguma tentasse mexer ou fazer movimento algum. Saíram, mas Hertha prometeu voltar com frequencia para ver se eu precisava de alguma cousa. E assim fez.

Passei a manhã no horrivel letargo. A recomendação de que não me movesse era inutil. Embora quizesse, não podia. O mais lamentavel foi que senti necessidade de satisfazer uma exigencia fisiologica menor, mas não podia valer-me por mim mesmo. Por duas ou três vezes Hertha perguntou se podia ser-me util em alguma cousa. Sempre lhe agradecia. Deu-me de beber o nectar-xarope, serviu-me o almoço e aguardei, fazendo grandes esforços, o regresso de Rodolfo, ao meio-dia, para suplicar-lhe auxilio para que pudesse saír. Mas... infelizmente Rodolfo não aparecia. Ficara no outro lado do campo e talvez até o anoitecer. Embora cheio de vergonha confessei a Hertha o meu aperto fisico e ela se limitou a auxiliar-me a levantar e a colocar o braço em volta de meus ômbros, caminhando devagar até me conduzir fóra da casinhola ao lugar propicio. Supliquei-lhe que me deixasse sózinho. No entanto ela se recusou alegando que não me abandonaria, pois sabia que viria a sofrer tonturas e poderia caír, sendo talvez fatal.

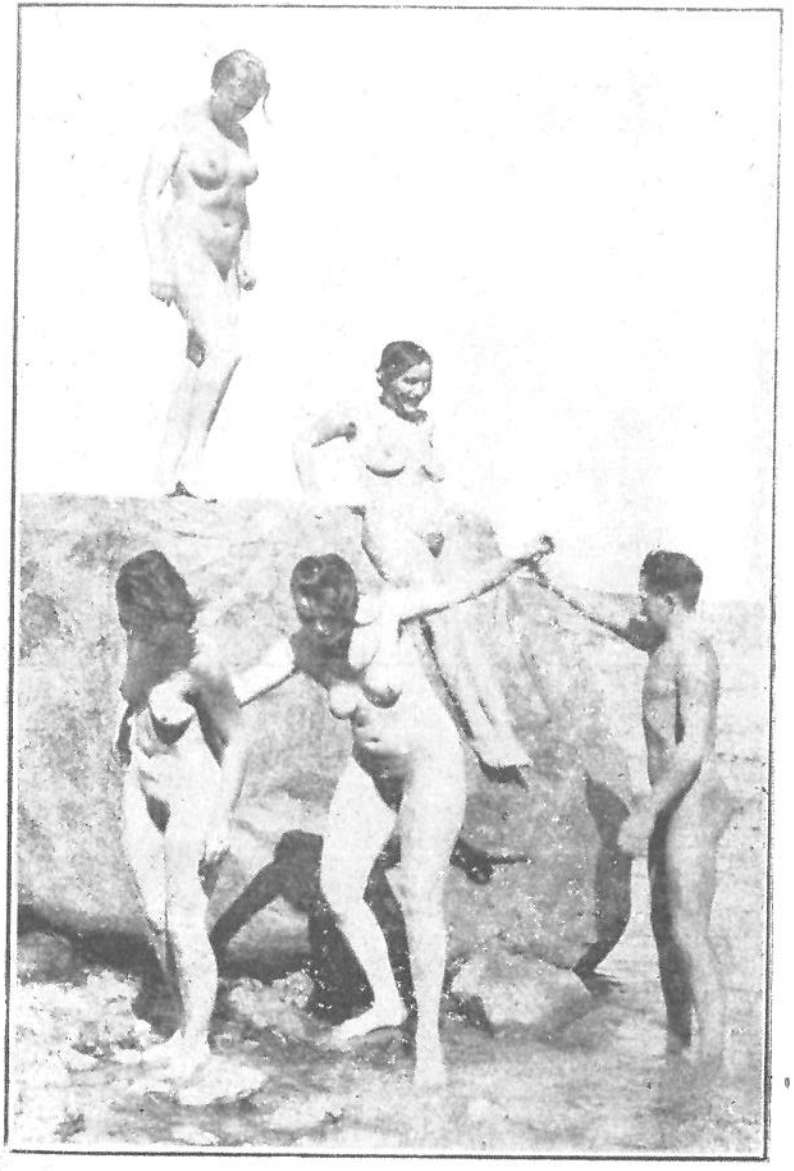
Tive outra vez que fechar os olhos e fazer em presença da tão abnegada jovem uma necessidade primordial, e não tornei a abrir os olhos até sentir que me colocava de novo na cama. Serviu-me outro copo de xarope; tornamos a merendar juntos e permaneceu sentada ao meu lado, sempre conversando com jovialidade e assim até á tardinha.

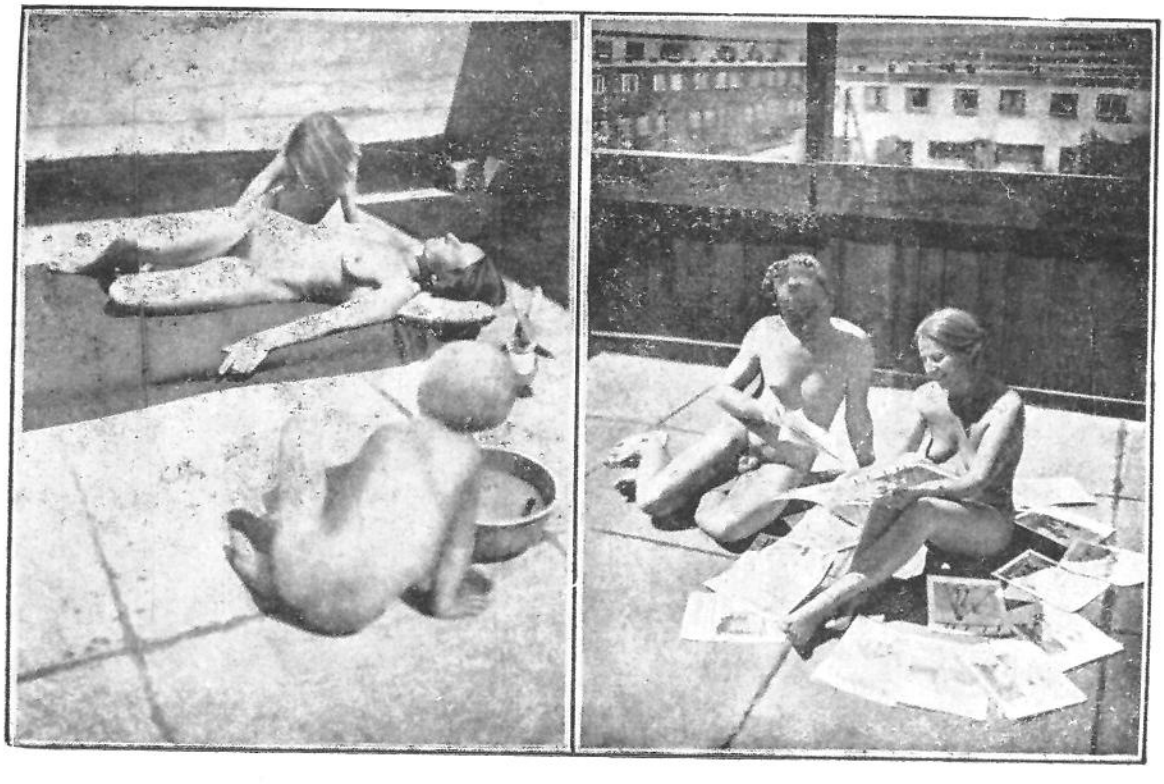
Quando se decidiu a ir ao encontro de Rodolfo, foi que a vi envergar um robe de chambre, pois durante todo

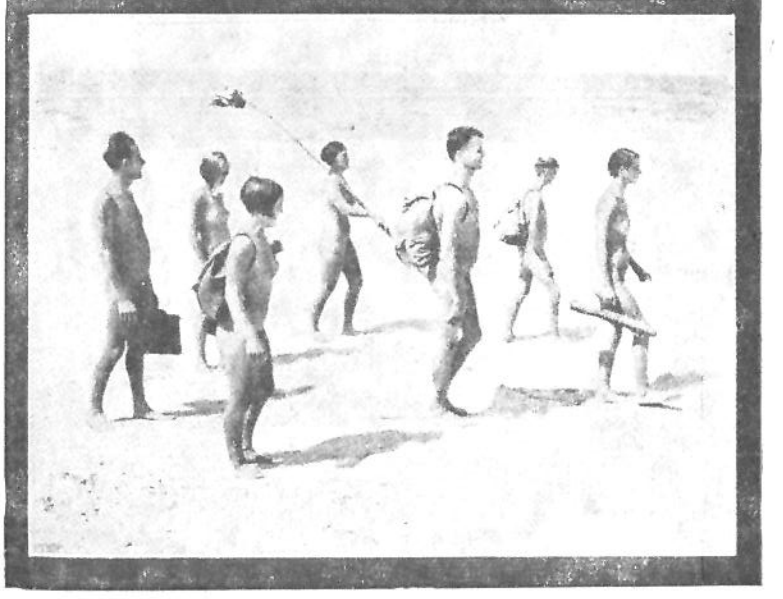
o tempo de nossas atribulações nenhum de nós tinha o mais leve trapo no corpo.

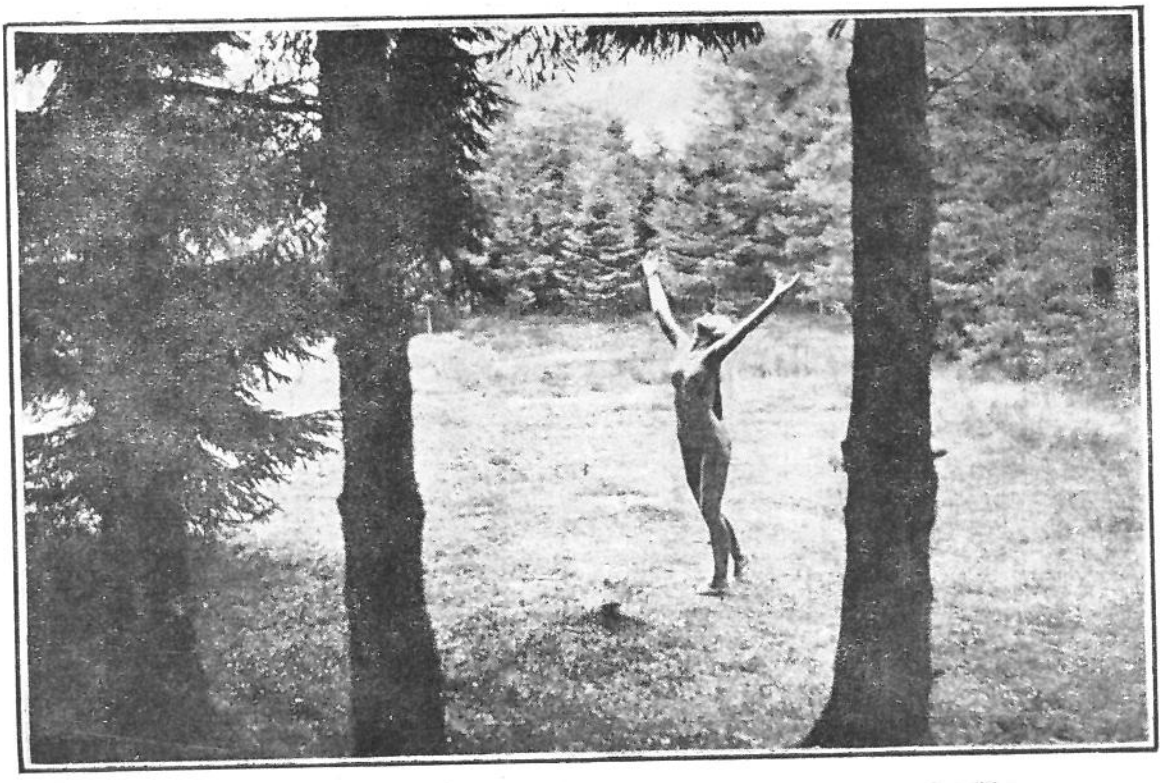
Contou-me que assim procedia porque ia atravessar a zona neutra, da qual falara o doutor e ao mesmo ia relatar o meu estado e dizer as providencias que tomara em meu favor.

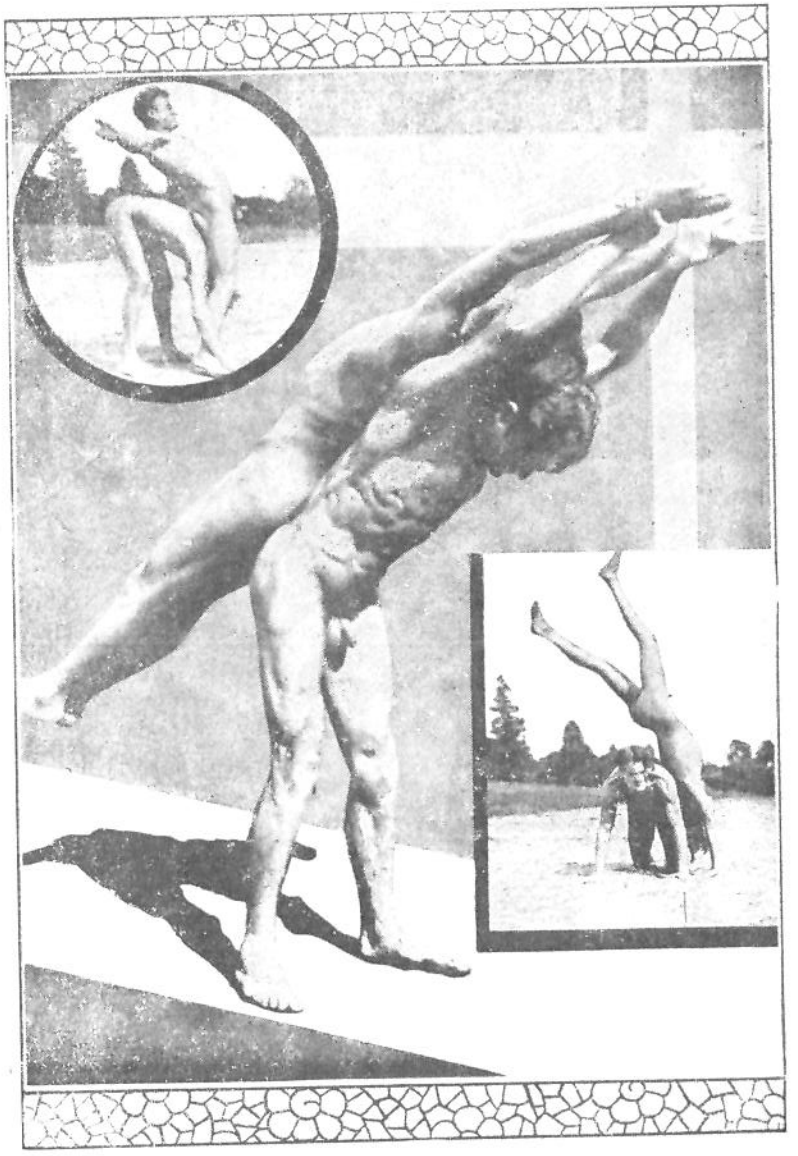
Aquela linda garota já era aos meus olhos mais que uma irmã. Isto fez-me pensar nos desvelos de minha boa mãezinha, e no meu intimo se revoltavam avergonhadas todas as idéias lubricas que dias antes despertara em mim aquela deliciosa creatura celestial. Se não era uma santa, era uma mulher, mas, mais que uma mulher... e não uma fêmea destinada a satisfazer as ferocidades do macho!











CAPITULO XV

REALIDADES CONTUNDENTES

Dois dias permaneci em redor da casinhola e durante esse tempo pude confirmar as virtudes domesticas da minha adorável amiguinha.

Ao vê-la agora, tão doce, tão passivel, tão cuidadosa comigo como se fosse um seu irmão, senti inexplicáveis remorsos e rubores ao enfrentar seus grandes olhos azuis. Porque esses olhos eram sempre maiores e mais azuis para mim, mas o azul era de um mate celeste, e a sua grandeza já não exercia em mim as atrações do abismo. No entanto, não sabia exatamente definir o que agora via nos olhos de Hertha. Sabia que, não mais me embriagava de luxuria, não mais envolvia meus pensamentos nos torvelinhos recônditos, que meus nervos não mais se exaltavam ao olhá-los, e que eram então para mim como dois lábios angelicais que me beijaram, dando uma paz interior nunca sentida.

Enquanto minha epiderme descascava, então estendido num leito de folhas e hervas aromáticas que ela mesma preparara sob uma copada árvore, eu ia reconstruindo os meus momentos de excitação passados ao seu lado e não podia deixar de reconhecer que os homens — são ás vezes demasiadamente impressionados e excessivamente aleivados ao julgar os gestos fortuitos das mulheres.

Antes bastava ver uma nesga de uma sáia para supôr uma mulher ao alcance de meus caprichos. Jamais poderia conceber que Hertha assim obrava por me considerar como um companheiro platonico! O nosso conceito de honestidade é hipocrita; se uma mulher nos oferece um sorriso, queremos a bôca toda, e se nos dá um dedo, queremos o braço todo. E assim entregamo-nos á mentira... depois... o casamento dá no que geralmente dá: desharmonia conjugal.

Agora, ao descobrir a transparencia cristalina da alma feminina de Hertha, evocava tudo quanto ela realizára, ante meus cupidos olhares e nada de extraordinário achava. Tudo fôra resultado, não de sua inocencia, porque ela não aspirava a uma inocencia albina, mas sim de sua grande compreensão, de seu infimo desdem pelas humanas nimiedades, de que ela era livre.

O perverso era eu, não ela. Hertha jamais pensou em despertar meus instintos, nunca obrou com a idéia determinada de avivar meu apetite carnal; todos os seus atos

respondiam a uma pureza absoluta de pensamento, de uma honestidade integra de concepção. O impuro, o deshonesto era eu; abominável não eram seus atos, mas minha educação, minha falsa visão da vida. Tive que reconhecer ainda mais a minha estupida formação espiritual, e como a minha, creio, a maior parte da dos meus compatriotas.

Ao recordar os pormenores da vida, não ha exemplo igual aos dos dois meus amigos. Eles não se assustavam em se verem nús, nem temiam em assim se mostrarem aos demais; se amavam com toda a paixão e alma, dormiam sobre o mesmo této, sem paraventos ou paredes materiais e sonhavam... sonhavam no dia que felizes seriam sob o talamo nupcial.

Qual sociedade era, pois, a mais pura, a mais honesta, a mais limpida: aquela em que eu vivia, vestida até ás raizes capilares e trazendo ás costas a corrupção da luxuria, ou essa outra em que vivem eles, despida até ás unhas dos pés, mas com o problema sexual resolvido de uma maneira eficaz?

Foram estas e outras ponderações que deram margem aos primeiros capitulos deste despretencioso livro, até que tive a magna sorte de pousar, com compenetração, as minhas pupilas nas de Hertha, cheias de calma e placidez, para evitar a exaltação neurotica ao contemplar seu corpo nú.

E foi precisamente na segunda noite de meus pade-

cimentos quando, estendido sobre a relva, contemplando a translucida aboboda celeste, quieta e serena como um globo de cristal, que pude definir alfim a impressão exata que me produziram os grandes olhos da garotinha, tão azuis, tão celestiais e tão plácidos.

*
* *

Esquecera então a caricia do sol, a força das duchas, as refregas doces da piscina, e as massagens com polvilho de fecula, e assim passei oito deliciosos dias com meus amigos nudistas. A vida no campo fôra cheia de paz e de encantos bucolicos, não compenetráveis no conceito algum ás inegáveis atrações de um verão no mundo vestido. Era outra cousa. A vida aqui desliza tão prazenteira e tão por extremo isenta de preocupações, que a gente acaba por perder a noção de toda profiláxia legislativa e da menor relação entre ela e a sociedade externa.

Durante os meus dias de convalescença, ou melhor, dias de reintegração naturalista, o bom doutor Fraenzel teve por bem proporcionar-me as mais variadas lições e os mais rigorosos exames que um iniciado nudista tem que saber e passar, antes que lhe seja entregue o diploma de bacharel em Ciencias Pitagora-Trofologicas.

Presenciei e tomei parte em festivais campestres de beleza plástica, pois o meu fisico de "macaquito" contrastava com denodo e dava ao conjunto de walkyrias e efebos um "it" nunca dantes visto na "Escola de Luz".

Em outras festas, assisti ás lindas nudistas declamarem com fervor, poesias dedicadas ao grande Pan, Deus por excelencia Naturista, tendo as ninfas seus corpos adornados com flores e ramos silvestres. Fiz parte de um grupo de atletas numa demonstração fisica de um raro sabor muito primitivo, que longe era de se parecer com o esforço esgotador dos nossos campos esportistas ou das olimpiadas. Inclusive participei de uma maneira moderna e galharda, numa luta grego-romana com duas suculentas senhoritas, e não me envergonho em dizer que fui vencido, não por dar com o costado no solo, mas por teimar em ficar debruços... mesmo depois de soar o "gong".

Além de toda essa aprendizagem, formei-me em encenador teatral "sui generis", e pude compenetrar-me que mesmo sem bambolinas, gambiarras, ribaltas e "foot-lights", a teatralidade nudista é muito mais emotiva e estetica, que tampouco necessita do homem, esforço, espiritualismo ou fisico, mas sim de gênio creador e emoção de interprete, para purificar sua estetica analitica da carne.

Na penultima noite, antes de me estirar sobre o estrado na casinhola, apanhei, ao acaso, o primeiro livro que me

veio á mão da seleta e pequena biblioteca da Escola da Luz: "O Matrimonio", obra notável do Padre Monsabé, edição de 1893, e abrindo-o deparei com o seguinte trecho, que embora seja conhecidissimo, nunca será demais repetí-lo:

"Ainda que o homem deva seguir a sua natureza que tende á expansividade, não pode e não deve reservar para si mesmo todos os germens da vida, depositados por Deus sobre seus ômbros. Considerando que, segundo a profunda reflexão de São Tomás, — "as altas funções da inteligencia humana não devem se sacrificar ás funções inferiores de onde nasce a vida do corpo" — é necessário, pois, que o homem tenha uma companheira na qual resida a força passiva da generação, conservando ele, como soberano distribuidor, toda a força ativa da mesma. "Façamos, pois, para o homem — disse o Senhor — um sêr que seja a sua imagem".

"De onde me valerei? Do barro de onde ele saíu! Não: o homem já não seria como Deus: unico e primaz inicio da vida de sua raça. O sêr humano com quem ha de se emparelhar, não deve ser tomado de suas entranhas". — "Dorme, meu filho — disse o Senhor — Dorme". E sob o influxo magnético divino, Adão, estendido sobre as flôres do Eden, sentiu-se invadido por um sonho mistico, durante o qual Deus tomou uma de suas costelas, e revestindo-a de carne, fez desta parte do homem, vivificada por uma outra alma, a mulher pudica e encantadora prometida ao adormecido.

Estupefata ante a vida que acabava de receber a mulher espera... espera as nupcias. "Rei do mundo, desperta!" Adão acorda. Contempla com seus proprios olhos o que vira em sonho profetico, e compreende que nela sua perfeição fôra acumulada. Ele é a inteligencia, ela o coração; ele é o pensamento, ela o sentimento; ele é a Majestade e ela a Graça; ele é a força e ela a ternura; ele é a ordem, ela a insinuação; ele é o semeador da vida, ela a terra fertil onde essa vida deverá germinar.

"Adão a admira, se enternece, se exalta, e de seu coração, cheio de amor novo, escapa o celebre epitalamio que revela ao mundo futuro a essencia do matrimonio e suas sagradas leis. "Eis aqui o que é o osso de meus ossos, a carne de minha carne!" "Dar-lhe-ás um nome tomado do varão (Eva), porque dele foi tirada; por ela abandonarás teus pais e unir-te-ás a tua esposa e serão ambos uma mesma carne". (1)

"A este grito de amor, Deus, responde com uma benção da qual arranca a humanidade, e submete ao imperio desta os sêres que Ele fez benditos e fecundos: —

---

(1) Genesis — Cap. 1 — Versiculo 24.

"Crescei e multiplicai-vos, povoareis e submetereis a terra; sêde donos de quanto ela contém. (2) Tal foi o primeiro casamento tipico universal. No entanto:

"Adão e sua mulher, estavam ambos nús, e não se envergonhavam". (3)

*
* *

Amanhã á tarde deixarei o campo nudista, de onde levo as mais gratas recordações de minha vida, mas...

(2) Idem — Cap. III — Versiculo 18.
(3) Idem — Cap. II — Versiculo 25.

CAPITULO XVI

ULTIMAS DELICIAS

A' medida que me vou vestindo, olho-me com estranheza. Noto que me incomodam as roupas. Limito-me em abreviar a indumentária. Camisa de gola aberta, calças e ums sandálias naturalistas que me presentearam — depois de as haver surrupiado. Nada mais quero sobre mim. No entanto, vejo a bela Hertha fazendo um embrulho das demais peças.

— Oh! Não se dê a esse trabalho — digo. — Deixo-as aqui.

Ela sorri incredula e continúa fazendo o pacote.

O bom facultativo-naturalista entrega-me uma coleção de fotografias. Olho-as detidamente. Muitas foram tiradas durante a minha permanencia e em algumas estou "escrachado". Guardo-as como reliquias, para mostrar aos amigos e ás...

— Quer tambem de outros paises? — pergunta o doutor. — Como algumas da China, da America do Norte ou da Russia Sovietica?

No Oriente tambem se pratíca o nudismo?

— Pouco a pouco vamos ganhando entusiastas em todas as partes.

E começou a mostrar-me um volumoso album. Vendo-o tão prodigo de prosa, incito-o á fala.

— Parece muito cedo para a hora do trem, doutor. Conte-me alguma cousa do que acontece no mundo sobre o nudismo!

Hertha se apressou em dar ao doutor um copo de xarope, que o predispõe de bom humor.

— Olhe aqui então — começa — estas são dos Estados Unidos. Recebi-as ha dias. Um tal Mr. Frost, que nos visitou o ano passado, iniciou em Nova York e Chicago o seu apostolado. Olhe, estas são tambem.

Virando as páginas, prosegue:

— Estas são da China. Enviou-m'as Mr. Wung-Ping, um fervoroso propagandista do nudismo naquelas longinquas terras. Mesmo em luta com o ambiente e com as autoridades, consegui instalar um pequeno campo nos arredores de Shanghai. Olhe, esta outra. Não; esta é da Russia. Ao ser plantado o novo regime, o nudismo era

tido como anti-burguês. Mas o comunismo parece que estragou o entusiasmo, pois ha meses que não recebo noticias de lá.

Vou examinando atentamente as páginas do album.

— Veja estas, são da Inglaterra. Pois saiba que em Londres existem muitas sociedades, entre elas a "Sun-Ray Club", a "Gymnosopical Society", mas a principal, a aristocratica é a "Hew Heath". Pois é em Londres ainda que está localizada a segunda "Escola de Luz", sob o nome de "Crivy Cate School", sob a direção do eminente professor Faithful. Olhe! todas estas são da França. Estas são do Dr. Durville. Não conhece a sua admiravel obra "O Naturismo Relativo"? Pois, procure lê-la. O povo francês encara com bons olhos as nossas doutrinas e acode com entusiasmo ao campo idilico da ilha de Medan, chamada "Physiopolis", que foi popularizada em suas obras pelo grande Zola.

— Doutor não se esqueça de mostrar as fotografias vindas de Portugal! — atalhou Hertha.

— O que me diz, de Portugal? — exclamei enigmaticamente.

— Admira-se disso? Pois a peninsula Iberica já deu os primeiros passos para o apostolado. Têm-se fundado muitas sociedades e calcula-se os adeptos: em Portugal 10 mil e na Espanha uns 50 mil.

— O senhor está brincando comigo! Mas onde em Portugal?

— Olhe cá, está justamente aqui no fim do album.

Tomei uma revista e deparei com o seguinte:

"Foi ultimamente fundada nesta Capital (Lisboa) mais uma Escola Naturista, tendo por missão divulgar as grandes Verdades do Naturismo por meio de sua publicação quinzenal "A NOVA LUZ". E' o diretôr-responsavel, o culto Sr. Moreno da Fonseca, e redator, o Sr. Luciano Silva, incansavel propagandista do Nudismo Integral.

"O Grupo da "Mocidade Livre" acaba de instalar a sua séde central á Rua do Monte Olivete, 29.

"Celebrou-se a sua assembléa-geral no mês de Fevereiro (1932) a "Sociedade Naturista Portuguesa", sendo eleitos os seguintes membros para: Presidente, Coronel José Marcelino Carrilho; Vice-Presidente, Luciano Silva; Secretario, Dona Blandina dos Santos; Tesoureiro, Manuel Alves".

— Sim, senhor! — exclamei. — Quando passar por Lisboa de volta ao Brasil, não deixarei de visitá-los!

— Pois assim deve fazer, Sr. Paes.

— Mas, doutor e do... Brasil, tambem tem noticia?

O mestre-naturalista fixou em mim seus olhinhos,

moveu tristemente a cabeça e disse sorrindo, enquanto meu coração palpitava de temor:

— No Brasil... espero que o senhor possa dar-me noticias... dentro em pouco. Por enquanto, acho que já fez muito mudando a péle nestas plagas. Isso não o fará esquecer as possibilidades.

Hertha adverte-me que recebera um telegrama de *Herr* Kruger, avisando-me que me esperará em Hamburgo, pois ainda tem uns casos de retortas a discutir comigo. Não gostei muito da futura entrevista, pois em Hamburgo espero desforrar o meu jejum de carne... pois não tenho sido na "Escola de Luz" um vegetariano?

O automovel está a minha espera para levar-me á estação e de lá para Hamburgo. Estreito nos braços o bom Dr. Fraenzel e digo-lhe com sincero otimismo:

— Não mudei unicamente de péle em seu campo, doutor... mas de doutrina. Parto cantando; esta estadia na "Terra da Luz", foi um oasis na minha atribulada vida de solteiro, industrial e rabiscador de papeis. Recordá-la-ei, *saecula, saeculorum.*

— *Amen!* — responde Rodolfo apertando-me a mão com efusão.

— Então, quando se casam? — perguntei-lhe mostrando Hertha.

— Não sei... Talvez logo.

Confesso que não sei como pude despedir-me de Hertha. Estreitei ambas as mãos e não pude, ao principio, balbuciar palavra. Rodolfo empurrou-me sobre ela e por fim abraçamo-nos. Pela ultima vez o contacto de sua péle núa estremeceu minhas veias. Mas, agora é a emoção que invade todo meu sêr, e esta emoção é quasi um deleite lacrimoso ao abismarem-se minhas pupilas em seus olhos, grandes, azuis e plácidos...

Hertha acompanhou-me — depois de ter-se vestido, naturalmente — até á estação ferroviaria. Nos momentos do trem dar o sinal de partida, não pude mais resistir. Puxei-a contra mim, apertei-a fortemente nos braços e apliquei-lhe um sonorissimo beijo nos lábios, e disse:

— Se Rodolfo virar a cabeça até o fim do ano... escreva-me, sim, que eu...

— Com que fim, Paulo?

— Pedi-la-ei em casamento.

— Oh! *Sehr gut!*

F I M

INDICE

			Pag.
CAP.	I	— Berlim através dum monoculo	5
»	II	— Uma espectativa deliciosa.....	9
»	III	— O primeiro refrigerante.	19
»	IV	— Conhecer é viver.....	27
»	V	— Minhas primeiras visões nudisticas ..	37
»	VI	— Que é o nudismo?.....	55
»	VII	— Iniciações	65
»	VIII	— O nudismo é imoral?	73
»	IX	— A seita do naturalismo	81
»	X	— Divagações sobre um tema concreto..	89
»	XI	— A reabertura do paraiso terrestre	97
»	XII	— A historia de Hertha e Rodolfo	113
»	XIII	— O que é uma "escola de luz".....	121
»	XIV	— Neutromania.....	135
»	XV	— Realidades contundentes	145
»	XVI	— Ultimas delicias.....	153

MATEMATICA FINANCEIRA

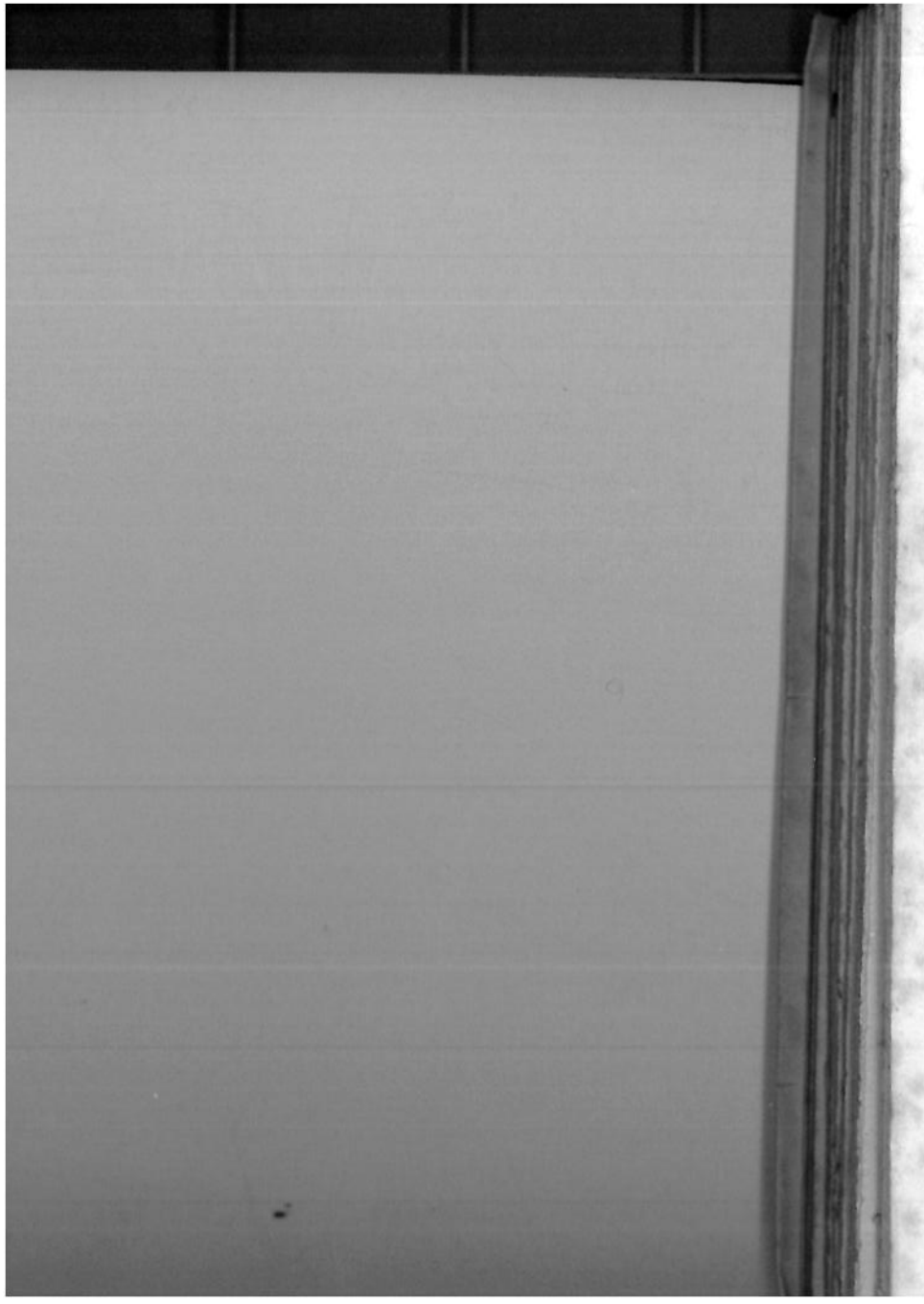
CORIOLANO M. MARTINS

2.ª EDIÇÃO

E' o livro sem concorrencia no assunto em lingua portuguesa, indispensavel aos alunos das Escolas de Comercio, aos Funcionarios dos Bancos, das Prefeituras, das Companhias de Seguros, da Fazenda Publica, enfim, a todos aqueles que preferem não entregar a terceiros o entendimento dos seus negocios comerciais e financeiros.

Peça em todas as livrarias do Brasil.

1 volume com mais de 400 paginas: Rs. 25$000



O INGLEZ

TAL QUAL SE FALA NO MOMENTO

M. Oliveira Malta

CONVERSAÇÃO, PRONUNCIA, GRAMATICA, LITERATURA, EXPRESSÕES E PARTICULARIDADES EM GERAL DA LINGUA INGLEZA E YANKEE. - EXTENSÃO VOCABULARIO.

Esta obra é destinada a difundir no Brasil o conhecimento da lingua ingleza por um processo essencialmente prático, rapido e atraentissimo. O estudante começa e termina o curso falando, tendo a alenta-lo profunda simpatia e vivo interesse. E' como se a seu lado estivesse um professor solicito para lhe ensinar a verdadeira pronuncia, a ortografia e a perfeita tradução da palavra ingleza. De acuradissima construção gramatical são os dialogos, onde se destacam giros de frases, locuções e, sobretudo, a indole desta lingua. Partindo do ponto de vista racional, aprende o inglez como aprendeu o patrio idioma. E é esta a base do sistema. O metodo é intuitivo e está ao alcance de todas as inteligencias, de todo o gráo de instrução e de todas as classes. Por isso, não precisa o aluno de outro auxilio, além deste livro, para a consecução de tão proveitoso designio.

O autor residiu muitos anos nas terras do Tio Sam, e lá, exercendo o professorado, coligiu parte dos materiais com que moldou a obra propriamente dita. Neste arduo labor, foi ajudado por excelsos mestres de pedagogia e ciencia de alguns dos grandes Institutos Pedagogico-cientificos de Nova York.

Eis ai um admiravel instrumento para o aprendizado da mais proficua lingua.

EDIÇÕES
CULTURA
MODERNA

Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS